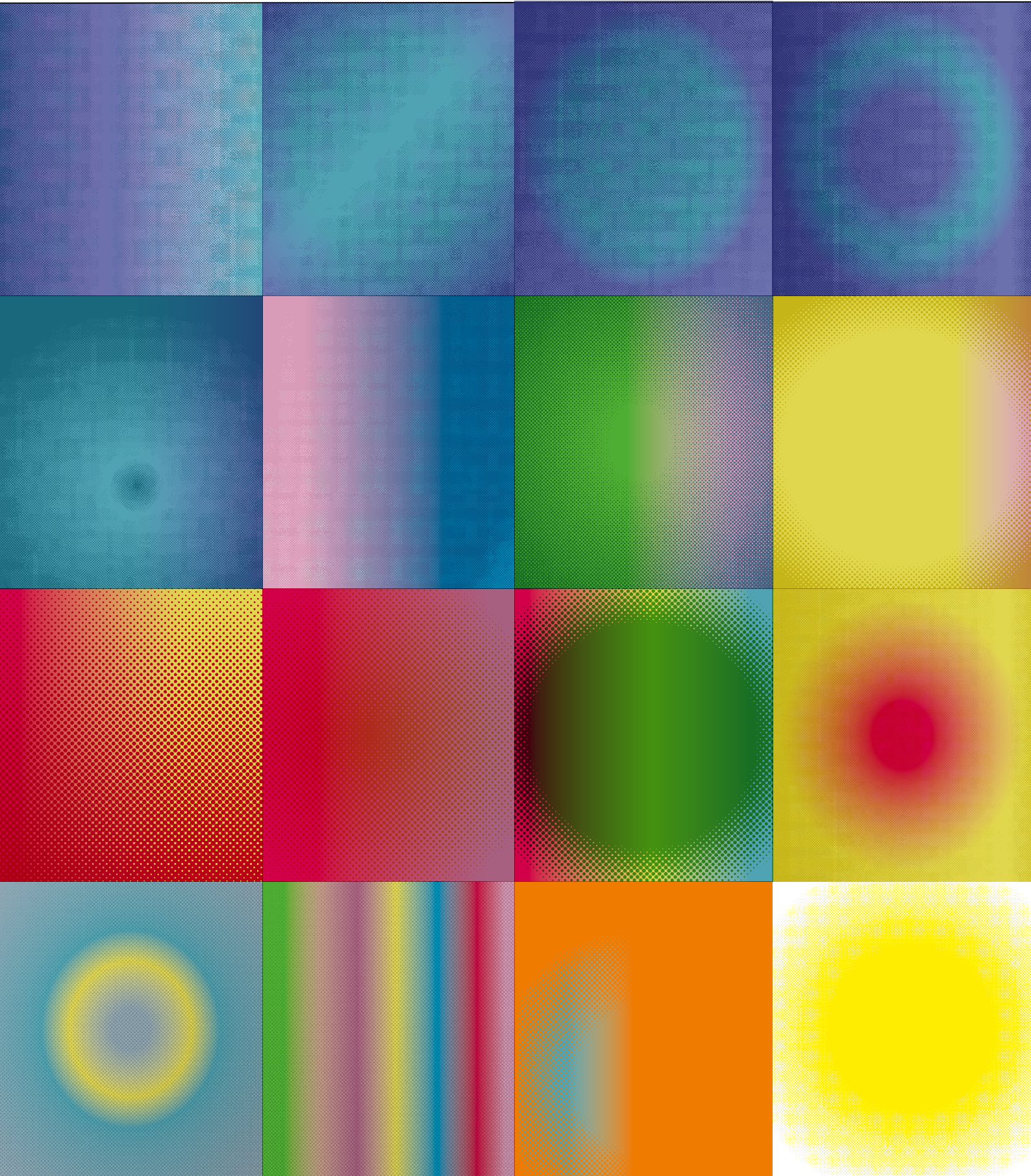




Temporada 2023 – 2024

UM CHÃO COMUM



Orquestras

4

Ópera

11

Sexta Maior

14

Atravessar o fogo

20

Concertos Comentados

23

Concursos

28

Festivais

29

Dança

32

Teatro

39

Há Fado no Cais

45

Take Off

48

Cinema

54

Pensamento

55

Fábrica das Artes

60

Centro de Arquitetura/Garagem Sul

72

Museu CCB

74

A programação da Temporada 2023-2024 pode ser alterada por motivos imprevistos.
Consulte sempre a programação atualizada em ccb.pt

Centro Cultural de Belém

Temporada 2023/2024 – *Um Chão Comum*

O Centro Cultural de Belém elegeu, como seu lema, uma ideia muito clara: a de que, como instituição dedicada às artes, tem como tarefa encontrar um chão comum entre as diferentes práticas artísticas, um campo de contacto entre os artistas e os públicos e estabelecer diálogos entre as diferenças de que as artes são constituídas.

Esta ideia simples é também uma reflexão sobre os tempos em que vivemos, demasiado clivados entre posições que não se questionam e que não parecem abertas a negociações. Parece-nos, como instituição cultural e artística, que a abertura ao outro, ao diverso e ao que não sabemos classificar é urgente e reflete uma necessidade social, estética e mesmo política. Desta forma, a programação que propomos para a temporada 2023/24 assenta nesta noção de abertura e diálogo iniciada na temporada anterior, agora que o Centro Cultural de Belém retomou a gestão plena dos seus espaços, com o Centro de Artes Performativas, a Fábrica das Artes dirigida a públicos jovens, ao Centro de Arquitetura/Garagem Sul e o Museu de Arte Contemporânea, que inaugurará, de forma plena, no outono.

Na articulação entre estas diversas valências, a temporada inclui projetos que se desdobram nos vários espaços, mantendo, no entanto, a atenção às áreas a que o CCB se tem, regularmente, dedicado, como a música erudita, a música improvisada, a dança, o teatro e a arquitetura, a que se juntam agora as artes visuais e a *performance*. A programação assume, ainda, uma outra dimensão da mesma ideia de chão comum: o olhar retrospectivo para o passado, rerepresentando projetos ao público que merecem ser revisitados, no pressuposto de que o presente e o futuro das práticas artísticas é feito de retornos e memórias que não se podem apagar.

Também a mediação e a educação serão focos centrais deste chão comum, com o surgimento do programa *Vem cá!*, que reúne toda a enorme oferta do CCB na sua relação com o ensino, os professores e as escolas, mas também para as famílias, com uma particular atenção às questões da acessibilidade, quer em termos sociais, quer no cuidado com os públicos com necessidades específicas. A próxima temporada trará, ainda, um festival de música em março, retomando uma tradição interrompida pela pandemia, mas agora aberto a várias formas musicais, sempre procurando a excelência artística.

Por fim, esta ideia de chão comum reflete-se na continuação das parcerias com organizações com as quais desenvolvemos coproduções (como a Metropolitana, a OPART, os Teatros Nacionais D. Maria II e São João, o Teatro Municipal do Porto, os festivais de Almada, Temps d'Images, Cumplicidades ou Alkantara).

Este será o nosso (dos artistas e dos públicos) chão comum: feito de diferenças e mudança, de abertura e diálogo.
Passo a passo, venham connosco pisar este chão.

Temporada 2023/2024
www.ccb.pt

Música Erudita

Para descobrir todos os palcos do CCB em formatos diferenciadores e horários específicos, a programação de música erudita para a temporada 2023/2024 traz o grande reportório ao longo dos tempos, em viagens cruzadas. A descoberta de sonoridades novas para a música portuguesa interpretada por músicos internacionais, a presença de nomes incontornáveis e solistas convidados.

Em 2024, assinala-se o centenário do nascimento de Joly Braga Santos (1924-1988). Para assinalar esta efeméride, ao longo da temporada, a música deste compositor português, eleito pela UNESCO como um dos dez melhores compositores de música contemporânea da sua época, será apresentada por diferentes intérpretes em vários concertos, revelando a sua música para orquestra, coro, música de câmara, música para piano solo e a cantata cénica *Dom Garcia*, estreada, em 1971, no 1.º Festival de Vilar de Mouros. Ainda transversal à programação é a produção musical contemporânea de Luís Tinoco.

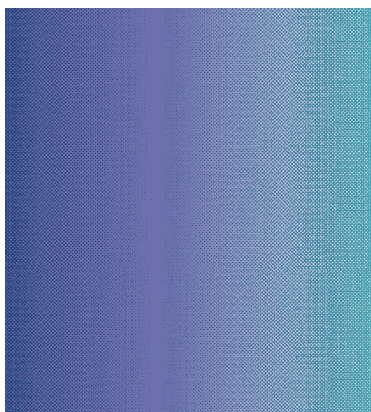
A programação de música erudita pensada para todo o tipo de públicos, invade os mais variados espaços, convencionais e não convencionais – em que há lugar até para a experimentação alternativa de atravessar o fogo nos sábados à noite. Está assim organizada em ciclos (*Orquestras*, *Ópera*, *Sexta Maior*, *Concertos Comentados* e *Atravessar o Fogo*), com dias e horários específicos e que permitem a fácil identificação da proposta, com o objetivo de permitir uma melhor fruição por parte do público.

Para facilitar a aproximação à música ou o seu aprofundamento, há vários mecanismos de mediação, tanto em forma de concerto comentado, como em sessões breves de introdução para que serão convidadas figuras com diferentes formas de ligação à música.

Cesário Costa
Programador de Música Erudita

Ciclos

Orquestras



O ciclo *Orquestras* apresenta algumas das obras mais emblemáticas do repertório sinfónico e coral-sinfónico. Organizado em regime de coprodução com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra Metropolitana de Lisboa, nas tardes de domingo, no Grande Auditório do CCB, ouviremos a *Oitava Sinfonia* de Bruckner, a *Oitava Sinfonia* de Shostakovich, a *Terceira Sinfonia* «Heroica» de Beethoven, a integral dos concertos para piano e orquestra de Beethoven, os concertos para violino e orquestra de Brahms e Prokofiev, a *Quarta Sinfonia* de Joly Braga Santos, entre outras obras de referência. Com a participação do Coro do Teatro Nacional de São Carlos, que em 2023 assinala os seus 80 anos, será apresentado o *Te Deum* de Bruckner, a *Missa Glagolítica* de Janáček e *Dixit Dominus* de Händel.

Neste ciclo destacam-se os solistas Frank Peter Zimmermann, François-Frédéric Guy, Artur Pizarro, Veriko Tchumburidzer, Julia Hagen, Dora Rodrigues, Maria Luísa de Freitas, Misha Didik, Jozef Benci e João Barradas, entre outros, e os maestros Antonio Pirolli, Pedro Neves, Enrico Onofri, Julia Jones, Jan Wierzbza, José Eduardo Gomes e Sebastian Perlowski.

Em estreia absoluta serão apresentadas duas obras de compositores portugueses: o *Concerto para acordeão e orquestra* de Luís Tinoco e o *Concerto para orquestra* de Miguel Azguime.

Os tradicionais concertos de Ano Novo e de Carnaval marcam, mais uma vez, presença na programação, esta temporada em dose dupla, com concertos ao final da manhã e à tarde.

Por último, com o objetivo de aproximar o público da música clássica, serão apresentadas, antes de alguns concertos, sessões explicativas sobre o repertório que será interpretado.

17 setembro 2023

Dom, 19h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



Concerto Inaugural – Sinfonia n.º 8 de Bruckner **Orquestra Sinfónica Portuguesa**

A Sinfonia n.º 8 do austríaco Anton Bruckner, a última que o compositor deixou completa, continua, desde a sua estreia nos finais do século XIX, a colocar a humanidade em estado de exaltada perplexidade. É uma das mais assombrosas sinfonias de todos os tempos e a verdadeira obra-prima deste compositor, considerado por muitos o maior autor sinfónico romântico. É uma construção gigantesca que nos obriga a percorrer vastas e variadíssimas paisagens formais e emocionais. Ouvir o seu monumental e sublime *Adagio*, um dos grandes e mais perturbantes monumentos do sinfonismo romântico, é uma experiência que nos pode convulsionar interiormente, é certo, mas Bruckner sabe salvar-nos dos abismos, purificando-nos com um titânico derradeiro andamento. Uma verdadeira catarse. A desmesura da obra obriga-nos a apreciá-la não como um quadro ou uma estátua. A única imagem apropriada é a de uma imensa catedral gótica.

Programa

Anton Bruckner (1824-1896) Sinfonia n.º 8 em Dó menor, WAB 108

Ficha artística

Direção musical **Antonio Pirolli**
Orquestra Sinfónica Portuguesa

29 outubro 2023

Dom, 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Sinfonia n.º 4 Italiana de Mendelssohn **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

Pela primeira vez, o maestro Enrico Onofri e a Orquestra Metropolitana de Lisboa interpretam juntos a mais célebre sinfonia inspirada em terras de Itália. Mas a viagem começa antes disso, com uma sinfonia dedicada em 1788 ao Rei da Prússia e selada em Espanha, onde Boccherini viveu as últimas quatro décadas da sua vida. O compositor italiano deixou-nos também uma dúzia de concertos para violoncelo. O Concerto em Si Bemol Maior terá sido composto por volta de 1770 e deve a sua popularidade à desenvoltura melódica do primeiro andamento, o que o torna incontornável no repertório dos grandes virtuosos do nosso tempo. É o caso da jovem violoncelista austríaca Julia Hagen. Seguem-se, por fim, as memórias recolhidas por Mendelssohn em 1830 aquando da sua visita a cidades como Veneza, Roma, Nápoles, Génova e Milão.

Programa

Luigi Boccherini (1743-1805) Sinfonia n.º 17, G. 519
Luigi Boccherini Concerto para violoncelo e orquestra n.º 9
Felix Mendelssohn-Bartholdy Sinfonia n.º 4 *Italiana*

Ficha artística

Violoncelo **Julia Hagen**
Direção musical **Enrico Onofri**
Orquestra Metropolitana de Lisboa

26 novembro 2023

Dom, 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Sinfonia n.º 3 *Heroica* de Beethoven **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

A música desperta impressões de lugares próximos e distantes, de tempos passados e futuros. Porém, venha de onde vier, é um fenómeno presente, próprio do momento em que acontece. Os compositores sabem isso bem. Este programa junta duas obras que, à distância de dois séculos, dialogam explicitamente com o mundo que as rodeia. A *Heroica* de Beethoven retratava em 1804 a luta do indivíduo por uma causa maior, fruto de uma idealização profundamente romântica. Já em 2019, Pedro Lima percorreu os horizontes da sua geração, tremidos pela crise climática, pela distopia digital e pela ameaça de um fim iminente. Pelo meio, Luís Tinoco estreia mais um concerto para solista e orquestra. Depois da trompa, do saxofone, do clarinete e do violoncelo, é chegada a vez do acordeão.

Programa

Pedro Lima (n. 1994) *Talkin(g) (A)bout My Generation*

Luís Tinoco (n. 1969) Concerto para acordeão e orquestra
(estreia absoluta/encomenda CCB)

Ludwig van Beethoven (1770-1827) Sinfonia n.º 3 *Heroica*

Ficha artística

Acordeão **João Barradas**

Direção musical **Pedro Neves**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Atividade paralela

Instalação sonora com as gravações de *Archipelago* e
Alepo e outros silêncios de Luís Tinoco

22 a 28 de novembro, Black Box

17 dezembro 2023

Dom, 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



Concerto de Natal – *Dixit Dominus* de Händel **Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa**

Em primeiro lugar, o Concerto n.º 9 para piano e orquestra de Mozart, vulgarmente conhecido como *Jeunehomme*, escrito aos 21 anos em Salzburgo e composto para Victoire Jenamy, que Mozart conhecera em Viena em 1773, filha do famoso bailarino e coreógrafo Jean-Georges Noverre. A obra apresenta traços surpreendentes para a época, como a intervenção do solista logo no início. «Uma das grandes maravilhas do mundo», como a caracterizou Alfred Brendel.

O *Dixit Dominus* comprova o extraordinário êxito que Händel obteve na sua primeira estadia em Roma, em 1707, sob a proteção do influente cardeal Carlo Ottoboni.

Foi este que contratou o jovem músico luterano para escrever motetos latinos para festividades de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Händel musicou, assim, entre abril e julho desse ano, alguns Salmos. Este *Dixit Dominus* em nove andamentos apresenta, como o texto exige, ambientes e climas musicais diversificadíssimos, da mais brilhante exuberância ao mais intenso dramatismo. É o mais antigo autógrafo musical de Händel e apresenta a linguagem do barroco italiano em todo o seu esplendor.

Programa

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) Concerto n.º 9 em Mi bemol Maior para piano e orquestra, K. 271

Georg Friedrich Händel (1686-1759) *Dixit Dominus*, HWV 232

Ficha artística

Piano **Artur Pizarro** Soprano **Raquel Alão**
Soprano **Carolina Raposo** Meio-soprano **Ana Ferro**
Tenor **João Rodrigues** Barítono **Carlos Pedro Santos**
Direção musical **José Eduardo Gomes**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos
(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)
Orquestra Sinfónica Portuguesa

1 janeiro 2024

Seg, 11h00 e 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Concerto de Ano Novo **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

A leveza frutada das valsas. O bruto e o seco das marchas. A segunda fermentação das polcas. Música fina, é tudo o que se espera do tradicional Concerto de Ano Novo da Metropolitana no CCB. É ocasião para desejar saúde, felicidade, prosperidade, paz... projetar novos filmes e novos guiões sobre os quais teremos sempre uma palavra a dizer. É tempo de escolher a banda sonora ideal para todas as situações. É o brinde perfeito!

Programa

Stanisław Moniuszko (1819-1872) Abertura da ópera *Halka*
Josef Strauss (1827-1870) *Moulinet - Polka française* op. 57
Johann Strauss II (1825-1899) *Frühlingsstimmen* op. 410
Joly Braga Santos (1924-1988) *Romance*
Johann Strauss II *Neue Pizzicato-Polka* op. 449
Johann Strauss II *Tritsch-Tratsch-Polka* op. 214
Stanisław Moniuszko Mazurka da ópera *Halka*
Johann Strauss II *Stadt und Land - Polka-Mazurka* op. 322
José Santos Rosa (1931-2020) *Polka da Risota*
Johann Strauss II *Im Krappfenwald*
Johann Strauss II *Unter Donner und Blitz*
Johann Strauss II *An der schönen blauen Donau* op. 314

Ficha artística

Direção musical **Sebastian Perłowski**
Orquestra Metropolitana de Lisboa

11 fevereiro 2024

Seg, 11h00 e 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Concerto de Carnaval **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

Os músicos da Orquestra Metropolitana de Lisboa têm umas contas a ajustar com as obras-primas da música clássica. Afinal, porque é que umas são mais primas do que as outras? Não estará na altura de chamar este assunto à razão? O Carnaval é pretexto sem igual. Falemos então de breves e colcheias, prelúdios e serenatas, pífaros e contrabaixos. Música, maestro!

Ficha artística

Direção musical **Jan Wierzba**
Orquestra Metropolitana de Lisboa

2 e 3 março 2024

Sáb, 21h00, Dom, 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Integral dos Concertos para piano de Beethoven **Orquestra Metropolitana de Lisboa**

Um dos aspetos que melhor distingue a música de Beethoven é a impressão de que nunca se restringe numa função recreativa, tão-pouco no aparato do virtuosismo técnico. Apresenta-se enquanto expressão de ideais, sugerindo uma relação privilegiada com o mundo e com a posteridade. Tornou-se assim universal, de tal modo que nos é hoje possível contemplá-la com a familiaridade de uma voz sempre presente, apesar de contar mais de dois séculos de existência. Esta aura resoluta da figura de Beethoven corresponde, porém, ao período intermédio da sua carreira, que foi anunciado pela Sinfonia *Heroica*. Já os seus cinco concertos para piano, permitem acompanhar o trajeto criativo que até aí o trouxe. Os primeiros três pertencem a uma fase anterior, quando as referências de Haydn e Mozart foram modelo para construir uma identidade própria. Os dois últimos espelham de forma mais evidente o ímpeto e a audácia que se tornaram sua «imagem de marca».

Programa

2 março

Ludwig van Beethoven (1770-1827) Concerto para piano e orquestra n.º 2

Ludwig van Beethoven Concerto para piano e orquestra n.º 3

Ludwig van Beethoven Concerto para piano e orquestra n.º 4

3 março

Ludwig van Beethoven (1770-1827) Concerto para piano e orquestra n.º 1

Ludwig van Beethoven Concerto para piano e orquestra n.º 5

Ficha artística

Piano e direção musical **François-Frédéric Guy**
Orquestra Metropolitana de Lisboa

28 março 2024

Qui, 21h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



Concerto de Páscoa – *Te Deum* de Bruckner **Orquestra Sinfónica Portuguesa e Coro do Teatro Nacional de São Carlos**

Esta versão do hino *Te Deum laudamus*, clara demonstração da veemência da Fé de Anton Bruckner, foi estreada em janeiro de 1886 no Musikverein de Viena. Gustav Mahler, seu grande admirador, escreveu na sua cópia da partitura: «para coro, solistas, orquestra e órgão *ad libitum* e para buscadores de Deus e corações castigados». Bruckner considerava a obra o «orgulho da sua vida». O início instala-nos imediatamente num ambiente intenso, com o coro em uníssono a proclamar em fortíssimo o louvor a Deus, ambiente que alterna com secções pacíficas e outras quase apocalípticas. É, seguramente, uma das mais veementes manifestações de Fé em toda a música do século XIX.

A outra obra em programa é a *Missa glagolítica* de Leoš Janáček, estreada em Brno em finais de 1927 e considerada uma das mais notáveis e importantes obras religiosas da primeira metade do século XX. A obra segue o *Ordinário da Missa Católica*, mas em vez da língua latina usa a antiga língua eslava. Daí o seu título. Tal como a obra de Bruckner, inicia-se com uma exuberante demonstração de Fé, musicalmente concretizada por triunfantes fanfarras dominadas pelos metais. Com esta obra, Janáček tentava uma celebração da cultura eslava.

Programa

Leoš Janáček (1854-1928) *Missa glagolítica*

Úvod - Einleitung - Introduction

Gospodi pomiluj - Herr, erbarme dich - Kyrie

Slava - Ehre - Gloria
Věruju - Ich glaube - Credo
Svet - Heilig - Sanctus
Agneče Božij - Lamm Gottes - Angus Dei
Varhany solo - Orgel solo - (Postludium)
Intrada (Exodus)

Anton Bruckner (1824-1896) Te Deum, WAB 45
Te deum laudamus – Allegro
Te ergo quaesumus – Moderato
Aeterna fac - Allegro, Feierlich, mit Kraft
Salvum fac populum tuum – Moderato
In te, Domine, speravi - Mäßig bewegt

Ficha artística

Soprano **Dora Rodrigues**
Meio-soprano **Maria Luísa de Freitas**
Tenor **Misha Didik**
Baixo **Jozef Benci**
Direção musical **Antonio Pirolli**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos
(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)
Orquestra Sinfónica Portuguesa

28 abril 2024

Dom, 17h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos



Sinfonia n.º 8 de Shostakovich **Orquestra Sinfónica Portuguesa**

A Sinfonia n.º 8 de Dmitri Shostakovich (*Sinfonia Stalinegrado*) foi estreada em Moscovo em novembro de 1943. Estruturada em cinco andamentos (o primeiro dos quais é um poderoso e surpreendente *Adagio*), é considerada uma das mais trágicas obras deste que foi, inquestionavelmente, um dos mais importantes sinfonistas do século XX.

A obra foi considerada como contrarrevolucionária e antissoviética. Não se percebia por que escrevia Shostakovich uma tão otimista Sétima Sinfonia (a Leningrado) no início da guerra, quando o Exército Vermelho estava em retirada, e escrevia música tão trágica quando o nazismo estava a ser destruído.

Segundo o compositor, queriam que ele escrevesse uma fanfarra, uma ode triunfal ao regime. Mais tarde clarificaria que as duas obras eram músicas de *requiem*. Ele deixara uma explicação algo enganadora aquando da estreia: «A minha recente Oitava Sinfonia não pôde deixar de ser influenciada pelas felizes notícias das vitórias do Exército Vermelho. Porém, não há acontecimentos concretos nela descritos. Marcada por conflitos interiores dramáticos e trágicos, é no fundo uma obra otimista.» «Otimismo» que, todos o sentiram, era difícil de se fazer ouvir.

Programa

Dmitri Shostakovitch (1906-1975) Sinfonia n.º 8 em Dó menor, op. 65

Ficha artística

Direção musical **Antonio Pirolli**
Orquestra Sinfónica Portuguesa

19 maio 2024

Dom, 19h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana



Concerto para violino e orquestra de Brahms Orquestra Metropolitana de Lisboa

O Concerto para violino e orquestra de Brahms sempre dividiu opiniões. O aparato sinfónico leva alguns a entenderem-no como um Concerto «contra» o violino, ao passo que outros, ao invés, acham ser um Concerto para violino «contra» a orquestra. Todos lamentam, ainda assim, que não tenha composto mais obras neste formato. Desentrola-se num equilíbrio que inquieta, numa sucessão de concordâncias, sobressaltos e melodias vibrantes. São quarenta minutos sublimes, assim confiados à interpretação do prestigiado violinista alemão Franz Peter Zimmermann e do maestro Pedro Neves à frente da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Antes disso, o belíssimo *Nocturno* composto por Joly Braga Santos aos dezoito anos de idade abre caminho à estreia absoluta de mais uma obra de Miguel Azguime – bem a propósito, um Concerto para orquestra.

Programa

Joly Braga Santos (1924-1988) *Nocturno*, op. 11

Miguel Azguime (n. 1960) Concerto para orquestra
(estreia absoluta/encomenda Metropolitana)

Johannes Brahms (1833-1897) Concerto para violino e orquestra, op. 77

Ficha artística

Violino **Frank Peter Zimmermann**

Direção musical **Pedro Neves**

Orquestra Metropolitana de Lisboa

26 maio 2024

Dom, 19h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Sinfonia n.º 4 de Joly Braga Santos Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa

Quem ouve o eletrizante segundo andamento (*Scherzo vivacissimo*), do Concerto n.º 1 para violino de Prokofiev, compreenderá a paixão que de imediato assolou Joseph Szigeti, presente na mornamente aplaudida estreia mundial da obra em outubro de 1923, em Paris. Foi paixão à primeira audição. O grande violinista passou a apresentar regularmente o concerto a todos os públicos do mundo. Estes, obviamente, ficaram também conquistados até aos nossos dias.

Joly Braga Santos morreu em 1988, com 64 anos, no apogeu da sua criatividade. Grande amante de ópera, deixou-nos uma vasta produção repartida por vários géneros. A sua Quarta Sinfonia teve duas versões, a segunda das quais, coral-sinfónica, foi estreada em 1968. Esta versão propunha um magnífico epílogo coral que permanece como uma das mais veementes homenagens à juventude na história da música portuguesa. O seu avassalador crescendo final continua a arrebatá-los entusiasticamente – uma das razões, sem dúvida, para que tivesse sido proposto como Hino Mundial da Juventude.

Programa

Sergei Prokofiev (1891-1953) Concerto para violino e orquestra n.º 1, op. 10

Joly Braga Santos (1924-1988) Sinfonia n.º 4, op. 16

Ficha artística

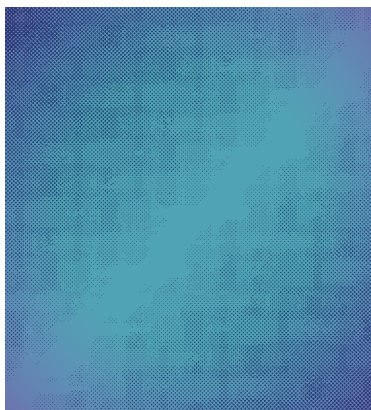
Violino **Veriko Tchumburidzer**

Direção musical **Julia Jones**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)

Orquestra Sinfónica Portuguesa



Ópera

A temporada de 2023/2024 apresenta quatro produções cénicas. A primeira, *Fidelio*, de Ludwig van Beethoven, é uma co-apresentação CCB, OPART/Teatro Nacional de São Carlos da produção do Staatsoper Hamburg e do Teatro Comunale di Bologna, com encenação de George Delnon e direção musical de Graeme Jenkins.

As restantes três produções serão dedicadas à música operática portuguesa. Com encenação de Ricardo Neves-Neves e direção musical de João Paulo Santos, será apresentada a opereta *Maria da Fonte* de Augusto Machado. Esta obra, recuperada pelo Laboratório de Ópera Portuguesa, foi estreada no Teatro da Trindade, em 1879, e é apresentada, nesta temporada, em estreia moderna.

Estreada no 1º Festival de Vilar de Mouros, em 1971, a *Cantata Dom Garcia* de Joly Braga Santos, será apresentada na programação do CCB com encenação de Fernando Gomes e direção musical de António Costa.

Por fim, em parceria com o Operafest Lisboa 2023, será apresentado o espetáculo *Grandes Cantores para a Ópera de Hoje*, construído a partir de árias ou excertos de óperas oriundos de compositores contemporâneos portugueses, num espetáculo encenado e interpretado por jovens cantores.

6 setembro 2023

Qua, 19h00, Pequeno Auditório, M/6

Parceria Centro Cultural de Belém, Companhia de Ópera do Castelo – Associação



Grandes Cantores para a Ópera de Hoje **Operafest Lisboa 2023**

O Operafest Lisboa 2023 apresenta, em parceria com o Centro Cultural de Belém, o espetáculo *Grandes Cantores para a Ópera de Hoje*, no âmbito do concurso de ópera contemporânea Maratona Ópera XXI, este ano apostando em cantores emergentes e na interpretação da ópera do nosso tempo, em português, em coprodução com o MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa.

O concurso Maratona Ópera XXI tem como principal missão projetar esta forma de arte total no futuro, promovendo a emergência de novos compositores, novas óperas, novos criativos e intérpretes, potenciando a criação de mais ópera contemporânea e trazendo-a para mais próximo dos intérpretes, do público e do mundo de hoje. O desafio é partindo de um alinhamento empolgante com árias ou excertos de óperas oriundos das últimas décadas de compositores portugueses como Alexandre Delgado, António Chagas Rosa, Daniel Moreira, Francisco Fontes, Sara Ross, entre outros, num espetáculo encenado interpretado por jovens cantores selecionados, avaliar os seus dotes na interpretação de ópera contemporânea portuguesa, e em particular em língua portuguesa, potenciando assim o fortalecimento da tradição do canto em português e a apropriação, especialização e difusão de repertório português de ópera contemporânea por novas gerações de intérpretes. Aos vencedores será atribuído o Prémio Carlos de Pontes Leça.

Ficha artística

Encenação **Rodrigo Aleixo**

Direção musical **Rita Castro Blanco**

Ensemble MPMP

Direção técnica e desenho de luz **Pedro Santos**

Legendagem **Francisco Lima da Silva**

Produção **Operafest Lisboa**

Coprodução **MPMP**

Júri:

Soprano e direção artística do OPERAFEST Lisboa **Catarina Molder**

Maestro e direção artística do MPMP **Jan Wierzba**

Maestro e programador do CCB **Cesário Costa**

Atriz e encenadora **Sandra Faleiro**

Musicólogo **Rui Vieira Nery**

12 e 14 novembro 2023

Dom, 17h00, Ter, 10h30 – Sessão para escolas

Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Coprodução Centro Cultural de Belém, OPART/Teatro Nacional de São Carlos, APARM-Academia Portuguesa de Artes Musicais, Santa Casa Misericórdia de Lisboa, Égide – Associação Portuguesa das Artes, Teatro do Elétrico, Culturproject



***Maria da Fonte*, de Augusto Machado**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa

Maria da Fonte, uma opereta muito nossa.

Maria da Fonte é o segundo título recuperado pelo Laboratório de Ópera Portuguesa, criado em 2022 e sediado no CCB. Trata-se de uma opereta de natureza cômica e satírica, bem ao jeito dos cânones da Geração de 70. Foi escrita por Augusto Machado, a partir de um libreto original da autoria de Batalha Reis, Gervásio Lobato e João Francisco de Eça Leal, tendo sido estreada no Teatro da Trindade em 1879. Muito embora o libreto não tenha chegado até aos nossos dias, a qualidade musical e a pertinência do tema justificou a sua escolha. Com direção musical de João Paulo Santos e encenação de Ricardo Neves-Neves, autor do libreto atual, a opereta *Maria da Fonte* apresenta a heroína popular como uma mulher intensa, corajosa, que, apesar de não se revelar com a força e convicções de uma Joana d'Arc, não se demite de uma certa consciência social. As maranhas originais não se perderam na recuperação da opereta de Machado. Falamos da intriga que envolve a própria personagem Maria da Fonte, o seu amante Ludovino (um agricultor rico) e a sua irmã, Joana, assente em fortes suspeitas de traição; e de uma conspiração entre o administrador local, Vilar, e o abade Cortições, que se subentende ser pai de Maria da Fonte e de Joana, para enviar os rapazes para o exército combater a ralé.

Ficha artística

Libreto e encenação **Ricardo Neves-Neves**

Direção musical **João Paulo Santos**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Maria da Fonte **Cátia Moreso**

Abade Cortições **Luís Rodrigues**

Ludovino **Marco Alves dos Santos**

Joana **Eduarda Melo**

Perpétua **Inês Simões**

Onofre **André Henriques**

Vilar **Tiago Matos**

Aniceto **João Merino**

21 e 23 janeiro 2024

Dom, 16h00, Ter, 19h00, Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Co-apresentação CCB, OPART/Teatro Nacional de São Carlos da Produção do Staatsoper Hamburg e do Teatro Comunale di Bologna



***Fidelio*, de Beethoven**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa

Foi em 1804 que Beethoven começou a trabalhar naquela que seria a sua única ópera – *Fidelio*. O projeto consistia numa nova versão da história de Leonore, uma história de amor, marcada por fortes ideais revolucionários, e que encaixava perfeitamente na personalidade e na ideologia beethoveniana – um jovem nobre, defensor da liberdade, é preso por um usurpador tirânico; uma mulher fiel e corajosa faz-se passar por um homem para salvar o prisioneiro da morte; um ministro faz triunfar a justiça libertando todos os prisioneiros políticos. Nessa altura, Viena tinha acabado de ser ocupada pelas forças napoleónicas e, como é óbvio, uma história destas não iria ser bem

vista pelas autoridades. Mesmo assim, Beethoven ainda conseguiu que a ópera fosse apresentada algumas vezes. Contudo, só em 1814, e após uma substancial revisão da ópera, é que esta teve condições para ser recebida com o sucesso de que ainda hoje é alvo.

Programa

Fidelio, op. 72b

Uma ópera de **Ludwig van Beethoven (1770-1827)**

Libretista **Joseph Ferdinand Sonnleithner (1766-1835)**

Ficha artística

Encenação **Georges Delnon**

Direção musical **Graeme Jenkins**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Orquestra Sinfónica Portuguesa

Florestan **Nikolai Schukoff**

Leonore **Gabriella Scherer**

Rocco **Joshua Bloome**

Marzelina **Susana Gaspar**

Don Pizarro **Boaz Daniel**

Jaquino **Leonel Pinheiro**

Primeiro Prisioneiro **Sérgio Martins**

Segundo Prisioneiro **Nuno Dias**

30 junho 2024

Dom, 19h00, Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Coprodução Centro Cultural de Belém, ARTPRODES

***Dom Garcia*, de Joly Braga Santos**

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

Em 1971, António Barge, médico de Vilar de Mouros, encomendou a três grandes vultos da cultura portuguesa uma obra emblemática para a inauguração do Festival de Vilar de Mouros: a Cantata Cénica *Dom Garcia*. Joly Braga Santos foi o compositor. Natália Correia e David Mourão Ferreira, autores do libreto. A referida obra foi composta para a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, grande coro sinfónico, cinco solistas cantores e seis declamadores.

Esta grandiosa Cantata é inspirada na história de D. Garcia e seus quatro irmãos (D. Sancho, D. Afonso, D. Elvira e D. Urraca), filhos do Rei D. Fernando, de Castela. A trama desenrola-se em torno da desavença entre os irmãos, quando o pai anuncia a divisão do reino. São travadas lutas fratricidas que culminam com o cativo de D. Garcia (tio-avô de D. Afonso Henriques, fundador de Portugal) no Castelo de Luna, local onde viria a sucumbir.

A memorável estreia desta obra esteve a cargo da Banda da Guarda Nacional Republicana, sob a direção do maestro Silva Dionísio.

Programa

Dom Garcia, op. 50

Uma ópera de **Joly Braga Santos (1924-1988)**

Libreto **Natália Correia (1923-1993)** e **David Mourão-Ferreira (1927-1996)**

Ficha artística

Encenação **Fernando Gomes**

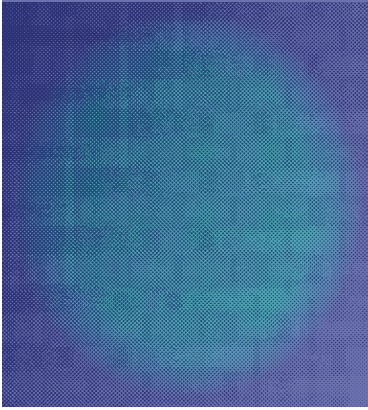
Direção musical **António Costa**

Coro Sinfónico Lisboa Cantat

Direção do coro **Jorge Alves**

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública

D. Fernando **José Raposo**
D. Garcia **Mário Redondo**
D. Afonso **Miguel Raposo**
D, Urraca **Leonor Seixas**
D. Elvira **Sara Belo**
Jogral **João Terleira**
Virgem **Bárbara Barradas**
Três avelaneiras **Filipa Bastos, Rita Mourão Tavares e Sara Afonso**



Sexta Maior

O ciclo *Sexta Maior* levará o público numa viagem desde a música antiga à música dos nossos dias. Teremos o *IV Livro de Madrigais* de Monteverdi interpretado pelo Concerto Italiano e dirigido por Rinaldo Alessandrini. Os Sete Lágrimas apresentam novos vilancicos sobre poesia portuguesa do século XVI, de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro e Pêro de Andrade Caminha, entre outros autores.

O Divino Sospino dá-nos a conhecer excertos de ópera, serenata e oratória do século XVIII de compositores portugueses, que foram determinantes na afirmação da linguagem musical no período barroco, em paralelo com a música de compositores europeus da mesma época. Os Músicos do Tejo apresentam por seu lado um programa com repertório barroco que inclui a estreia absoluta da *Suite Barroca*, do compositor Filipe Raposo, inspirada nas danças mais comuns desse período.

O tenor Ian Bostridge e o pianista Luís Duarte levam-nos por uma viagem bucólica pelo *lied*, através da *Bela Moleira* de Schubert. Os gostos da sociedade lisboeta em finais do século XIX são o ponto de partida para o recital de piano de João Costa Ferreira com obras, entre outros compositores, de Vianna da Motta e Chopin.

O Quarteto Leipzig apresenta com obras de Joly Braga Santos, Shostakovich e uma obra em estreia absoluta do compositor António Pinho Vargas. O DSCH – Schostakovich Ensemble dedica um recital à música de câmara de Schostakovich e os Drumming apresentam, logo a abrir este ciclo, um programa dedicado à música do compositor Luís Tinoco.

6 outubro 2023

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Percussão **Archipelago** **Drumming GP**

ARCHIPELAGO apresenta ao vivo obras gravadas no CD homónimo que foi lançado em 2019 pela editora norte-americana Odradek. Disco vencedor dos Prémios Play para melhor CD de música clássica/erudita 2019 e que obteve as melhores críticas nacionais e internacionais.

Este projeto resulta de uma longa colaboração entre o compositor Luís Tinoco e o Drumming Grupo de Percussão, e apresenta obras para um variado leque de combinações instrumentais, desde solos a quartetos de percussão passando por trios a quintetos de percussão com eletrónica.

Programa

Luís Tinoco (n. 1969)

Short Cuts (F)

Mind the Gap

Steel Factory

Archipelago

Spiralling

Fados Geneticamente Modificados

10 novembro 2023

Sexta-feira, 21h00, Sala a definir, M/6



Recital de piano

Florilégio Romântico

João Costa Ferreira

De fantasias, danças, peças líricas e variações se compõe este recital centrado em obras de Vianna da Motta que refletem os gostos da sociedade lisboeta dos finais do século XIX. A influência de Chopin faz-se representar pelas célebres *Fantaisie-Improvisada* e na *Valsa* op. 64 n.º 2, ao passo que o *Nocturno* de Fragoso espelha as tendências modernistas da época. Inclui-se as *Variações* de Joly Braga Santos numa efémera homenagem por ocasião antecipada da celebração dos 100 anos do seu nascimento.

Programa

Vianna da Motta (1868-1948) *Fantasia brilhante* sobre a ópera *Il Guarany* de Carlos Gomes, op. 34

Frédéric Chopin (1810-1849) *Fantaisie-impromptu*, op. 66

Vianna da Motta *Praia das Conchas, Quadrilha de Contradanças*, op. 22

Vianna da Motta *O Dia 20 de Maio, Quadrilha de Valsas*, op. 44

Frédéric Chopin *Valsa* op. 64 n.º 2

Vianna da Motta *Resignação, Melodia para a mão esquerda*

Vianna da Motta *Rondino*, op. 52

António Fragoso (1897-1918) *Nocturno em Ré bemol Maior*

Joly Braga Santos (1924-1988) *Variações*

Vianna da Motta *Variações sobre um tema original*, op. 47

15 dezembro 2023

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Música Antiga

Folia Nova – Nova Música Antiga sobre Poesia

Portuguesa dos séculos XV e XVI

Sete Lágrimas

O termo «folia» surge em fontes portuguesas do final do século XV e inícios do século XVI sendo referida no *Auto da Sibila Cassandra* do dramaturgo português Gil Vicente (c.1465–c.1536), escrito por volta de 1513, como uma dança interpretada por pastores. Durante um século esta estrutura musical (harmónica e rítmica) conquista toda a Península e afirma-se como um modelo popular em Itália, França ou Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII. Musicalmente, a folia divide-se em duas eras: a antiga que se estende de 1577 até 1674; e a tardia que se expande de 1672 a 1750 em França e Inglaterra. Em 2023, Filipe Faria e Sérgio Peixoto visitam a história desta estrutura para compor, em *Folia Nova*, novos vilancicos sobre poesia portuguesa do século XVI de Gil Vicente (c.1465 – c.1536), Bernardim Ribeiro (1482? – 1552?) e Pêro de Andrade Caminha (1520-1589), entre outros.

Ficha artística

Sete Lágrimas

Direção artística **Filipe Faria e Sérgio Peixoto**

Voz **Filipe Faria**

Voz **Sérgio Peixoto**

Vihuela e alaúde **Tiago Matias**

Contrabaixo **João Hasselberg**

Atividade paralela

Lançamento de livro de fotografia de Filipe Faria

15 dez, Sala de Leitura, horário a definir

12 janeiro 2024

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Recital de canto e piano ***A Bela Moleira de Schubert*** **Ian Bostridge e Luís Duarte**

À data da sua morte prematura aos 31 anos, em 1828, Franz Schubert havia já produzido um legado de cerca de 600 *Lieder* – género do romantismo alemão que une, intrinsecamente, poesia e música. *A Bela Moleira*, o primeiro grande ciclo do compositor austríaco, reúne poesia de Wilhelm Müller (poeta, filologista e historiador) e proporciona uma viagem bucólica que oscila entre um otimismo *naïve* e a angústia e o desespero perante um amor não correspondido.

Programa

Franz Schubert (1797–1828) *A Bela Moleira*, op.25, D 795

Das Wandern
Wohin?
Halt!
Danksgesang an den Bach
Am Feierabend
Der Neugierige
Ungeduld
Morgengruss
Des Müllers Blumen
Tränenregen
Mein!
Pause
Mit dem grünen Lautenbände
Der Jäger
Eifersucht und Stolz
Die liebe Farbe
Die böse Farbe
Trockne Blumen
Der Müller und der Bach
Des Baches Wiegenlied

16 fevereiro 2024

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Música de Câmara ***Schostakovich e Estaline*** **DSCH – Schostakovich Ensemble**

O DSCH – Schostakovich Ensemble apresenta um concerto dedicado à música de um dos mais fulgurantes e geniais compositores da História da Música do século XX: Dmitri Schostakovich.

O *ensemble* foi criado pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro em 2006, aquando do centenário do nascimento de Schostakovich, a quem presta homenagem na sua designação exaltando assim o seu ideal artístico do compositor de autenticidade e humanismo, de rigor e paixão, expresso no enigma musical de cariz autobiográfico encerrado na assinatura musical DSCH, um criptograma criado pelo compositor com base nas primeiras letras do seu nome e apelido, ou seja, o motivo musical temático «Ré - Mi bemol - Dó – Si», utilizado em algumas das suas obras mais significativas. Falecido em 1975 em Moscovo, Schostakovich é lembrado pelo seu relacionamento complexo com a União Soviética, numa época em que Estaline e as autoridades soviéticas atacaram as artes — incluindo a de Shostakovich — que consideravam desalinhasadas com a sua visão nacionalista. Durante a sua vida, Shostakovich escreveu música em protesto implícito ao domínio soviético, bem como obras intensamente nacionalistas, navegando numa vida dupla entre a liberdade artística

e a repressão. Neste concerto, serão interpretadas obras-primas do seu legado criativo, entre as quais a Sonata para violoncelo e piano, composta na década de 1930, quando Schostakovich sofreu os primeiros e violentos ataques no *Pravda*, jornal oficial do Partido Comunista soviético, e o célebre Quinteto com piano, pelo qual Schostakovich recebeu em 1941 o Prémio Estaline.

Programa

Dmitri Schostakovich (1906-1975)

Trio n.º 1, op. 8

Sonata para violoncelo e piano, op. 40

5 Peças para 2 violinos e piano

Quinteto com piano, op. 57

8 março 2024

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Música de Câmara

O Som do Silêncio

Quarteto Leipzig

Pouco parecerá, a uma primeira impressão, unir os três quartetos de cordas de Joly Braga Santos, António Pinho Vargas e Dmitri Shostakovich propostos neste recital. No entanto, é mais aquilo que os une do que o que os separa. Escritos com apenas três anos de intervalo (1957 e 1960), os quartetos de Braga Santos e Shostakovich revelam um momento de viragem na obra dos seus autores, o português em direção a uma música mais áspera e despojada, e o soviético em direção aos seus últimos quartetos, obras de uma imensa concentração expressiva e conteúdo autobiográfico. António Pinho Vargas, cuja música partilha com a de Shostakovich um certo *pathos* trágico, *pathos* que denota uma inquietação existencial única na música portuguesa recente, dar-nos á a conhecer o seu 5.º Quarteto, confirmando-se assim como o compositor português moderno mais significativo no que toca a este género maior da música de câmara.

Programa

Joly Braga Santos (1924-1988) Quarteto n.º 2

António Pinho Vargas (n. 1951) Quarteto n.º 5 (estreia absoluta/encomenda CCB)

Dmitri Schostakovich (1906-1975) Quarteto n.º 8

5 abril 2024

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Música Barroca

Suite (a + b) Suites de Compositores Barrocos e de Filipe Raposo

Os Músicos do Tejo

Este projeto fundamenta-se na nossa convicção em implicar e implicarmo-nos na criação atual. Pensamos que é muito saudável não só nos dedicarmos à redescoberta do património musical português e repertório barroco, mas também lançarmos novos desafios aos nossos criadores contemporâneos. Exemplos passados são convites ao realizador Pedro Costa, ao guitarrista e compositor Miguel Amaral, ao videasta Nuno Cera, ao compositor Eero Hämeenniemi. Neste sentido, lançámos o repto ao compositor e pianista Filipe Raposo, com o qual partilhamos afinidades artísticas e pessoais. Admiramos muito o seu trabalho, quer na música improvisada quer na composição e, depois de assistirmos à música que escreveu para acompanhar o filme *Metropolis*, de Fritz Lang, a ideia do Filipe Raposo compor para o nosso grupo começou a germinar. Como o Filipe Raposo gosta muito de música barroca e depois de várias conversas preparatórias, chegámos à conclusão que a Suite Barroca de danças

poderia ser um mote de inspiração. *Allemandes, menuets, courantes, sarabandes, passepieds, gíques*, entre outras, são um terreno fértil para a criatividade jorrar. Combinámos também que o próprio compositor irá integrar a orquestra, desta feita tocando órgão positivo. É também uma forma de manter os músicos alerta para novas exigências que estimulem proficiência musical e técnica pois serão certamente confrontados com harmonias e ritmos diferentes do habitual e, por seu turno, poderão contribuir também com a sua visão experienciada dos modelos utilizados. Foi também muito positiva a abertura do CCB, instituição com a qual temos uma relação com um grande historial (aliás, foi neste espaço cultural que começámos a nossa existência) para este tipo de programação inovadora.

Estamos em crer que será uma experiência inesquecível e a primeira pedra de uma nova linha de desenvolvimento do nosso percurso. – **Os Músicos do Tejo**

Programa

Filipe Raposo (n. 1979) Suite Barroca

(estreia absoluta/encomenda d’Os Músicos do Tejo)

Obras de **J. S. Bach, J. B. Lully, M. Marais, A. C. Destouches e F. Raposo**

Ficha artística

Direção musical **Marcos Magalhães e Marta Araújo**

3 maio 2024

Sexta-feira, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Música Barroca

Della Gloria e Dell’Onore

Divino Sospiro

Com este programa, a orquestra Divino Sospiro propõe um ponto de vista sobre a produção e circulação da Ópera, da Serenata e da Oratória, possivelmente estes últimos, os dois géneros musicais mais frequentes em Portugal durante o século XVIII, centrando-se no contributo desta nação, e propondo um percurso paralelo, dividido em duas partes pelas principais etapas de afirmação estético-musical que se desenvolveram na Europa e em particular, em Portugal, exemplificadas por autores que foram fundamentais na determinação do caminho e da afirmação da linguagem musical do Barroco, para o que viria a ser o estilo Clássico. O resultado é um quadro rico em pontos de contacto, mas não isento de traços de originalidade e extravagância. Um ponto de vista sobre a produção e circulação dos mais elevados modelos estéticos na produção musical europeia, centrando-se nos seus reflexos na produção portuguesa e no seu contributo para a circulação musical da época. Somos confrontados com uma visão da Europa através do filtro desse cosmopolitismo, que sempre foi uma chave de leitura aguda e peculiar na história sociopolítica e cultural de Portugal, e que faz deste país um dos lugares mais identificáveis daquilo a que hoje chamamos a pátria cultural europeia.

Programa

1.ª parte

A vanguarda europeia

A Grande Tradição do Barroco Italiano

G. Bononcini (1670–1747) Ária *Fugge il tempo*, da oratória

La conversione di Maddalena (A.Q.)

O ápice do estilo europeu

G.F. Händel (1685-1759) Recitativo *accompagnato* e ária *Pure del cielo - Tu del Ciel ministro eletto* da oratória *Il trionfo del tempo e del disinganno*

A Escola instrumental italiana e a disseminação na Europa

G. Tartini (1692-1770) Concerto para cordas D6 (estreia mundial)

Do Galante às vanguardas do clássico

J. A. Hasse (1699-1783) Dueto

O estilo reformado

N. Jommelli (1714-1774) Recitativo *accompagnato*
O come al sonno alletta, da serenata *Endimione* (R.F.)

2.ª parte

A prospectiva de Portugal

A Escola instrumental italiana e a disseminação na Europa

C. Seixas (1704-1742) Sinfonia em Sol menor

O ápice do estilo italiano

F. A. Almeida (c.1702 - 1755?) Dueto para *Perché soffri i falli miei*,
da serenata *Ippolito*, (A.Q./ R.F.)

A. Mazzoni (1717-1785) Abertura, da ópera *Antigono*

Do Galante

P. A. Avondano (1714-1782) Ária *Questi al cor* da oratória *Morte d'Abel* (A.Q.)

As vanguardas do clássico

J. Sousa Carvalho (1745-c.1798) - Ária *Se l'interno affanno mio*,
da ópera *Alcione (mezzo)* (R.F.)

O estilo reformado

N. Jommelli Recitativo e Dueto, *finale* 1.ª parte, *Tante volte, mio tesoro*,
da Serenata *Endimione* (A.Q. / R.F.)

Ficha artística

Soprano **Ana Quintans**

Meio-soprano **Rita Filipe**

Direção musical e artística **Massimo Mazzeo**

Divino Sospiro

7 junho 2024

Sexta-feira, 21h00, Foyer do Grande Auditório (Piso 2), M/6

Música Antiga

Monteverdi: IV Livro de Madrigais

Concerto Italiano



O Concerto Italiano, criado por Rinaldo Alessandrini, nasceu em 1984. A sua história sobrepõe-se à história do renascimento da música primitiva em Itália. Monteverdi, Bach e Vivaldi foram os principais compositores sobre os quais o grupo foi capaz de renovar a linguagem da música antiga, revelando completamente um novo aspeto estético e retórico. Após 33 anos, as gravações do Concerto Italiano ainda são consideradas, por críticos e público, versões de referência, refletindo o significado definitivo que o grupo tem sido capaz de dar aos seus esforços e às suas realizações. Neste concerto, ouviremos *IV Livro de Madrigais* de Monteverdi, a cinco vozes, composto em 1603, com textos de Giovanni Battista Guarini, Ridolfo Arlotti, Torquato Tasso, entre outros.

Programa

Claudio Monteverdi (1567-1643) *IV Livro de Madrigais*

Ah dolente partita, SV 75

Cor mio, mentre vi miro, SV 76

Cor mio, non mori?, SV 77

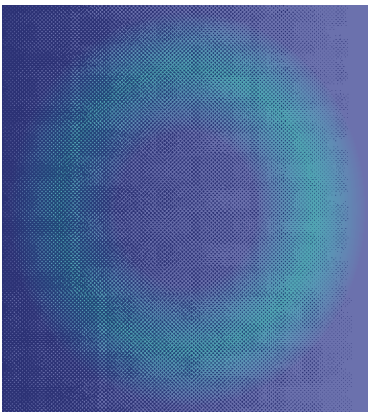
Sfogava con le stelle un infermo d'amore, SV 78

Volgea l'anima mia soavemente, SV 79
Anima mia, perdona a chi tè cruda, SV 80^a
Che se tu se' il cor mio, SV 80b
Luci serene e chiare voi mincendete, SV 81
La piaga c'ho nel core donna onde lieta sei, SV 82
Voì pur da me partite, anima dura, SV 83
A un giro sol de' bell' occhi lucenti, SV 84
Ohimè se tanto amate, SV 85
Io mi son giovinetta, SV 86
Quel augellin che canta sì dolcemente, SV 87
Non più guerra pietate occhi miei belli, SV 88
Sì ch'io vorrei morire hora ch'io bacio amore, SV 89
Anima dolorosa che vivendo, SV 90
Anima del cor mio poi che da me misera me, SV 91
Longe da te, cor mio, struggomi di dolore, SV 92
Piagn'e sospira e quandi caldi raggi, SV 93

Ficha artística

Direção musical **Rinaldo Alessandrini**

Concerto Italiano



Atravessar o fogo

Atravessar o fogo é ver o que se esconde do lado de lá. Um ato de libertação e curiosidade que se traduz num ciclo de oito concertos entre outubro de 2023 e maio de 2024, com a curadoria de Martim Sousa Tavares e a presença de alguns dos intérpretes mais singulares no plano nacional e internacional. Música para quebrar barreiras, em horários e espaços menos comuns, que convida a novas formas de estar e de escutar.

14 outubro 2024

Sábado, 22h30, Foyer do Grande Auditório, M/6

Quarteto de cordas com eletrónica e DJ set

Ouvidos para que vos quero

Gabriel Prokofiev e Quarteto Ignius

Gabriel Prokofiev, compositor, DJ e produtor visionário, emerge da cena londrina para se apresentar pela primeira vez em Lisboa num *DJ set* em tempo real, misturando a batida dos seus quartetos para cordas, tocados ao vivo pelo Quarteto Ignius. Se temos ouvidos, não é para isto que servem?

Programa

Gabriel Prokofiev (n. 1975)

Quarteto de cordas n.º 1

Quarteto de cordas n.º 2

4 novembro 2024

Sábado, 22h30, Foyer do Grande Auditório, M/6



Quarteto com piano, vibrafone, marimba, violino, violoncelo e harpa ***Música em velocidade cruzeiro*** **Spindle Ensemble**

De Bristol para o mundo, os Spindle Ensemble gravam para a muito seletiva Hidden Note, numa linguagem que conjuga o prazer dos timbres frescos com a mistura desassombrada entre géneros. Clássica, contemporânea, vanguardista, *low-fi*, improvisatória e imprevisível, a música dos Spindle Ensemble é a viagem que eles querem e nós também.

Programa

Música do disco *INKLING* dos Spindle Ensemble

2 dezembro 2024

Sábado, 22h30, Foyer da Sala Sophia de Mello Breyner Andresen, M/6



Quarteto de pianos ***88^a ou Piano ao Quadrado*** **Kukuruz Quartet**

Não é todos os dias que se juntam quatro pianos. Também não é todos os dias que se ouve a música hipercarregada de energia, provocação e libertinagem de Julius Eastman. O Kukuruz Quartet traz na mala um programa cheio de música fresca para qualquer par de ouvidos, onde o ponto alto promete ser a catarse sonora a jorrar das composições de Eastman.

Programa

Julius Eastman (1940-1990) Fuga n.º 7 para 4 pianos

Mark Applebaum (n. 1967) Estreia mundial de peça para quatro pianos

Julie Herndon (n. 1986) *When the machine rhymes with my body*

Anícia Kohler (n. 1982) *Lueget*

Julius Eastman *Evil Nigger*

20 janeiro 2024

Sábado, 22h30, Foyer do Grande Auditório (Piso 2), M/6



Dueto fluído com violinos, harpa, piano e eletrónica ***Mirror Image*** **Echo Collective**

Os Echo Collective caracterizam-se por trazer o público para uma atmosfera de som em que se esbatem quaisquer barreiras entre quem ouve e quem toca, tal como os géneros, estéticas e linguagens em que navegam.

Em ambiente de proximidade, o *ensemble* originário da Bélgica irá propor o conceito de som 4D, trabalhando a fluidez tímbrica entre os diferentes instrumentos, sempre tocados por apenas dois instrumentistas. *Mirror Image* é uma experiência sonora imersiva que foi concebida em 2023 pela dupla e já apresentada em Bruxelas, Amesterdão e Londres.

Programa

Apresentação do concerto *MIRROR IMAGE*, composição e interpretação de Margaret Heimant e Neil Leiter

24 fevereiro 2024

Sábado, 22h30, Foyer do Grande Auditório, M/6



Quarteto de Cordas ***Is This The Real Life*** **Attacca Quartet**

Se há vezes em que a música contemporânea é boa para adormecer, a do disco *REAL LIFE* do Attacca Quartet promete o contrário: é *upbeat*, do nosso tempo e a puxar o pé para uma pista de dança imaginária. O aclamado quarteto nova-iorquino, que não conhece barreiras e já tem um Grammy no bolso, vem a Lisboa fazer amigos novos e mostrar como se faz.

Programa

Apresentação do disco *REAL LIFE* ao vivo.

16 março 2024

Sábado, 22h30, Foyer da Sala Sophia de Mello Breyner Andresen, M/6



Piano, sintetizadores e eletrónica ***Piano 2.0*** **Francesco Tristano**

Quantos músicos haverá que um dia estão a gravar as suítes de Händel e no seguinte a fazer um *set* de três horas numa discoteca? Provavelmente só Francesco Tristano. O pianista, improvisador e mago das linguagens da pista de dança traz a Lisboa a sua visão 2.0 para o que pode ser um recital de piano, enriquecido por um arsenal de sintetizadores, pedais de efeitos e ferramentas para sequenciar a música ao vivo.

Programa

Música escolhida e improvisada no momento por Francesco Tristano

20 abril 2024

Sábado, 22h00 + 00h00, Centro de Arquitetura/Garagem Sul, M/6



Recital imersivo com acompanhamento de piano ***Le fils des étoiles* de Erik Satie** **Joana Gama**

É no contexto do primeiro Salon Rose+Croix que Joséphin Péladin cria a peça teatral *Le fils des étoiles*, com música de Erik Satie. Passados mais de 130 anos desde a estreia, Joana Gama resgata essa partitura da escuridão e apresenta-a num ritual inspirado no ambiente místico e artístico da época. Música celestial, sem princípio nem fim, tão forte quanto suave. Música que se evapora, que se ouve de olhos fechados. Os movimentos são lentos, solenes. Ao fundo, uma visão do Sublime.

Programa

Erik Satie (1866-1925) *Le fils des étoiles*

Ficha artística

Conceção e interpretação **Joana Gama**

Design de som **Suse Ribeiro**

Design de luz **Frederico Rompante**

18 maio 2024

Sábado, 22h30, Jardim do Pequeno Auditório, M/6



Ensemble de Guitarras Elétricas

Go Guitars

Quinteto de Guitarras

Amplificadas, etéreas, distorcidas, multiformes ou polirrítmicas. Quais cavaleiros alados do apocalipse, um esquadrão de cinco guitarras elétricas aterra num jardim suspenso no CCB, com vista rasgada a dar para o Tejo e uma paisagem de sons raras vezes ouvida. No bolso, uma mão cheia de música nova e o já lendário *Electric Counterpoint*, que Steve Reich escreveu para Pat Metheny.

Programa

James Tenney (1934-2006) *Septet*

Larry Polansky (n. 1954) *Septet*

Lois V. Vierk (n. 1951) *Go Guitars*

Steve Reich (n. 1936) *Electric Counterpoint*

Concertos Comentados

Os concertos comentados de domingo de manhã, às 11 horas, apresentam uma programação pensada para as famílias e para todos aqueles que pretendem conhecer os segredos de uma partitura e as histórias que os compositores quiseram contar com a sua música.

Num ambiente informal, o público poderá descobrir *O Carnaval dos Animais* de Saint-Saëns, os *Carnavais para piano* de Schumann, *As Quatro Estações* de Vivaldi (na versão de Dresden com instrumentos de sopro), a música de câmara de Joly Braga Santos, Côrte-Real e Fauré, a música coral, os *Cantos Sefardins* de Lopes-Graça, e por último, uma viagem pelos sons imaginários e da natureza, através da música para percussão de Philip Glass.

Cesário Costa

Programador de Música Erudita

1 outubro 2024

Domingo, 11h00, Pequeno Auditório, M/6



Música Coral

EmCantos

Coro Ars Vocalis

O Coro Ars Vocalis apresenta-se num concerto que respira leveza, levar um novo ambiente coral, com uma linguagem eclética, entre o espírito meditativo e de oração, sempre abraçados pela energia africana, e harmonias quentes dos espirituais negros. Um concerto premiado com a obra *Breeze of Peace*, do compositor Rui Paulo Teixeira, encomenda do Coro Ars Vocalis.

Concerto comentado por Catarina Furtado

Programa

Michael Barrett & Ralf Schmitt (arr.) *Indodana*

John Newton (arr. Steven Milloy) *Hlohonofatsa*

Rui Paulo Teixeira *Breeze of Peace*

John Newton (arr. Steven Milloy) *Amazing Grace*

Edwin R. Hawkins *Oh happy day*

Greg Gilpin & John Parker *Nothing gonna Stumble*
Daniel Hughes *Babethadanza*
Christopher Tin *Baba Yetu*
Jacob Narverud *Kuimba Nafsi yangu*
Jacob Narverud *Sisi Ni Moja*
Paul Halley *Freedom Trilogy*
Jeffery L. Ames (Trad. Zulu) *Tshotsholoza*

19 novembro 2024

Domingo, 11h00, Pequeno Auditório, M/6



Música de Câmara **Centenários** **Trio Pangea**

Em 1924, morre o compositor francês Gabriel Fauré e nasce o compositor português Joly Braga Santos. Em 2024, celebram-se assim dois centenários, uma dupla efeméride que o Trio Pangea assinala num concerto de homenagem a estas duas figuras emblemáticas da história da música ocidental.

Concerto comentado por Alexandre Delgado

Programa

Joly Braga Santos (1924-1988) Trio op. 64

Nuno Côrte-Real (n. 1971) Sonata holandesa, op. 30

Gabriel Fauré (1845-1924) Trio em Ré menor, op. 120

10 dezembro 2024

Domingo, 11h00, Pequeno Auditório, M/6

Duração: 70 min.



Música Coral

VERBUM

Nova Era Vocal Ensemble

VERBUM é um programa que explora a abordagem dos compositores europeus no século XIX e XX ao texto poético. Durante o espetáculo, o público poderá escutar ciclos de canções de Johannes Brahms, Maurice Ravel, Joly Braga Santos, Eric Whitacre e John Rutter, que se interligam na busca pela harmonização de melodias, algumas das quais populares. Foi encomendada uma peça ao compositor Miguel Carvalho, utilizando o recurso à Inteligência Artificial (IA). O texto utilizado nesta estreia será criado pela IA, como resumo dos poemas utilizados no concerto.

Um conceito que será utilizado na música coral pela primeira vez em Portugal.

Concerto comentado por Alexandre Delgado

Programa

Johannes Brahms (1833-1897) *Drei Quartette*, op. 112

Maurice Ravel (1875-1937) *Trois Chansons*

Joly Braga Santos (1924-1988) *Quatro Canciones*

Eric Whitacre (n. 1970) *Five Hebrew Love Songs*

John Rutter (n. 1945) *Five Traditional Songs*

Miguel Carvalho (n. 1997) *IA*

(estreia absoluta/encomenda do Nova Era Vocal Ensemble)

Anders Edenroth (n. 1963) *Words*

Ficha artística

Direção musical **João Barros**

Piano **Maria João Maia**

Violino **Markéta Chumová**

4, 5 e 7 janeiro 2024

Quinta e sexta, 11h00 e 14h30 – Sessões para escolas
Domingo, 11h00, Pequeno Auditório, M/6



Percussão **...Até Ao Mar** **Pulsat Percussion Group**

Baseado na curta-metragem infantil realizada por Bill Mason e produzida pela National Film Board Canada, *Paddle to the Sea* é uma jornada pelo mundo aquático e um verdadeiro hino à natureza. Neste concerto, evoca-se um dos mais importantes recursos do planeta, a Água. Numa viagem pelos canais de rios e mares, o público é transportado para um mundo de sons imaginários e da natureza – uma ousadia à versatilidade da percussão.

Concerto comentado por Susana Henriques

Programa

Mátyás Wetzl (n. 1987) *Nocturne*

Philip Glass (n. 1937) *Paddle to the Sea*

Philip Glass *Águas da Amazônia* (excertos)

Ficha artística

Percussão **André Dias, Marco Fernandes, Nuno Simões, Pedro Góis**

4 fevereiro 2024

Domingo, 11h00, Pequeno Auditório, M/6



Música Barroca **As Quatro Estações de Vivaldi** **Ludovice Ensemble**

As Quatro Estações de Vivaldi são das obras mais famosas de toda a História da Música. Será possível encontrar uma «versão alternativa» destes acrobáticos concertos para violino, com ainda mais cores e efeitos surpreendentes? Como soariam quando tocadas pelo grande violinista alemão Pisendel, aluno e amigo de Vivaldi, e a orquestra da corte de Dresden, na Saxónia? Tão imaginativa e rica de contrastes como os concertos «con molti strumenti» que o compositor veneziano escreveu para o seu amigo e para a mais famosa orquestra europeia do seu tempo? Neles, a par do omnipresente violino – aqui um incrível instrumento de Francesco Rugeri, feito em Cremona em 1680, e esplendorosamente tocado pela virtuosa Alfia Bakieva – brilham pares de flautas, oboés e trompas, mas também o fagote, o violoncelo e o cravo. Uma oportunidade única para redescobrir obras-primas de Vivaldi, as mais e as menos conhecidas, todas elas interpretadas com a combinação do rigor histórico e o entusiasmo sempre atual a que nos habituou o Ludovice Ensemble.

Concerto comentado por Fernando Miguel Jalôto

Programa

Antonio Vivaldi (1678-1741) Concerto para a orquestra de Dresden

Antonio Vivaldi Concerto *L'Primavera*, op. 8 n.º 1

Antonio Vivaldi Concerto *L'Estate*, op. 8 n.º 2

Antonio Vivaldi Concerto *Il Proteo ò il mondo al roverscio*

Antonio Vivaldi Concerto *L'Autunno*, op. 8 n.º 3

Antonio Vivaldi Concerto *L'Inverno*, op. 8 n.º 4

Ficha artística

Ludovice Ensemble

Violino solo **Alfia Bakieva**

Cravo, direção musical e comentários **Fernando Miguel Jalôto**

14 abril 2024

Domingo, 11h00, Sala a definir, M/6



Recital de piano
Os Carnavais de Schumann
Jorge Moyano

Neste programa percorrem-se os três Carnavais escritos ao longo da década 1830-40, na qual toda a sua produção é consagrada ao piano. Dos *Papillons* op. 2 – 1830 – que ilustram musicalmente um baile de máscaras extraído de uma obra literária, ao Carnaval de Viena – 1839 – concebido após uma estadia pouco feliz na capital austríaca. Pelo meio, o Carnaval op. 9 – 1835 – galeria de retratos em que Chopin ou Paganini contracenam com Pierrot e Arlequim, sem esquecer as duas personalidades do próprio Schumann, Florestan e Eusebius.

Concerto comentado por Jorge Moyano

Programa

Robert Schumann (1810-1856) *Papillons*, op. 2

Robert Schumann *Carnaval*, op. 9

Joly Braga Santos (1924-1988) *Pastoral*

Robert Schumann *Carnaval de Viena*, op. 26

12, 14 e 15 maio 2024

Domingo, 11h00

Terça e quarta-feira, 11h00 e 14h30 – Sessões para escolas
Pequeno Auditório, M/6



Ensemble instrumental
***O Carnaval dos Animais* de Saint-Saëns**
Camerata Alma Mater

O Carnaval dos Animais de Saint-Saëns é uma suite em catorze andamentos que apresenta sucessivamente o desfile de diferentes animais. Pensada para ser interpretada numa Terça-feira de Carnaval, esta «fantasia musical zoológica» tornou-se uma das obras mais famosas do compositor francês. Neste concerto serão solistas os pianistas Paulo Oliveira e Francisco Cabral.

Concerto comentado e narrado por Beatriz Brás

Programa

Camille Saint-Saëns (1835-1921) *O Carnaval dos Animais*

Ficha artística

Piano **Paulo Oliveira**

Piano **Francisco Cabral**

Camerata Alma Mater

Desenho em tempo real **JAS**

2 junho 2024

11h00, Pequeno Auditório, M/6

Recital de Canto e Piano
CANTOS SEFARDINS E OUTROS...
André Baleiro, Ana Ferro e José Brandão

Este programa ergue-se em torno das doze canções de inspiração sefardita compostas por Fernando Lopes-Graça entre 1969 e 1971, tendo por base uma coletânea de cantos que lhe teria sido dada a conhecer por Michel Giacometti. Não são claros os

motivos pelos quais Lopes-Graça se interessou pela música de tradição judaica hispano-portuguesa, podendo apenas especular sobre o assunto.

Só muito recentemente dadas em estreia, na sua versão para voz e piano — seis, de entre elas, foram orquestradas em 1971— permanecem, em grande medida, desconhecidas do público português. São, contudo, um notável conjunto de canções de cariz profano, evidência da mestria da escrita pianística do compositor. Outros, refletem nas suas opções pelos temas da música judaica, a sua própria herança cultural, casos de Darius Milhaud e de Leonard Bernstein, também neste programa, que termina com uma seleção dos cantos hebraicos de Lord Byron, escritos para o amigo e cantor judeu Isaac Nathan. Seguindo o modelo da poesia sacra, Byron demonstra nelas a sua empatia e solidariedade para com a causa judaica, de um povo disperso e apátrida, ele, que foi sempre um defensor das causas dos mais desvalidos.

Na reinvenção que faz dos textos bíblicos do Antigo Testamento, Byron não ilude uma certa transgressividade da norma, e a sensualidade travestida dos seus versos conseguiu, à época, suscetibilizar as sensibilidades mais religiosas.

Concerto comentado por Paulo Ferreira de Castro

PROGRAMA

Fernando Lopes-Graça *Doze Cantos Sefardins*

1. *A la una nací yo*
2. *Noches, noches*
3. *A la nana*
4. *Arvolera, arvolera*
5. *Arvoles yoran*
6. *Cuando el rey Nimrod*
7. *Si savías, gyoya mia*
8. *Durmo la nochada*
9. *Una noche yo me armí*
10. *Morenica sos*
11. *El s'asentó*
12. *Un cavritico*

Maurice Ravel Duas melodias hebraicas
Kaddisch; L'enigme éternelle (O enigma eterno)

Darius Milhaud Dos Poemas judaicos, op.34
Chant de forgeron (Canto do ferreiro) (anón.)
Chant de nourrice (Canto da ama) (anón.)

Maurice Ravel Dos Cantos populares
Chanson hébraïque (Canção hebraica)

Leonard Bernstein Das Árias e Barcarolas
Oif mayn Khas'neh (No meu casamento) (Yankev-Yitskhok Segal)

Robert Schumann

Mein Herz ist schwer, op. 25, n.º 15 (A minha alma está pesada) (Lord Byron)
An den Mond, op. 95 n.º 2 (À Lua) (Lord Byron)

Hugo Wolf

Sonne der Schlummerlosen (Sol dos que não dormem) (Lord Byron)
Keine gleicht von allen Schönen (Nenhuma das filhas de Vénus) (Lord Byron)

Meio-soprano **Ana Ferro**

Barítono **André Baleiro**

Piano **José Brandão**

Concursos

7 outubro 2023

Sáb, 19h00, Sala Luís de Freitas Branco, M/6
Parceria Centro Cultural de Belém

Grupo de Música Contemporânea de Lisboa 6.º Concurso Internacional de Composição Jorge Peixinho

Concerto de apresentação das obras laureadas no VI Concurso Internacional de Composição Jorge Peixinho/Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, uma iniciativa do GMCL. Este concurso pretende ser um incentivo à criação musical e à divulgação do trabalho dos compositores, contribuindo para o incremento do repertório contemporâneo de música de câmara. O júri é constituído por Ivan Fedele (presidente), Gerhard Stabler, João Madureira, Carlos Caires, Isabel Soveral, Jaime Reis, Jorge Sá Machado e Kunsu Shim (convidado especial). Neste concerto realizar-se-á a entrega dos prémios das obras finalistas ao Prémio GMCL/Cidade de Lisboa. Além das obras premiadas, o programa do concerto contará com obras de Jorge Peixinho e de Gerhard Stabler. A edição deste ano conta com o Alto Patrocínio de Sua Excelência O Presidente da República.

Ficha artística

Direção musical **Rui Pinheiro**
Meio-soprano **Susana Teixeira**
Flauta **João Pereira Coutinho**
Clarinete **Luís Gomes**
Violino **José Sá Machado**
Viola **Ricardo Mateus**
Violoncelo **Jorge Sá Machado**
Harpa **Inês Cavalheiro**
Piano **Dana Radu**
Percussão **Fátima Juvandes**

3 dezembro 2023

Dom, 11h00, Sala a definir, M/6
Parceria Centro Cultural de Belém

7.º Concurso Internacional de Clarinete de Lisboa

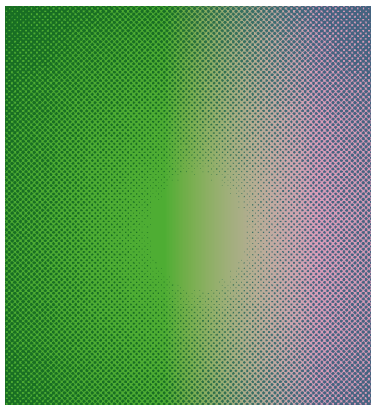
O Concurso Internacional de Clarinete de Lisboa é organizado pela Associação Cultivarte em parceria com a Fundação Inatel.

De dois em dois anos, este evento traz a Lisboa os melhores jovens clarinetistas a nível mundial, sendo já uma referência internacional entre os concursos internacionais de clarinete. A 7.ª edição, que decorrerá entre 30 de novembro e 3 de dezembro de 2023, contará, como sempre, com um júri internacional de alto prestígio, presidido pelo professor Michel Arrignon.

Festivais

Temps D'Images 13 e 14 outubro 2023

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Pequeno Auditório, M/16
Coapresentação Centro Cultural de Belém, Temps D'Images



Teatro

***Temos apenas o presente* de Manuela Marques**

Duas pessoas perdidas, num espaço etéreo, procuram uma saída, amparando-se mutuamente. Neste particular lugar é difícil decifrar e imaginar o exterior, porque importa mais dar corpo e voz ao que é interior, a tudo o que é invisível e, ainda, incompreendido pelo ser humano. Mesmo sendo delicado, é imperativo trazer para o plano da perceção certas dores, estigmatizadas e relevadas.

«X» e «Y» são os eixos da trama, que se perspectiva com a atenção de «Z».

Quem? Onde? Como? Ou porquê? São perguntas para as quais, decerto, não se terá uma resposta fácil. Ninguém está imune de sair do eixo, porque há, claramente, zonas encobertas em todos os indivíduos, o que contamina as suas relações: existir.



Ficha artística

Direção artística e texto **Manuela Marques**

Interpretação **Mariana Monteiro e Mauro Hermínio**

Realização **Rita Nunes**

Cenografia **Diogo Dias João**

Tradução **Eva Tecedeiro**

Desenho de luz **Daniel Worm D' Assumpção**

Fotografia e sonoplastia **João Hasselberg**

Grafismos **Tomás Gouveia**

Produção executiva **Lysandra Domingues**

Equipa de filmagem A definir

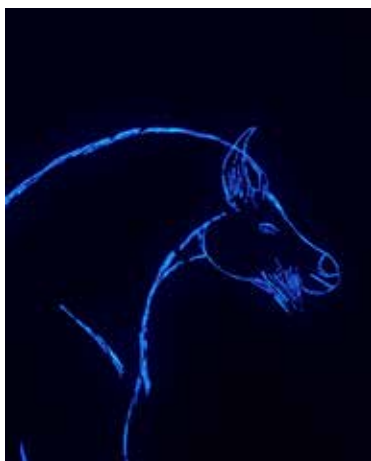
Produção **má-da-faca**

Apoios **Centro Cultural de Belém, c. e. m.- centro em movimento, Centro Cultural Malaposta, ETIC – Escola de Tecnologias Inovação e Criação, EMAV – Empresa de Meios Audiovisuais, Festival Temps D' Images, GRÄFFENBERG, PARQ. Mag**

Agradecimentos **Ana do Carmo, Cristina Vilhena, Elisabete Massano, Leonor Fonseca, Leonardo Marques, Maria João Fiuza, Mariana Brandão, Paula Morais, Sérgio Baptista, Sofia Neuparth**

Temps D'Images 10 e 11 novembro 2023

Sex e Sáb, 21h00, Black Box
Coapresentação Centro Cultural de Belém, Temps D'Images



Teatro

***O Cavalo* de André de Campos**

Temps D'Images

Cavalo é a última peça da trilogia dos animais, começada em 2019 por André de Campos. Esta nova criação segue a linha de pensamento de *Sapo*, na busca da representatividade autobiográfica, dando continuidade à abordagem das mesmas questões de luta de classes, carimbadas na sociedade portuguesa.

Em *Cavalo*, é feita uma ponte temporal entre a década de noventa e a atualidade, focando-se na problemática da toxicoddependência nos bairros periféricos da zona de Lisboa. Partindo de um ponto de vista pessoal, retratando questões relacionadas com a família, o artista transpõe-se como exemplo, para uma problemática ainda bastante presente, um flagelo que afeta comunidades inteiras, omitida pelos meios de comunicação, pelo «embelezamento» de uma cidade e segregação de classes sociais mais empobrecidas.

Ficha artística

Conceito e *performance* **André de Campos**

Sonoplastia **Diogo Melo**

Figurinos **Eloisa d'Ascensão**

Desenho de luz **Vera Martins**

Assistência dramaturgica **Maurícia Barreira Neves**

Olhar externo **Ana Rocha**

Temps D'Images 1 e 2 junho 2024

Sáb e Dom, 19h00, Black Box

Coprodução Centro Cultural de Belém, Temps D'Images



Teatro

Cosmic Phase/Stage

Em *Cosmic Phase/Stage* o espaço teatral é habitado por seres humanos e não-humanos, que se movem num mundo pós-digital alternativo e necessariamente especulativo. A constante alteração do sujeito referencial da ação faz com que o público tenha de ajustar as suas dinâmicas de interação e percepção. Este objeto funde as separações entre o espaço da *performance* e da instalação, tornando-se um lugar de utopia e filosofia, que procura a reflexão sobre a relação entre arte e tecnologia.

Alkantara Festival 17, 18 e 19 novembro 2023

Sex, 21h00, Sáb, 19h00 e 21h00, Dom, 16h00 e 19h00, Black Box

Coprodução Centro Cultural de Belém, Alkantara Festival



Dança

Pai para Jantar de Gaya de Medeiros

Entre um encontro íntimo e a magia do palco há muita coisa, mas qual a menor distância entre essas duas instâncias? *Pai para Jantar* é um jogo entre Gaya, Gil e o público, que tenta esmiuçar a masculinidade de forma poética e bem-humorada. A *performance* brinca com os modos como agenciamos palavras, afetos e arquétipos ao redor da ideia de «ser homem». Feita em grupos pequenos, a *performance* sugere um caminho subjetivo em direção ao lastro dos nossos pais que perdura na nossa personalidade e que está na base de muitos desejos e fracassos. Um encontro entre uma mulher-talho e um minotauro que se perdeu no seu próprio labirinto.

Gaya de Medeiros

Belém SoundCheck 21 a 24 março 2024

Qui a dom

Coprodução Centro Cultural de Belém, Égide - Associação Portuguesa das Artes

Celebramos o início da primavera com quatro dias de concertos que reúnem o melhor da música nacional e estrangeira.

Parceiros do Festival **Égide-Associação Portuguesa das Artes, EGEAC e Instituto Italiano de Cultura de Lisboa**

Festival de Almada 12 e 13 julho 2024

Sex, 21h00. Sáb, 19h00, Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE

Coapresentação Centro Cultural de Belém, Festival de Almada

Dança

***Relative Calm* de Lucinda Childs/Robert Wilson**

Festival de Almada



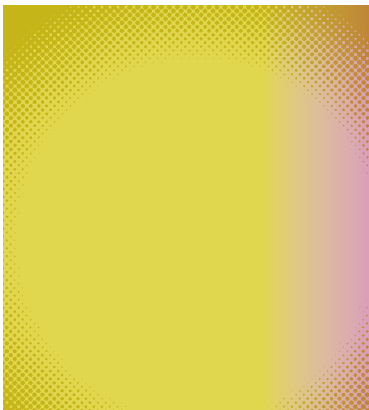
Em meados dos anos setenta, pedi à Lucinda para participar na minha produção de *Einstein on the Beach*, a ópera que criei com Philip Glass. Desde então, ela atuou em várias das minhas obras. Alguns anos mais tarde, em 1981, perguntou-me se eu poderia fazer a iluminação e cenário para uma peça de dança que estava a criar com música de Jon Gibson no Kitchen. 40 anos mais tarde - durante os dias de isolamento da pandemia - decidimos criar um novo trabalho juntos e pensámos em começar a partir desta memória. Depois de um *workshop* em Toulouse, em julho, e um segundo *workshop* em Roma, quisemos alargar o trabalho inicial que tínhamos feito e surgiu a sugestão de coreografar a *Pulcinella* de Stravinsky. Gostei da ideia de Stravinsky ser um contraponto central às composições contemporâneas de Jon Gibson e John Adams. Por isso, estruturámos a obra para ser em três partes e fazer uma noite completa de dança, música, imagens e luzes.

Gosto do trabalho de Stravinsky. É um mundo completamente diferente, com diferente espectro de cores, diferente e, portanto, estruturalmente interessante para mim.

Lidei com o *Pulcinella* da mesma forma como lido sempre com as obras existentes: Respeito o mestre, mas não quero tornar-me escravo do mestre, por isso faço-o à minha maneira. Todo o meu teatro é, de certa forma, uma máscara de música e texto; a imagem cénica é algo que vemos e o que ouvimos é algo diferente. Neste sentido, é clássico, como no teatro grego, os atores eram todos mascarados, ou no teatro Noh e no Bunraku do Japão, o Kathakali da Índia. Eu vejo no meu trabalho - em todos os meus trabalhos - a imagem do palco, o cenário como sendo uma máscara, e por trás da máscara ouvimos algo.

Embora o meu trabalho tenha mudado ao longo dos anos - comecei a fazer teatro no final dos anos 1960, início dos anos 1970 até hoje - é sempre a mesma mão e o mesmo corpo e é como uma árvore: às vezes está numa tempestade ou às vezes perde as folhas, mas é sempre a mesma árvore. Todo o meu trabalho é uma coisa só nesse sentido.

Com a Lucinda partilho um sentido de tempo e de estrutura, e isso é muito raro, por isso as nossas colaborações são, de certa forma, de segunda mão, não precisamos de falar muito porque pensamos da mesma maneira. - **Robert Wilson**



Dança

Com a reposição de uma peça de Francisco Camacho, *GUST*, em parceria com o Teatro Municipal do Porto, inicia-se a nova temporada, em setembro, mês também para visitar e comemorar os 10 anos da dupla Jonas&Lander, com duas peças marcantes do seu percurso - *Lento e Largo*, *Coin Operated* e *Cascas d'Ovo*. Pela primeira vez em Lisboa iremos receber duas companhias de dança espanholas, com raízes no flamenco, Estévez y Paños, com *La Confluencia*, em novembro, e em fevereiro de 2024, Manuel Liñan, também em estreia nacional, com *Viva!* Dois nomes que têm vindo a ganhar grande visibilidade internacional.

Soirée D'Études, peça do bailarino e coreógrafo Cassiel Gaube, apresenta-se no Pequeno Auditório e no Grande Auditório teremos a estreia em Lisboa da coreógrafa argentina Marina Otero, com *FUCK ME*, peça que tem enchido os maiores teatros europeus.

O Ballet Nacional de Cuba, companhia criada por Alicia Alonso e que esteve em Portugal em 1975, regressa em maio ao Grande Auditório, com a superior qualidade da sua escola de dança clássica.

Continuamos a apresentar novos criadores no âmbito das nossas parcerias com o Festival Temps D'Images, Cumplicidades e Alkantara. O percurso de João Fiadeiro conhecerá uma ampla abordagem programática que se estenderá por vários espaços da Fundação sob a designação *Introspectiva*.

Fernando Luís Sampaio

Programador de Teatro, Dança e Músicas Plurais

23 set 2023

Sáb, 19h00, Grande Auditório



Francisco Camacho ***GUST9723***

Gust é uma obra de 1997, dirigida por Francisco Camacho com dramaturgia de André Lepecki, inspirada pela fotografia *A Sudden Gust of Wind (Uma Súbita Rajada de Vento)*, de Jeff Wall. Os corpos são projetados em movimento por causas exteriores, complicando a noção de livre vontade. Constrói-se sobre os escombros e sombras de uma paisagem imaginária, onde o acidente promete a mudança.

Considerada por muitos como a obra mais emblemática de Camacho da década de 1990, a construção de *Gust* é enquadrável enquanto *devising performance*, sem um guião pré-definido e num processo colaborativo. Em *Gust9723*, o trabalho foi o de fazer com que aquele *Gust* de então venha não do (seu) passado, mas de uma renovada vontade de lhe oferecer um (outro) futuro.

O Centro Cultural de Belém e o Teatro Municipal do Porto uniram-se para remontar uma obra marcante do património coreográfico português. Sete membros do elenco original e outros oito novos intérpretes fazem parte desta remontagem, cruzando corpos marcados pelo tempo e outros, que começam agora a acumular memórias.

Francisco Camacho

Ficha artística

Direção artística **Francisco Camacho**

Dramaturgia **André Lepecki**

Assistente de direção artística **Pietro Romani**

Música **Sérgio Pelágio**

Cenário **Rafael Alvarez**

Desenho de luz e direção técnica **Frank Laubenheimer**

Interpretação **Beatriz Marques Dias, Beatriz Valentim, Begoña Mendéz,**

Bruno Senune, Carlota Lagido, Filipa Francisco, Francisco Rolo, João Oliveira, Magnum Soares, Mariana Tengner Barros, Marta Coutinho, Miguel Pereira, Rolando San Martín, Sara Vaz, Sofia Kafol

Direção de produção **Lucinda Gomes**

Produção executiva e administração financeira **Teresa de Brito**

Produção executiva **Tiago Sgarbi**

Produção **Eira**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Municipal do Porto**

A Eira é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal/Ministério da Cultura e Direção-Geral das Artes.

22 e 24 set 2023

Sex, 21h00, Dom, 19h00, Black Box



Jonas&Lander | 10 Anos

Cascas d'Ovo

Cascas d'Ovo nasceu da necessidade de explorar uma comunicação telepática, sobre-humana, enquanto expoente máximo da conexão relacional de um casal. *Cascas d'Ovo* oferece a experiência de uma nova dimensão de diálogo, onde se repensam as relações sociais e as suas formas de expressão: o teatro como microcosmos da sociedade que submerge o público no silêncio e na música de corpos que comunicam.

Peça distinguida como Priority Company 2014 pela rede europeia Aerowaves.

22 e 24 set 2023

Sex, 19h00, Dom, 17h00, Foyer do Grande Auditório (Piso 2)



Jonas&Lander | 10 Anos

Coin Operated

Coin Operated surge no percurso artístico de Jonas&Lander no seguimento do convite da BoCA – Biennial of Contemporary Arts. Neste convite, a dupla foi instigada a desenvolver as suas práticas num contexto museológico, podendo alastrar o seu interesse para o domínio da escultura, vídeo, música, etc. Surge então o híbrido *Coin Operated*, uma instalação-*performance* direcionada para espaços não convencionais, onde o diálogo com o público é direto e a continuidade da *performance* depende das dinâmicas desse mesmo diálogo. A mutação entre instalação e *performance* ocorre através do público que é convidado a introduzir moedas de 1€ na ranhura de dois cavalos onde Jonas e Lander estão sentados numa imobilidade asfíxiante. A partir desse momento, em que se dá a conexão entre cavalo e moeda, a instalação termina para dar lugar à *performance*. Com esta obra, Jonas&Lander pretendem uma nova aproximação ao espectador, em que o mesmo passa a ter um papel ativo na consequência e dinâmica da ação, celebrando-se um diálogo inesperado a cada apresentação.

29 set 2023

Sex, 21h00, Pequeno Auditório



Jonas&Lander | 10 Anos
Lento e Largo

Lento e Largo introduz um ambiente cénico baseado e influenciado pelo trabalho de Hieronymous Bosch, onde Jonas&Lander introduzem *performers* robóticos e humanos para criar um apocalipse visual. Numa paisagem irreal, ambas as entidades irão socializar, dançar, beijar, ordenar e obedecer, de igual para igual. Cada intérprete é capaz de realizar ações impossíveis para outros intérpretes, de forma a serem exploradas as fronteiras e especificidades de cada organismo. Estes robôs irão dar músculo a um universo absurdo vestindo e expondo materiais orgânicos como peles, escamas ou chifres inspirados na taxidermia pária de Enrique Gomez de Molina. *Lento e Largo* é uma qualidade específica da música clássica para descrever um certo tempo e atmosfera inundados pela tristeza. A amplitude desta atmosfera influencia as ações e coreografias que podem transbordar do palco até os limites da sala.

18 nov 2023

Sáb, 19h00, Grande Auditório

Classificação etária: A classificar pela CCE



Estévez/Paños y Compañía
La Confluencia

La Confluencia é uma nova interpretação das raízes dos códigos da arte flamenco. O flamenco é a nossa língua principal. A sua grande variedade de estilos, possibilidades e nuances cria um ponto de encontro no qual todos os conceitos e essências do que desejamos expressar são procurados e encontrados. A arte flamenco nasce das culturas caucasiana, cigana, judaica, mourisca e negritude que se juntam em solo andaluz espanhol. O objetivo do projeto denominado *La Confluencia* é a criação de uma coreografia que utiliza a linguagem da dança flamenco contemporânea e procura inspiração no seu passado e na arte contemporânea. *La Confluencia* é o próprio flamenco!

Rafael Estévez & Valeriano Paños

26 e 27 jan 2024

Sex, 21h00, Sáb, 19h00

Pequeno Auditório



Cassiel Gaube
Soirée d'études

Soirée d'études nasceu da paixão de Cassiel Gaube pelo vocabulário da dança doméstica, da qual explora as potenciais intersecções com as abordagens composicionais da dança contemporânea. Concebida como uma série de peças curtas e interligadas, esta *soirée* [noite] coreográfica é um *pas de deux* para três, com os bailarinos a passarem o chão uns para os outros para comporem duos diferentes.

Sustentada por um processo de mapeamento das possibilidades cinestésicas desta prática, *Soirée d'études* desconstrói o léxico da *house dance* para melhor brincar com ela. Desde o seu *groove* característico até às várias formas de trabalho de pés, os diferentes aspetos deste estilo são sucessivamente examinados, trazidos à luz e honrados. Um *étude*, no sentido musical da palavra, é uma composição concebida como uma ocasião para explorar as possibilidades de uma técnica particular, a fim de experimentar com elas. Aqui, Cassiel Gaube, inspirado em particular pelas obras de Bruno Beltrão e William Forsythe, explora a lógica corporal e musical do seu estilo de dança mais amado.

Coreografia **Cassiel Gaube**
Interpretação **Cassiel Gaube, Alesya Dobysh, Anna Benedicte Andresen/
Waithera Schreyeck**
Dramaturgia **Liza Baliasnaja, Matteo Fargion, Manon Santkin,
Jonas Rutgeerts**
Som **Marius Pruvot**
Apoio técnico e luz **Luc Schaltin**
Produção **Hiros**
Distribuição **ART HAPPENS**

Coprodução **La Ménagerie de Verre, Centre Chorégraphique National de Caen en Normandie dans le cadre de l'Accueil-studio, Kunstencentrum BUDA (Kortrijk), workspace-brussels, wpZimmer, C-TAKT, CCN-Ballet national de Marseille dans le cadre de l'accueil studio / Ministère de la Culture, KAAP, Charleroi danse, La Manufacture CDCN Nouvelle-Aquitaine Bordeaux – La Rochelle, Danse élargie 2020, CND Centre national de la danse, les ballets C de la B dans le cadre de résidence Co-laBo, La Place de la Danse – CDCN Toulouse / Occitanie dans le cadre du dispositif Accueil Studio, CNDC Angers, Le Phare – CCN du Havre Normandie, Le Dancing CDCN Dijon Bourgogne-Franche-Comté**
Com o apoio de **Flemish Government, Kunstenwerkplaats, Teatro Municipal do Porto, Iaspis The Swedish Arts Grants Committee's International Programme for Visual Artists, Tanzhaus Zürich, School van Gaasbeek, Le Quartz – Scène nationale de Brest, ONDA**
Agradecimentos **Erik Eriksson, Yonas Perou, Federica «Mia» Miani, Diego «Odd Sweet» Dolciami**

26 jan 2024

Sex, 14h00, Sala SEGA, Duração: 2h, M/16
Para alunos e profissionais de dança

Cassiel Gaube **Soirée d'études – Masterclass**

Aproveitando as apresentações que Cassiel Gaube vai fazer no CCB, do espetáculo *Soirée d'études* (dias 26 e 27 janeiro), propomos uma *masterclass* que pretende dar a conhecer o estilo próprio deste coreógrafo, proporcionando um momento de conhecimento e formação a alunos e profissionais de dança.

O bailarino e coreógrafo Cassiel Gaube formou-se na Performing Arts Research and Training Studios (P.A.R.T.S.) em Bruxelas e ao longo de vários anos dedicou-se à aprendizagem da prática da *House dance*. Atualmente o seu trabalho coreográfico situa-se na interseção da dança contemporânea com as danças de rua e de discoteca. Desde 2019 que Cassiel Gaube assimila e enriquece o vocabulário deste estilo de dança em peças com uma energia aparentemente inesgotável.

Com duas horas de duração, a *masterclass* terá um nível intermédio, para pessoas maiores de 16 anos e com alguma experiência de dança. As aulas serão dadas em inglês. Não se esqueça de trazer roupa confortável e uma garrafa de água.

16 e 17 fev 2024

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Grande Auditório

Compañía Manuel Liñán **¡VIVA!**



¡VIVA! é uma canção à liberdade de movimento, onde os papéis de género, num mundo codificado como o flamenco, são quebrados com alegria e prazer, criando novos terrenos que, embora inexplorados, não estão distantes.

Um intérprete generoso e sedutor de poder vertiginoso, Manuel Liñán há muito que é elogiado pela sua generosidade e sinceridade, com a qual quebra as regras do flamenco.

¡VIVA! apresenta bailarinos masculinos vestidos com trajes tradicionalmente femininos, expondo as muitas expressões de identidade vivas dentro de cada corpo humano. Uma transformação que nem sempre implica uma forma de mascarar, mas sim uma nudez, uma revelação. Numa chave celebrativa, Liñán propõe a pluralidade da dança flamenca, tanto através das suas diferentes formas como da sua singularidade. E fá-lo com seis bailarinas/os, que se encarregarão de explorar e mergulhar neste universo fascinante do flamenco *queer*.

Ficha artística

Direção, direção coreográfica e interpretação **Manuel Liñán**

Apoio à cena **Alberto Velasco**

Direção coreográfica **Manuel Liñán**

Bailarinos e coreógrafos **Manuel Liñán, Manuel Betanzos, Jonatán Miro, Hugo López, Miguel Heredia, Víctor Martín e Yoel Ferrer**

Música **Francisco Vinuesa, Víctor Guadiana e Kike Terron**

Conselheiros musicais **David Carpio e Antonio Campos**

Guitarra **Francisco Vinuesa**

Canto **David Carpio y Antonio Campos**

Violino **Victor Pitarch Pronk «Guadiana»**

Percussão **Kike Terrón**

Desenho de luz **Alvaro Estrada**

Figurinos **Yaiza Pinillos**

Confeção de figurinos **Gabi Besa, José Galván (Batas de colas)**

Sapatos **Arte Fyl**

Desenho de som **Enrique Cabañas**

Direção de cena **Octavio Romero**

Caracterização e maquilhagem **Mauro Gastón**

Fotografia **marcosGpunto**

Texto **Adaptação de *Juego y teoría del duende*, de Federico García Lorca**

Produção executiva, management e distribuição **Ana Carrasco,**

Peineta Producciones

7 e 8 mar 2024

Qui e Sex, 21h00, Grande Auditório

Duração: 70 min.



Marina Otero

FUCK ME

«Sempre me imaginei no meio do palco, como heroína, a vingar-me de tudo. Mas o meu corpo não aguentava tanta luta. Hoje, cedo o meu espaço aos intérpretes. Vou ver como emprestam o corpo deles à minha causa narcisista.»

Neste projeto, Marina Otero procura criar uma peça teatral interminável sobre a sua vida. *FUCK ME* é a terceira parte de uma trilogia, depois de *Andrea e Recordar 30 años para vivir 65 minutos*. Esta nova peça analisa a passagem do tempo e as marcas deixadas no corpo. *FUCK ME* vai além das fronteiras entre documentário e ficção, dança e *performance*, acaso e representação.

Ficha artística

Direção e dramaturgia **Marina Otero**

Intérpretes **Augusto Chiappe, Juanfra López Bubica, Fred Raposo, Matías Rebossio, Miguel Valdivieso, Cristian Vega, Marina Otero**

Assistente de direção **Lucrecia Pierpaoli**

Produção **Mariano de Mendonça**

Espaço, luz e direção técnica **David Seldes, Facundo David**

Espaço e desenho de luz **Adrián Grimozzi**

Design de figurinos **Uriel Cistaro**

Desenho de som e música **Julián Rodríguez Rona**

Aconselhamento dramaturgicó **Martín Flores Cárdenas**

Assistente de coreografia **Lucía Giannoni**

Artista visual **Lucio Bazzalo**

Montagem técnica audiovisual **Florencia Labat**

Styling de figurino **Chu Riperto**

Figurino **Adriana Baldani**

Fotografia **M. Kedak, D. Astarita, A. Carmona, M. De Noia, M. Roa**

Produção **Marcia Rivas**

Produção executiva **Mariano de Mendonça**

Distribuição e produção delegada **Otto Productions, T4, Studio Grompone, PTC Teatro**

Este espetáculo estreou-se em coprodução com o Festival Internacional de Buenos Aires (FIBA). Inclui cenas de nudez total.

10 e 11 mai 2024

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Grande Auditório



Ballet Nacional de Cuba

No repertório do Ballet Nacional de Cuba, os *ballets* clássicos ocupam um lugar de honra e, por esta razão, a companhia recebeu reconhecimento universal.

Ao mesmo tempo, o seu trabalho é continuamente enriquecido pela incorporação de criações de coreógrafos contemporâneos, tanto cubanos como estrangeiros, das quais este programa é uma amostra representativa.

30 abr a 7 jul 2024



INTROSPECTIVA

Retro-prospectiva do corpo de (e no) trabalho de João Fiadeiro

Centro Cultural de Belém entre de 30 de abril e 7 de julho de 2024

Ser ocupado por um corpo. Manter-me ocupado com um corpo.

Desaparecer no óbvio. (Re)aparecer na ausência.

Tornar-me coisa, duração, acontecimento.

João Fiadeiro

INTROSPECTIVA será composto pelos “restos, rastos e traços” que o corpo de trabalho de João Fiadeiro foi “deixando para trás” ao longo de mais de 30 anos de percurso. Mas esta INTROSPECTIVA não será uma retrospectiva.

Nem uma *futurospectiva*. Seria mais justo dizer que INTROSPECTIVA será uma retro-prospectiva que, como nos diz Brian Massumi, “olha para a frente na direção do passado e para trás na direção do futuro”.

Se não recua nem avança, pode-se dizer que esta INTROSPECTIVA será sobre o *presente*. Mas mesmo essa designação não reflecte a experiência temporal que João Fiadeiro ambiciona (re)tratar com esta iniciativa. O tempo de que Fiadeiro fala não se reduz a um ponto “estático” numa linha. Ele movimenta-se por um tempo torcido, expandido, espalhado. É um tempo que se encontra dentro do tempo. Algures entre o “já não” e o “ainda não”.

O conceito de “agora” talvez seja aquele que melhor sintetiza a experiência temporal que esta programação procurará explorar e partilhar. “*O tempo de agora é o tempo que o tempo leva para acabar. [É] o tempo que resta*”. Esta definição de “agora” (e daquilo que “resta”) do filósofo Giorgio Agamben, acolhe de forma precisa e precisa o modo de operar de João Fiadeiro. Tanto enquanto artista, como enquanto investigador, professor ou curador. Será esse o tempo a atravessar a programação desta INTROSPECTIVA.

“Se tivesse que reduzir, numa só palavra, aquilo que me move e me define enquanto artista, diria que funciono e trabalho com o que “resta”. O que fica para trás evoca (e convoca) a passagem de uma presença. O que “resta” permite-nos viver numa fuga permanente para coisas que ainda não são, para coisas que podem (de)vir. Atrai-me esta ideia de que algo esteve cá antes de mim e que aquilo que ficou, resistiu.”

João Fiadeiro

PROGRAMAÇÃO

A programação espalhar-se-á por 10 fins-de-semana (entre 9 de Maio e 7 de Julho) onde os visitantes/espectadores poderão aceder, nas galerias do MAC/CBB, Black Box e Pequeno Auditório, a apresentações de dispositivos dramatúrgicos e coreográficos; *happenings* e improvisações; reenactments de espetáculos; conferências-performance; aulas abertas ou visitas guiadas. Toda uma panóplia de modos de operar a *composição*, o

tempo e o real que João Fiadeiro tem desenvolvido ao longo de 30 anos. Estes 10 fins-de-semana serão divididos por três blocos: “Corpo *no* Trabalho” (3 semanas); “Corpo *e* Trabalho” (3 semanas); e “Corpo *de* Trabalho” (3 semanas).

I. CORPO NO TRABALHO

INTROSPECTIVA começa numa galeria do MAC/CCB. No início o espaço estará vazio, em modo “open space”. Lentamente o espaço irá sendo ocupado pelas intervenções dos performers e da equipa de João Fiadeiro, constituída por 6 *performers*-alunos oriundos dos cursos de formação PACAP (Programa Avançado de Criação em Artes Performativas) do Forum Dança; por Márcia Lança, “artista foco” da INTROSPECTIVA; por Gustavo Sumpta, “artista convidado” da INTROSPECTIVA; e por Bibi Dória, assistente de João Fiadeiro e responsável pelo desenho da documentação da experiência, com vista a uma publicação futura.

Este *momento-estaleiro* da iniciativa estará aberto aos visitantes que, ao passarem pelo espaço, poderão atravessá-lo, acedendo à prática diária da Composição em Tempo Real, tendo como referência os “objetos-tese” de João Fiadeiro: *O que eu sou não fui sozinho* (2000) e *Existência* (2002). Nos sábados 11, 18 e 25 de Maio e 1 de Junho haverá apresentações públicas do resultado do trabalho semanal em torno do estudo e ocupação dos “dispositivos de criação” *Aicnetsixe* (2001); *Para onde vai a luz quando se apaga?* (2006); *O que fazer daqui para trás* (2015-18) e *Ça Va Exploser* (2000). Estes são dispositivos que representam abordagens distintas de João Fiadeiro na aplicação da Composição em Tempo Real na criação coreográfica de grupo.

Essas apresentações serão acompanhadas durante a semana por um/a pensador/a convidado/a que, no fim da semana, darão uma conferência influenciada pela experiência que testemunharam e experimentaram. André Lepecki, Maria Filomena Molder, André Barata e António Alvarenga são algumas das pessoas já convidadas.

II. CORPO E TRABALHO

Nesta fase dar-se-á atenção, separadamente, ao *corpo* da exposição RESTOS, RASTROS E TRAÇOS e ao *trabalho* de ensaio para os espetáculos da programação DAR CORPO a acontecer na próxima fase. Estas montagens serão dirigidas por Walter Laurerer e Leticia Skrycky, colaboradores de longa data de João Fiadeiro, respectivamente ao nível do desenho do espaço e da iluminação.

Nas galerias do MAC/CCB organizar-se-á o espaço expositivo que irá receber RESTOS, RASTROS E TRAÇOS, adicionando às intervenções da primeira fase, documentação visual nas paredes (vídeos, fotografias ou textos); e a (re)construção de dispositivos cênicos criados a partir de projetos colaborativos entre João Fiadeiro e outros artistas (como Pedro Costa, Rui Xavier, Patrícia Almeida, Fernanda Eugénio, Francisco Vidal, Luciana Fina, Cristina Guerreiro ou Violaine Lochu).

Nos estúdios do CCB, terão lugar os ensaios da programação *Dar Corpo* a apresentar na Black Box e no Pequeno Auditório. Os ensaios serão orientados por João Fiadeiro com a assistência de Márcia Lança e Carolina Campos, performers que colaboraram durante muitos anos com Fiadeiro e que serão responsáveis pela partilha, na “primeira pessoa”, de algumas das performances em que participaram e/ou co-criaram.

Nos fins de semana 8-9 e 15-16 de Junho serão apresentados, em formato *double bill*, dos filmes *Nada Pode Ficar* e *Pele Nómada* (em fase de edição), realizados respectivamente pelas cineastas Maria João Guardão e Aline Belfort a partir de guiões-dispositivos desenhados por João Fiadeiro.

III. CORPO DE TRABALHO

Esta fase começa no dia 20 de Junho com a vernissage da exposição RESTOS, RASTROS E TRAÇOS, onde se apresentará a conferência-*performance* “(body) OF/AT (work)”, que junta João Fiadeiro à ensaísta Liliana Coutinho, profunda conhecedora da história de João Fiadeiro e da RE.AL. Esta conferência-*performance* revisita o arquivo a solo do artista, explorando a sua performatividade enquanto prática de investigação, transmissão e partilha. A *performance*-duracional VEXATIONS, criada durante a DES|OCUPAÇÃO do Atelier Real em 2019 com a pianista Joana Gama, a partir da música homónima de Eric Satie, fará a dobra com esta conferência-*performance* e funcionará, pelo modo como João Fiadeiro se deslocará pelo espaço, enquanto

“visita guiada performada” à exposição.

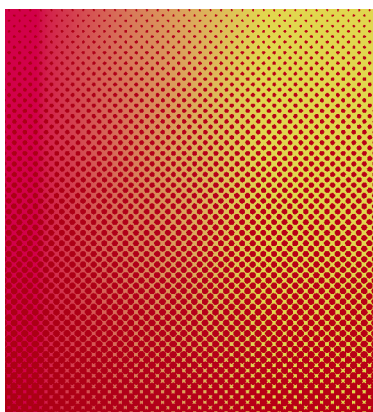
No dia 21 de Junho terá início a programação *DAR CORPO* que, como o nome indica, será composto por uma seleção de obras de João Fiadeiro que serão alvo de apropriações, mutações e reenactments por parte de 6 performers-alunos do PACAP. As obras a serem apresentadas nos primeiros dois fins-de-semana (21-23 e 28-30 de Junho) serão as seguintes:

Os solos *Self(ish)-Portrait* (1995) e *I am sitting in a room different from the one you are in now* (1997)

Os dispositivos performáticos *Grace & John* (2006) e *Ça Va Exploder* (2020), No último fim-de-semana (5-7 de Julho) de *DAR CORPO* (e da *INTROSPECTIVA*) serão apresentados:

A peça de grupo *O que fazer daqui para trás* (2015), dançado pelo cast original Carolina Campos, Márcia Lança, Daniel Pizamiglio, Ivan Haidar, Adaline Anobile e Julian Pacómio.

O solo *I Am Here* (2003), dançado por João Fiadeiro



Teatro

O Grupo A Barraca irá apresentar-se no Pequeno Auditório com a peça *Mary para Mary*, com encenação de Maria do Céu Guerra. Já em 2024, teremos a oportunidade de ver *The Confessions*, criação de um dos mais importantes encenadores europeus, Alexander Zeldin.

O Teatro Nacional São João regressa ao Grande Auditório com *Fado Alexandrino*, a partir de António Lobo Antunes e com encenação de Nuno Cardoso, e o Teatro Nacional D. Maria II apresentará duas criações – *Pérola Sem Rapariga* e *Os Idiotas*.

A temporada teatral encerra-se com duas propostas no âmbito da nossa parceria com o Festival de Almada – *A Mãe Coragem*, com encenação de António Pires.

Fernando Luís Sampaio

Programador de Teatro, Dança e Músicas Plurais

27, 28 e 29 out 2023

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Dom, 16h00, Black Box

Classificação etária: A classificar pela CCE

Coprodução Centro Cultural de Belém, Teatro A Barraca

A Barraca

Mary para Mary

Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora inglesa e uma das pioneiras do pensamento feminista, encontra-se gravemente doente na sequência do parto da sua filha Mary. No delírio provocado pela febre, Wollstonecraft acredita estar perante uma audiência a quem está a dar uma conferência. O seu único público é na verdade a sua filha recém-nascida que passados anos se converteria na aclamada escritora Mary Shelley, autora de um dos clássicos da literatura mundial: *Frankenstein*. A «Avó de Frankenstein» morreria poucos dias depois do parto. É nesse preâmbulo da morte que arranca a trama de *Mary para Mary*. *Mary para Mary* é um projeto de teatro

feminista que visa através da arte promover o diálogo com o espectador, consciencializar o público da necessidade de se comprometer com a luta pela igualdade de género. Em cena está uma mulher que nas palavras da sua filha foi «um desses raros seres que apenas surgem uma vez por geração com a missão de fazer jorrar sobre a humanidade um raio de luz sobrenatural. Ela brilha mesmo que pareça obscurecer-se e os homens creiam que está apagada, mas de súbito reanima-se para brilhar eternamente.»

5 e 6 abr 2024

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Grande Auditório



Alexander Zeldin ***The Confessions***

The Confessions é uma dramatização da vida de uma mulher australiana, através dos seus amores, desde o seu nascimento em 1943 até à sua morte, quando esta peça é representada. Começa na Austrália antes da sua partida para Londres e do seu anseio por casa. É a história íntima de uma vida, abordada através das suas passagens mais secretas, mas que também contém a história de um tempo coletivo, das forças que moldaram o nosso presente, contada através da epopeia pessoal de uma mulher. Teatro significa «lugar onde se olha» («theatron» em grego antigo). Observar a vida de uma mulher da classe trabalhadora desde 1943 até aos dias de hoje permite-nos contar a história de algumas das forças que moldaram o nosso tempo, de falar de algumas das imensas mudanças que tiveram lugar nos últimos oitenta anos. Esta é a história da Austrália, que começa após a guerra e nos leva ao nosso século, a viagem de uma mulher originária da pequena cidade de Kiama, que se encontra no exílio em Londres, uma viagem que muitas pessoas fazem quando deixam o seu país, para se perder depois. *The Confessions* conta a história da vida de uma mulher através dos seus amores. É o retrato de um coração que se está a preparar para parar de bater. As marcas e amolgadelas que suporta, os hematomas e as cicatrizes, manchas frágeis e fissuras nos nossos corações.

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Wiener Festwochen, Comédie de Genève, Odéon-Théâtre de l'Europe, Théâtre de Liège, Festival d'Avignon, Festival d'Automne à Paris, Athens Epidaurus Festival, Piccolo Teatro di Milano - Teatro d'Europa, Adelaide Festival, Centre Dramatique National de Normandie-Rouen**

3 e 4 mai 2024

Sex, 21h00, Sáb, 19h00, Grande Auditório

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional São João, Teatro Circo, Teatro Aveirense**



Fado Alexandrino **De António Lobo Antunes** **Encenação Nuno Cardoso**

António Lobo Antunes escreveu *Fado Alexandrino* (1983) para responder ao desafio lançado pelo seu pai, que queria que ele fizesse um livro sobre Portugal, confidenciou numa entrevista dada ao jornal *Público*, em 2018. «Pensei: como é que vou juntar pessoas de classes sociais diferentes que não se dão entre elas?» Reunindo à mesa de jantar cinco ex-combatentes da guerra colonial – um tenente-coronel, um alferes, um comandante, um soldado e um tenente – seria a resposta. *Fado Alexandrino* é um livro de memórias ficcionado, que narra o regresso e o reencontro de um grupo de amigos retornados há dez anos de Moçambique. Durante uma noite, madrugada e manhã, contam, cada um à sua maneira, como a vida se lhes transtornou e se des-truiu, desde o dia em que chegaram da guerra até então. Num encontro de desilusões e de reflexões sobre o triunfalismo militar prometido e a glória perdida, as personagens vão divagando, partilhando uma intriga de acontecimentos múltiplos e surpreendentes

peripécias de timbre trágico-cômico, do quotidiano banal ao sucesso mais insólito. Através de uma narrativa articulada, por vezes irresistivelmente divertida, dividida em três partes – antes da revolução, a revolução e depois da revolução – António Lobo Antunes apresenta uma crítica profunda à sociedade portuguesa da década de 1970, descrevendo os usos e costumes que há cinquenta anos, como hoje, abundavam. A essa soma-se a crítica política ao país antes e depois do 25 de Abril de 1974. Da passagem de um regime autoritário a um regime democrático, do horror de África à decadência de Lisboa, é um romance que põe a descoberto um Portugal violento e insalubre. Nas palavras do próprio António Lobo Antunes: «No fundo, *Fado Alexandrino* é uma História de Portugal.» Marcada temporalmente por factos históricos, é uma obra sobre o absurdo da existência, cuja história mergulha o interlocutor num mar de emoções e conflitos humanos. Com um inesperado desenlace, *Fado Alexandrino* permite também submergir no traumático mundo da guerra através das palavras de um dos mais relevantes escritores portugueses.

Projeto Comemorativo dos 50 Anos do 25 de Abril

Ficha artística

De **António Lobo Antunes**

Encenação **Nuno Cardoso**

Dramaturgia **Florian Hirsch**

Cenografia **F. Ribeiro**

Desenho de luz **Nuno Meira**

Música e desenho de som **Pedro “Peixe” Cardoso**

Figurinos **TNSJ**

Elenco a anunciar

24 a 26 mai 2024

Sex, 21h00, Sáb e dom, 16h00, Pequeno Auditório

Coapresentação **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional D. Maria II**

Pérola Sem Rapariga

Teatro Nacional D. Maria II | Odisseia Nacional

Pérola Sem Rapariga é a primeira de duas criações que compõem *DÍPTICO*, projeto que resulta do encontro entre a encenadora Zia Soares e a escritora Djaimilia Pereira de Almeida que, em 2023, se propõem desenvolver processos em que texto, dramaturgia e encenação se constroem em simultâneo, em atrito ou em harmonia, abrindo um fluxo dialógico entre ambas, que finalmente derive em discurso para cena. *Pérola Sem Rapariga* parte de uma leitura livre de *Voyage of the Sable Venus and Other Poems*, da poeta americana Robin Coste Lewis, e do arquivo fotográfico de Alberto Henschel, um dos mais importantes fotógrafos que atuaram no Brasil na segunda metade do século XIX, alemão, chegado ao Recife, em 1866, autor de uma série de retratos de africanos e afrodescendentes.

Se *Voyage of the Sable Venus* indaga o lugar do corpo feminino negro na História da Arte Ocidental, a partir da colagem e reconfiguração de legendas de obras do cânone, este espetáculo explora a natureza da relação entre a superfície do corpo e aquilo que sobre ele somos capazes de dizer; entre legenda e imagem; entre a pele e o salvamento; entre consciência e superfície.

O artista Kiluanji Kia Henda intervém no espaço da cena instalando direções possíveis para o conflito entre o corpo e os modos mais ou menos opressivos de o representar.

Ficha artística

Texto **Djaimilia Pereira de Almeida**

Direção e encenação **Zia Soares**

Com **Filipa Bossuet, Sara Fonseca da Graça**

Artista visual **Kiluanji Kia Henda**

Instalação e figurinos **Neusa Trovoada**

Composição e *design* de som **Xullaji**

Design de iluminação **Carolina Caramelo**

Vídeo promocional **António Castelo**



Assistência geral **Aoaní d'Alva**
Coprodução **Teatro Nacional D. Maria II, SO WING**

Zia Soares é uma artista apoiada pela apap – Feminist Futures, projeto cofinanciado pelo Programa Europa Criativa da União Europeia.

28 a 30 jun 2024

Sex, 21h00, Sáb e dom, 16h00, Pequeno Auditório

Coapresentação **Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional D. Maria II**



Os Idiotas

Teatro Nacional D. Maria II | Odisseia Nacional

Um grupo de atores e atrizes junta-se para questionar o seu ofício e a sua existência enquanto agentes do acontecimento teatral. É a partir desse lugar que se ensaiam possibilidades do teatro, problematizando o contexto onde o trabalho de ator/atriz se confronta com o que neles se refaz e desfaz, nos limites dos seus corpos e da ficção que constroem e habitam. É este o tema recorrente em *Os Idiotas*: o trabalho dos atores e atrizes enquanto motor de experimentação dos binómios ficção/realidade e, consequentemente, *performers*/público.

Ficha artística

Conceção **Ana Gil, Nuno Leão, Óscar Silva**

Criação **Ana Gil, Miguel Castro Caldas, Nuno Leão, Óscar Silva**

Texto **Miguel Castro Caldas**

Interpretação **Ana Gil, Filipa Matta, Óscar Silva, Tiago Barbosa e Vera Kalantrupmann**

Ator convidado **Diogo Dória**

Desenho de luz e som **pedro fonseca/colectivo, ac**

Design de comunicação **Cátia Santos**

Registo de vídeo e fotografia do processo **Tiago Moura**

Produção executiva **Rita Boavida**

Apoio à produção **Bruno Esteves**

Produção **Terceira Pessoa**

Coprodução **Teatro Nacional D. Maria II e Teatro-Cine de Torres Vedras**

Apoios e acolhimento **Município de Castelo Branco, Teatro Municipal de Ourém,**

Centro Cultural Município do Cartaxo, Centro Cultural de Celorico da Beira, Teatro Viriato em Viseu, Teatro Gil Vicente de Barcelos, Teatro Municipal de Bragança, Cine Teatro João Verde em Monção

Residências de criação **Fábrica da Criatividade, O Espaço do Tempo, 23 Milhas, Teatro do Silêncio, Ajídanha, Teatromosca, Rua das Gaivotas 6 e Cão Solteiro**

Parceiros media **Antena 2 e CoffeePaste**

Financiamento **Direção-Geral das Artes / República Portuguesa - Cultura**

Instalações

1 a 14 jul 2024

Praça CCB, Entrada livre
Coprodução Fundação Progresso, Teatro Municipal do Porto / DDD – Festival Dias da Dança

Gustavo Ciríaco
Paisagem Boldo

Uma instalação interativa para bicicletas, carrinhos de bebé, patins, patinetes e cadeiras de rodas.

PAISAGEM BOLDO resgata a rica experiência cinética que informa a poética espacial do coreógrafo brasileiro João Saldanha e o seu encontro com a arquitetura modernista brasileira dos anos 1960 no Rio de Janeiro. Nesta instalação interativa ao ar livre criada pela colaboração entre o coreógrafo brasileiro Gustavo Ciríaco e o arquiteto português João Gonçalo Lopes, os cobogós, as rampas, as curvas dos jardins, a simplicidade dos elementos estruturais e os volumes e texturas da arquitetura modernista brasileira presentes nas diferentes camadas da experiência corporificada de Saldanha reaparecem transfiguradas na paisagem construída deste circuito de bicicletas.

Ficha artística

Conceção e direção artística **Gustavo Ciríaco**

Artista convidado **João Saldanha**

Projeto arquitetónico e colaboração artística **João Gonçalo Lopes**

Construção e conceção de montagem **Patrick Hubmann e João Gonçalo Lopes**

Assistentes de construção e montagem **A definir**

Administração e gerência financeira **Missanga Antunes | Performática**

Direção de produção **Sinara Suzin**

Coprodução **Fundação Progresso, Teatro Municipal do Porto / DDD – Festival Dias da Dança**

Apoio institucional **THIRD – Das Research - Dance and Theatre Academy – Amsterdam University of the Arts**

Apoios a residência **DEVIR – Centro de Artes Performativas do Algarve (Faro/Pt), Pico do refúgio (Rabo de Peixe/Pt), Arquipelago – Centro de Artes Contemporâneas (Ribeira Grande/Pt), 23 Milhas / Fábrica de Ideias (Gafanha de Nazaré/Pt), GNRation (Braga/Pt), Casa de Dança de Almada (Almada/Pt), Cia Instável e Museu Fundação de Serralves (Porto/Pt) e Espaço Novo Negócio/ZDB (Lisboa/Pt)**

Apoio **República Portuguesa – Cultura | DgARTES – Direção-Geral das Artes**

1 a 14 jul 2024

Praça CCB, Entrada livre
Coprodução Fundação Progresso, NAVE, Serralves-Museu de Arte Contemporânea



Gustavo Ciríaco **Vastidão**

Desde a sua perceção infantil do mundo exterior através de uma porta de vidro, aos desafios vividos no espaço público, por vezes demasiado grande e hostil, dos ambientes imersivos das festas *techno* e ao mergulho sensorial nos primórdios dos atos de respirar e ver nas suas criações, para a coreógrafa brasileira Michelle Moura, a paisagem é uma experiência gradual de conquista do espaço, um espaço em contínua entropia. Pensando nessa intrincada forma de ver/perceber a paisagem, *Vastidão* joga com a estrutura básica das diagonais presentes na dança cénica para engendrar um intrincado jogo cinético, onde aproximações e distâncias, adições e subtrações fazem convergir plano e experiência, controlo e empatia.

Michelle Moura é uma coreógrafa e bailarina brasileira. Nas suas peças minimalistas e minuciosas, ela cria constrangimentos físicos para explorar mudanças psicológicas e físicas – entre a imersão nos fluxos do corpo, a protuberância da ação e a escrita de um passo que se torna dança.

Coreografia de Gustavo Ciríaco inspirada na experiência de paisagem da coreógrafa Michelle Moura, *VASTIDÃO* é a terceira obra da coleção *Cobertos pelo Céu*, conjunto de *performances* e instalações pensadas a partir de experiências marcantes de paisagem vividas por artistas europeus e latino-americanos dos mais diversos campos da arte.

Ficha artística

Coreografia e direção artística **Gustavo Ciríaco**

Artista convidada **Michelle Moura**

Performers **Alina Folini, Bartosz Ostrowski, Bibi Dória, Filipe Caldeira, Giulia Romitelli, Mário Martins Fonseca, Sara Zita Correia, Tiago Barbosa***

Música **Hypnotic Brass Ensemble, António Saraiva**
(composições originais)

Fotografia **Daniel Delhay, Felipe Pardo, Filipe Sardinha, Mila Ercoli**

Administração e gestão financeira **Missanga Antunes / Performática**

Direção de produção **Sinara Suzin**

Coprodução **Fundação Progresso (Rio de Janeiro/BR), NAVE (Santiago/CL), Serralves-Museu de Arte Contemporânea**

Apoio Institucional **THIRD – DAS Research - Dance and Theatre Academy – Amsterdam University of the Arts**

Apoio a residência artística **Devir/CAPA, Pico do refúgio, Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, 23 Milhas, Galeria ZDB & Novo Negócio, NAVE, Instável – Centro Coreográfico, Serralves-Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM**

Apoio financeiro **República Portuguesa – Cultura, Direção-Geral das Artes, IBERESCENA - Apoio à coprodução de Espetáculo 2020-2021**

*Com a participação de + 8 bailarinos de Lisboa por *open call*

Há Fado no Cais

O fado tem uma dimensão cada vez mais importante na vida cultural portuguesa e tem alcançado uma crescente projeção internacional, que culminou com a sua integração no elenco do Património Imaterial da Humanidade, decidida em 2011 pela UNESCO.

Enlaçando de modo muito característico as artes da poesia e da música, quer de matriz popular, quer de matriz «cultivada», e permitindo, simultaneamente, uma grande liberdade na criação e utilização das formas e dos conteúdos literários e musicais, o fado foi objeto de um protocolo de colaboração e coprodução assinado em 2012 entre a Fundação CCB e o Museu do Fado/EGEAC, que tem continuidade em 2024.

Todos os concertos do ciclo *Há Fado no Cais* têm interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

26 outubro 2023

Qui, 21h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Marco Rodrigues

Marco Rodrigues apresenta ao vivo *Judite*, o seu mais recente disco, integrado na digressão *Saudade em Teu Lugar*. Em homenagem à mãe do fadista, *Judite* foi inteiramente criado e produzido após o seu desaparecimento prematuro, sendo, por isso, o álbum mais emotivo de Marco Rodrigues.

Desafiante só por si, o álbum combina o fado tradicional com grandes canções escritas por alguns dos mais conceituados compositores da música pop. É o caso de Diogo Piçarra que, depois do estrondoso sucesso de *O Tempo*, assina novamente um novo clássico, *Amar Para Sofrer*.

Acompanhado por um trio de fado e um set de bateria e percussão, Marco Rodrigues apresentará, além dos temas de *Judite*, muitos dos sucessos que marcaram a sua carreira, como *O Tempo*, *Homem do Saldanha*, *Rosinha dos Limões* e alguns fados tradicionais.

Ficha artística

Guitarra portuguesa **Pedro Viana**

Viola de fado **Nelson Aleixo**

Baixo **Frederico Gato**

Bateria e percussão **Sertório Calado**

Teclados **Tiago Machado**

24 novembro 2023

Sex, 21h0, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



António Chainho

António Chainho levou a guitarra portuguesa aos cinco continentes ao longo de quase 60 anos de carreira. O seu novo disco *O Abraço da Guitarra* é um trabalho de tributo a grandes compositores e guitarristas de fado como Raul Nery, Armandinho, Jaime Santos e José Nunes. Neste concerto de apresentação, conta com os cúmplices Ciro Bertini no baixo acústico e acordeão, Tiago Oliveira na viola de fado, o quarteto de cordas Naked Lunch e alguns dos convidados que participam no disco.

Ficha artística

Guitarra portuguesa **António Chainho**

Baixo acústico e acordeão **Ciro Bertini**

Viola de fado **Tiago Oliveira**

Naked Lunch:
Violino **Francisco Ramos**
Violino **Fernando Sá**
Viola **João Paulo Gaspar**
Violoncelo **Tiago Rosa**

Vídeo **Tiago Figueiredo**

7 dezembro 2023

Qui, 21h00, Pequeno Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Bela Ensemble

Nasceram em Alfama, no seio da Tasca da Bela, uma das casas de fado mais representativas da tradição musical deste pitoresco bairro de Lisboa. Uma casa que respira tradição, mas que é também uma montra da Alfama contemporânea, habituada a conviver, desde sempre, com culturas e gentes de todos os cantos do mundo.

Fados com letras de poetas antigos como Henrique Rego, Gabriel de Oliveira e João Dias, entre outros, são aqui cuidadosamente revestidos com uma roupagem musical arrojada e contemporânea. Autêntica música urbana portuguesa que nasce da cultura viva da cidade de Lisboa.

Neste processo criativo e musical, a carga emocional e poética da tradição é o veículo perfeito para o arrojado de novos arranjos e para a desconstrução rítmica, a fim de alcançar o ponto de convergência entre a tradição e a experimentação.

Os Bela Ensemble apostam numa mistura cuidada de ritmos e balanços oriundos de outras latitudes, com especial influência de músicas do mundo como o flamenco, a música afro-latina de Cuba e do Peru, o samba de raiz brasileira, o *rock*, o *metal* e a música progressiva.

Ficha artística

Percussão **Carlos Mil-Homens**
Contrabaixo **João Penedo**
Violino **Otto Pereira**
Voz **Ana Margarida**
Guitarra de 7 cordas **Rafael Brides**

2 fevereiro 2024

Sex, 21h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Cristina Branco

Embaixadora da cultura e da língua portuguesa, com 26 anos de carreira, 17 álbuns editados e inúmeros concertos por todo o mundo, Cristina Branco apresenta o seu mais recente álbum. O fado e a música tradicional são a sua principal raiz, mas a influência do *jazz*, da literatura e dos músicos com quem partilha o palco, imprimem à sua música um cariz universal.

Ficha artística

Voz **Cristina Branco**
Guitarra portuguesa **Bernardo Couto**
Piano **Luís Figueiredo**
Contrabaixo **Bernardo Moreira**

7 março 2024

Qui, 21h00, Pequeno Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Sérgio Onze

Iniciou-se na aprendizagem da música aos seis anos. Tem sido distinguido, desde muito jovem, com vários prémios de Fado, cantando nalgumas das mais emblemáticas casas de Fado de Lisboa: Luso, Adega Machado, Tasca do Chico, O Faia, Tasca da Bela e Parreirinha de Alfama.

Com um timbre forte e seguro, aliado a uma capacidade de interpretação intensa e genuína, apresenta agora o seu primeiro disco editado pelo Museu do Fado.

11 abril 2024

Qui, 21h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Ricardo Ribeiro

Um dos nomes maiores do Fado contemporâneo. Com seis discos gravados e os mais diversos prémios incluindo vários discos de ouro, o fadista Ricardo Ribeiro já pisou palcos um pouco por todo o mundo: Itália, França, Inglaterra, Espanha, Finlândia, Bélgica, Marrocos, Estados Unidos da América, Canadá, Rússia, Irão, Jordânia e México, entre outros. Hoje apresentará, ao vivo, no ciclo *Há Fado no Cais*, o seu mais recente álbum, um disco de regresso às origens e à música que conhece como ninguém: o Fado tradicional.

24 maio 2024

Sex, 21h00, Grande Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Ângelo Freire

Fadista, guitarrista, compositor e produtor. Aos 11 anos venceu a Grande Noite do Fado na categoria «Juvenis» e, poucos anos depois, o concurso internacional *Bravo Bravíssimo*.

Na guitarra portuguesa, que toca com raro virtuosismo, já acompanhou nomes como Ana Moura, António Zambujo, Carlos do Carmo, Carminho, Mariza, Mísia, Mafalda Arnauth e Sara Correia, entre muitos outros. Em 2004 recebeu na Grande Noite do Fado o Prémio de Melhor Instrumentista de Guitarra Portuguesa, em 2007 o Prémio Francisco Carvalhinho e em 2012 foi distinguido como Melhor Guitarrista nos Prémios Amália Rodrigues. Já tocou nas maiores salas do mundo como o Olympia, o Carnegie Hall, o Barbican Centre, o Queen Elizabeth Hall e a Sidney Opera House, entre outros.

Hoje, Ângelo Freire apresentará o seu disco de estreia como fadista e guitarrista, pela editora Museu do Fado Discos. Um registo aguardado há muito, que apresenta agora ao vivo no ciclo *Há Fado no Cais*.

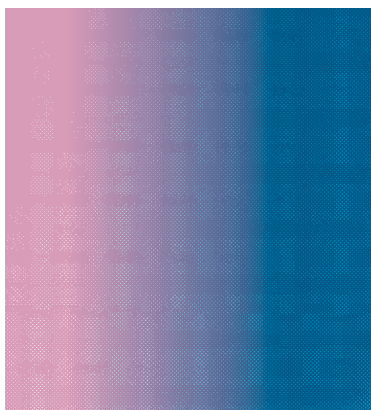
21 junho 2024

Sex, 21h00, Pequeno Auditório, M/6
Coprodução Centro Cultural de Belém, EGEAC-Museu do Fado



Beatriz Felício

Nascida numa família sem ligações à música, Beatriz Felício descobriu ainda criança que queria ser fadista. Nas casas de fado em Lisboa aprendeu com os mais velhos e escolheu as suas referências. Atualmente, canta em espaços tão icónicos como a Mesa de Frades, o Faia, a Parreirinha de Alfama, a Casa de Linhares e Fado Menor. Em 2022, Beatriz Felício foi a grande vencedora do Prémio Novos Talentos Ageas, uma parceria entre a Fundação Casa da Música e o Grupo Ageas e atuou na Cerimónia de Abertura da Womex 2022, em Lisboa. Este será o concerto de apresentação do seu álbum de estreia, editado pelo Museu do Fado.



Take Off

A programação desta temporada fará incursões em vários territórios musicais, desde o *jazz* mais clássico ao mais experimental, da canção pop ao radicalismo experimental da percussão e da eletrónica, da música *indie* ao *hip hop*, desenhando assim propostas tão diversas quanto a criatividade da cena musical nacional. Roomful of Teeth, Luís Vicente, André Rosinha, Mano a Mano, Silly (em estreia nacional), Rodrigo Amado, Hélio Morais, Fred ou Wolf Manhattan, são alguns dos nomes presentes nesta temporada. Há ainda a destacar a Festa do Jazz, iniciativa da Sons da Lusofonia em colaboração com o CCB.

Fernando Luís Sampaio

Programador de Teatro, Dança e Músicas Plurais

7 setembro 2023

Qui, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Roomful of Teeth

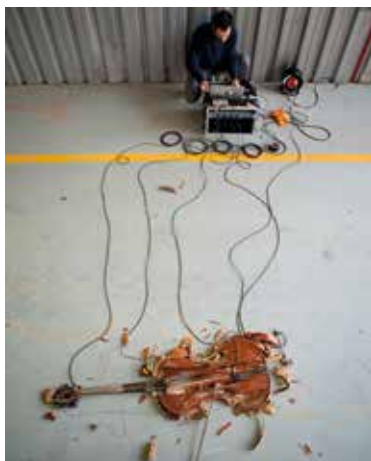
Conjunto vocal norte-americano, vencedor de um Grammy, dedicado a explorar a capacidade expressiva sem limites da voz humana. Inspirado por estilos de canto de todo o mundo, o fundador Brad Wells imaginou um projeto vocal sem os constrangimentos do canto clássico tradicional ocidental. Combinando mestres técnicos de vários estilos de canto com cantores excepcionais treinados em técnicas clássicas, o grupo Roomful of Teeth procura alargar a sua paleta sónica de modo a criar música vocal contemporânea vibrante e excitante. No CCB apresentam o concerto *The Detail of the Pattern*, durante o qual propõem aos espectadores que mergulhem nas paisagens sonoras de dois compositores próximos do grupo: Caroline Shaw (n. 1982) e Caleb Burhans (n. 1980). Do enérgico texto shakespeariano de Shaw às referências de Burhans a *Buffy*, a *Caçadora de Vampiros*, estas obras mostram o estilo de *performance* vocal característico do Roomful of Teeth.

Programa

Caroline Shaw (n. 1982) *The Isle*

Caleb Burhans (n. 1980) *Beneath*

Caroline Shaw *Partita for 8 Voices*



Ciclo Ricardo Jacinto

Ricardo Jacinto (Lisboa, 1975) desenvolve uma prática artística nas fronteiras entre géneros e tipologias. Com formação em arte, arquitetura e música, tem vindo a desenvolver projetos que, de uma forma quase informal, atravessam as artes visuais, a música e a utilização do som.

Após mais de duas décadas, chegou o momento de olhar para a diversidade da sua produção artística nas várias formas que pode e tem assumido. O ciclo que o Centro Cultural de Belém lhe dedica, atravessando duas temporadas, permitirá, a partir do seu trabalho performativo, tomar contacto com a amplitude e fluidez da sua produção no cruzamento das várias heranças e tradições disciplinares que permanentemente questiona.

Desta forma, o repto que foi lançado a Ricardo Jacinto, a solo ou nas formações que tem vindo a ativar, em concerto ou em instalações, permitirá rever (ou tomar conhecimento) com um dos percursos mais singulares e únicos nas fronteiras das práticas artísticas, estendendo-se, também, às práticas pedagógicas que desenvolve.

Delfim Sardo
Administrador

23 setembro 2023

Pequeno Auditório

Atraso



Atraso é o título de mais um dos dispositivos cenográfico-instrumentais que Ricardo Jacinto desenvolveu no âmbito do projeto PARQUE e que será agora revisitado numa adaptação ao palco do Pequeno Auditório do CCB. Centrado na performatividade cenográfica e sonora de um «altifalante pendular», esta é uma peça que convoca o ritual do balanço pendular para a definição do tempo e estrutura musical, focando a composição musical na relação entre o som direto dos instrumentos acústicos e a deformação sonora resultante de uma difusão eletroacústica em movimento. As distâncias e diferenças entre escultura, música e corpos performativos são nesta peça obliteradas e tudo concorre para a apresentação de um «ritual» de ativação do espaço que o recebe.

Programa

Ricardo Jacinto (n. 1975) *Atraso*: para *ensemble* de instrumentos acústicos e altifalante pendular

Ficha artística

Voz e altifalante pendular A definir

Violoncelo **Ricardo Jacinto**

Contrabaixo **Gonçalo Almeida**

Percussão **Nuno Morão**

Espacialização sonora **Suse Ribeiro**

Desenho de luz **Frederico Rompante**

Composição e direção artística **Ricardo Jacinto**

3 novembro 2023

Black Box

O Rapto de Europa (#2)

O Rapto de Europa (# 2) é uma peça que dá continuidade à colaboração entre Ricardo Jacinto e Arkadi Zaides, que se concretizou no desenvolvimento de um dispositivo cenográfico-instrumental evocando questões geopolíticas através de um foco no conceito de «fronteira». *O Rapto de Europa (#2)* é uma *performance* e instalação sonora composta por dois corpos escultóricos liminais que reproduzem no seu desenho parte do contorno das costas grega e turca, onde a travessia do mediterrâneo por refugiados em embarcações precárias foi mais intensa e devastadora. O título do projeto faz também alusão a uma das narrativas mitológicas envolvendo a deusa Europa, que neste caso foi violenta e enganosamente raptada por Zeus, na forma de um touro branco, da costa da Fenícia e trazida para a ilha de

Creta. Partindo de um gesto performativo que articula os movimentos migratórios contemporâneos e esta travessia mitológica, o dispositivo será ativada pelo artista através de uma *performance*, na qual uma série de ressonâncias gritantes de *feedback* resultarão do contato manipulado entre as duas estruturas. Uma primeira iteração desta instalação-*performance* foi apresentada em diálogo direto com a obra *INFINI #1*, uma vídeo-instalação dirigida pelo coreógrafo e artista visual Arkadi Zaides. Mais info: <https://www.medodofuturo.cubiculo.phenomena.pt/>

Programa

Ricardo Jacinto (n. 1975)

O Rapto de Europa (#2): estruturas ressonantes, sistema de áudio *feedback* e violoncelo

4 novembro 2023

Black Box e deambulação pelo edifício do CCB

SILÊNCIO & HORIZONTE ACÚSTICO

Masterclass com Ricardo Jacinto

Sendo o horizonte acústico definido pela «maior distância, em cada direção, até à qual os sons podem ser ouvidos», podemos sugerir que só além desse limite perceptivo existe silêncio, e que este é imaginado. O silêncio torna-se assim um exercício especulativo e apresenta-se como o horizonte do som. Como podemos explorar criativamente este horizonte?

Iniciando com uma apresentação do conceito de horizonte acústico e da atenção à «distância» enquanto um dos instrumentos principais na *performance* do espaço através do som, o grupo de participantes recorrerá a sistemas de gravação portátil para mapeamento das paisagens sonoras em diferentes locais do edifício, bem como das ressonâncias internas de estruturas ou objetos encontrados nos seus trajetos. A partir deste exercício de relação entre uma absoluta proximidade ou afastamento paisagístico aos corpos vibratórios iremos especular sobre o «silêncio» das coisas animadas

4 outubro 2024

Qua, 21h00, Pequeno Auditório, M/6

Luís Vicente, John Dikeman, William Parker, Hamid Drake

O prolífico trompetista português Luís Vicente, cuja atividade na última década o levou do festival Jazz em Agosto a Bimhuis em Amesterdão, atuou continuamente por toda a Europa, colaborando com pessoas respeitadas - Julien Deprez, Mark Sanders, Akira Sakata, Mars Williams ou Vasco Trilla - mas também liderando um trio com Gonçalo Almeida e Pedro Melo Alves. Com mais de trinta álbuns gravados, colabora assiduamente com o expatriado americano John Dikeman, um saxofonista em ascensão com sede na Holanda, cuja língua tem sido continuamente melhorada em numerosas colaborações e digressões. Vicente salta agora para a grande liga, juntando-se à poderosa secção de ritmo do baixista americano William Parker e do baterista-percussionista Hamid Drake, parceiros nos últimos trinta anos, como duo, em bandas de William Parker, ou com pesos pesados como Peter Brötzmann, Frode Gjerstad, David S. Ware, Fred Anderson ou Kidd Jordan.

Ficha artística

Trompete **Luís Vicente**

Saxofone tenor **John Dikeman**

Contrabaixo **William Parker**

Bateria **Hamid Drake**



7 outubro 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Burnt Friedman & João Pais Filipe

Encontro afortunado e pleno de sentido, com trabalho regular de pesquisa, conversas e ensaios desde 2018, entre Burnt Friedman, o mago germânico da eletrónica com um currículo de calibre lendário atravessando quatro décadas, e o baterista, percussionista e escultor João Pais Filipe, ambos sediados no Porto. A sua música, um celestial fluxo hipnótico e circular que os próprios denominam de «automatic music», conheceu edição com o disco *Automatic Music Vol.1 – Mechanics of Waving* em 2022.

Ficha artística

Eletrónica **Burnt Friedman**

Bateria **João Pais Filipe**

13 janeiro 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



André Rosinha Trio

Triskel

Triskel dá nome ao terceiro álbum de André Rosinha. A etimologia da palavra grega que nos chega até hoje, tríscele, é original da cultura Celta, e significa três pernas. A simbologia ligada a este termo representa uma roseta que a partir de um centro comum se enrola numa espiral com três linhas curvas. O movimento criado a partir da união destes traços refere-se à ideia de ciclo, ação e progresso e remete-nos também para o equilíbrio dos três elementos fundamentais da cultura Celta: Terra, Água e Ar; evocando ainda a interação divina entre Corpo, Mente e Alma. É a partir desta Trindade simbólica de complemento que o trio agora se apresenta. O disco *Triskel* surge assim enquanto evolução do projeto *Árvore*, que permitiu ao grupo conhecer-se melhor musicalmente e criar uma linguagem cada vez mais coesa e consolidada. Avançando agora por novos territórios, o repertório é inteiramente da autoria de André Rosinha, especialmente desenhado para ser interpretado pelos músicos João Paulo Esteves da Silva, no piano, Marcos Cavaleiro, na bateria e, claro, pelo próprio Rosinha no contrabaixo. Compreendendo cada vez melhor as potencialidades do trio, as músicas foram mais trabalhadas a nível composicional, preservando, no entanto, o tão importante espaço para a improvisação livre. Em *Triskel*, foi mantida a atenção à melodia, agora com mais exploração do arco no contrabaixo e ainda momentos de uníssono entre piano e cordas. Respeitaram-se algumas das influências do álbum anterior, desta vez com maior ênfase na música clássica e na estética lírica do *jazz* europeu. Depois do sucesso e reconhecimento do anterior álbum, faz sentido expandir e continuar a desenvolver as afinidades musicais de André Rosinha Trio.

Ficha artística

Piano **João Paulo Esteves da Silva**

Contrabaixo **André Rosinha**

Bateria **Marcos Cavaleiro**

10 fevereiro 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Silly Miguela

Este é o ano em que Silly apresenta ao vivo o seu disco de estreia, *Miguela*. *Miguela* é uma viagem da infância até ao momento presente, produzido junto com Fred e gravado entre o Alentejo, Lisboa e os Açores. Depois do seu bem-recebido EP *Viver Sensivelmente*, em 2021, Silly regressa com uma nova narrativa.

Ficha artística

Voz, teclados e guitarra **Maria Miguel Bentes**

Bateria **Fred**

Sintetizadores **Eduardo Cardinho**

Baixo **José Garcia**

17 fevereiro 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6

Mano a Mano Trilogia das Sombras

A obra de Lourdes Castro é o embrião e ponto de partida para o novo espetáculo de Mano a Mano, com cenário concebido pelo Ponto Atelier e um 3.º elemento, Tiago Martins, que atrás de uma tela e inspirado pelo Teatro de Sombras de Lourdes Castro, move-se e interage com a música dos Manos.

Ficha artística

Guitarra e cordofones madeirenses **Bruno Santos**

Guitarra e cordofones madeirenses **André Santos**

Movement **Tiago Martin**

9 mar 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Hélio Morais

2023 chega com Hélio Morais em nome próprio, na primeira pessoa. O abrandamento imposto pela pandemia veio depositar no seu colo um conjunto de canções que nunca imaginou escrever. Fez um disco que acaba por ser uma reflexão sobre a sua história pessoal e familiar. Um disco íntimo, sobre vulnerabilidade. Um disco importante para Hélio Morais se poder redescobrir; na música e na vida. Um disco que trará caras novas para o palco, em 2024, ano da sua edição.

Ficha artística

Voz, percussões e piano **Hélio Morais**

Viola acústica, voz e pandeiro **Larie (aka Labaq)**

Teclados, guitarra e percussão **Miguel Ferrador**

Percussões e samples **João Vairinhos**

Percussões **Cíntia Pinheiro**

Percussões **Méli Huart**

Som **Ângelo Lourenço**

Desenho de luz **Fred Rompante**

Road manager **Pedro Cobrado**

6 abr 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Rodrigo Amado The Bridge

O saxofonista Rodrigo Amado apresenta-se com o seu novo projeto, no qual se alia a três grandes nomes do jazz contemporâneo, vindos da Europa e dos EUA.

Ficha artística

Saxofone tenor **Rodrigo Amado**

Piano **Alexander von Schlippenbach**

Contrabaixo **Ingebrigt Håker Flaten**

Bateria **Gerry Hemingway**

24 e 25 abr 2024

Qua, 22h30, Qui, 21h00, Grande Auditório, M/6

Concerto de Comemoração dos 50 Anos do 25 de Abril

O 25 de Abril, que trouxe liberdade a Portugal, instituindo o regime democrático, teve óbvias repercussões nos processos de independência das antigas colónias portuguesas, onde os movimentos de libertação de cada um dos territórios tiveram uma ação decisiva no desenlace político desses países.

Os países africanos de expressão portuguesa, assim como os movimentos de oposição ao regime de Salazar, em Portugal, usaram a canção como um dos meios de luta e consciencialização social, apelando à autonomia dos territórios africanos e ao fim da guerra colonial.

Além das ações armadas, a criação de um repertório musical desempenhou um papel importante na tomada de consciência política e cívica que reclamava o fim do regime autoritário. Em Portugal e nos países africanos de expressão portuguesa a luta foi comum.

Ao celebrarmos os 50 anos do 25 de Abril, desejamos reunir num só palco artistas e músicos que nos recordem as canções de protesto de antes de Abril e as de intervenção que se seguiram ao pós-25 de Abril. Deste modo, creio ser importante a participação de músicos e cantores oriundos dos países africanos de expressão portuguesa na comemoração de meio século de liberdade e que partilhem connosco as canções que marcaram o seu percurso de luta. A escolha do repertório deverá, por isso, incluir no seu alinhamento uma presença africana. **Fernando Luís Sampaio**

4 mai 2024

Sáb, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



Wolf Manhattan

Uma verdadeira criação do inquieto músico, compositor, produtor João Vieira que depois de marcar o panorama musical nacional com projetos tão díspares como complementares como os X-Wife, as festas Club Kitten e o alter-ego eletrónico White Haus, regressa agora transfigurado na personagem Wolf Manhattan. Num extravaso que nasce de uma urgência criativa em plena pandemia, João Vieira socorreu-se de referências *lo-fi* para construir esta nova persona *folk-punk-garage*. Adam Green e os seus Moldy Peaches, Jonathan Richman sem os Modern Lovers, os Velvet Underground e o nome maior que é Daniel Johnston foram os companheiros de viagem para escrever esta história e criar uma nova sonoridade que se apresenta como um antídoto para neutralizar as complexidades do dia-a-dia.

17 mai 2024

Sex, 21h00, Pequeno Auditório, M/6



FRED
Series Vol. 2

Depois de em 2018 ter lançado o primeiro álbum em nome próprio, *O amor encontra-te no fim*, em 2021 Fred lançou o segundo álbum intitulado *Series Vol 1 - Madlib*, trabalho este que faz a homenagem ao produtor americano Madlib, viajando e fazendo uma re-interpretação do vasto repertório do mesmo. Ao longo dos últimos dois anos, Fred, acompanhado por Eduardo Cardinho no vibrafone, Tomás Marques no saxofone, José Garcia no baixo e Karlos Rotsen e Diogo Santos nos pianos e sintetizadores, respetivamente, viajou um pouco por todo o país onde apresentou o seu álbum ao vivo passando por festivais como Kalorama, Super Bock Super Rock, e alguns auditórios e clubes de norte a sul. Hoje será apresentado o novo trabalho, *Series Vol. 2*, a sair no segundo semestre de 2024.

Ficha artística

Bateria **Fred**

Vibrafone **Eduardo Cardinho**

Baixo **José Garcia**

Saxofone **Tomás Marques**

Piano e Fender Rhodes **Karlos Rotsen**

Piano e sintetizadores **Diogo Santos**

Cinema

30 set 2023

Sáb, 16h00, Grande Auditório



Angela Davis: A World of Greater Freedom
De Manthia Diawara

Após a sua apresentação na Bienal de Sharjah, a estreia portuguesa do filme-ensaio *Angela Davis: A World of Greater Freedom* (2023), da autoria de Manthia Diawara, acontece no Centro Cultural de Belém. Produzido por Maumaus/Lumiar Cité e co-financiado pela Fundação Centro Cultural de Belém, o filme reflete sobre a vida e a obra da ativista norte-americana Angela Davis, mas não se constrói como uma biografia ou uma narrativa fictícia. Em vez disso, as imagens de Diawara, intercaladas com material de arquivo, apresentam-se como um compêndio poético do pensamento crítico de Davis e uma inspiração para traçar novos imaginários e relações dentro de um emergente mundo novo.

Manthia Diawara (Mali) é escritor, cineasta e professor na New York University. Para além de ser autor de diversas publicações sobre o cinema de África e das suas diásporas, contribuiu com ensaios sobre arte e política para *Artforum*, *Mediapart*, *LA Times*, *Libération* e *The New York Times Magazine*, entre muitos outros. Entre os seus filmes destacam-se: *AI: African Intelligence* (2022), *A Letter from Yene* (2022), *An Opera of the World* (2017), *Negritude: A Dialogue between Soyinka and Senghor* (2015), *Édouard Glissant*, *One World in Relation* (2010), *Maison Tropicale* (2008), e *Rouch in Reverse* (1995). A sua obra foi apresentada em festivais, bienais e exposições, incluindo: 34.^a Bienal de São Paulo; Biennale de Dakar; Centre Pompidou, Paris; documenta 14, Kassel; Festival Internacional de Cinema de Berlim; Haus der Kulturen der Welt, Berlim; Lumiar Cité; MOCA Busan; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid; Museu de Serralves; e Serpentine, Londres.

Ficha artística

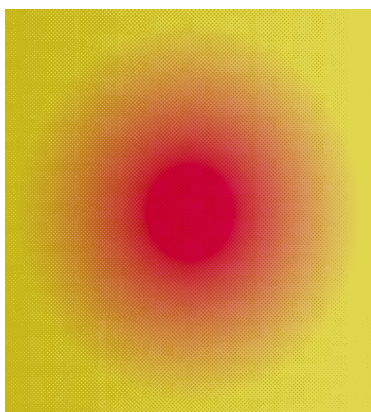
Realização **Manthia Diawara**

Produção **Maumaus/Lumiar Cité**

Produção executiva **Jürgen Bock**

Comissariado por **Sharjah Art Foundation**, cocomissariado por **TBA21**

ThyssenBornemisza Art Contemporary, financiamento de **Mellon Foundation**,
financiamento adicional de **Fundação Centro Cultural de Belém e República Portuguesa–Cultura/Direção-Geral das Artes**



Pensamento

28 set, 12 e 26 out, 9 e 23 nov, 7 dez 2023

Quintas-feiras, 18h30

Formas de Ler: A Força do Destino

Com Helena Vasconcelos

Qual o pressuposto que rege as nossas vidas? A crença num destino marcado à nascença, em que a sorte e o azar determinam a nossa trajetória? Ou, como herdeiros do espírito cartesiano ocidental, acreditamos no livre-arbítrio e na possibilidade de termos sempre, à nossa disposição, a hipótese de escolha? Este dilema tem ocupado filósofos, artistas, pensadores ou simples mortais que desejam ardentemente possuir um qualquer controlo sobre as suas vidas e se veem, por vezes, confrontados com o absurdo e o inesperado. Desde a terrível maldição lançada sobre a família de Édipo, passando pela das bruxas que atormentam o rei Macbeth e passando pelo irónico Diderot, podemos ainda rever as histórias igualmente contundentes, contadas por Fox, Eliot e Romagnolo. Chegaremos a alguma conclusão? Será difícil, mas não impossível. **Boas leituras. – Helena Vasconcelos**

Programa

28 set – *Rei Édipo*, Sófocles (Edições 70, Clássicos Gregos e Latinos)

12 out – *Middlemarch*, George Eliot (ed. Relógio D'Água)

26 out – *Destino*, Raffaella Romagnolo (ed. Asa)

9 nov - *O Bom Soldado*, Ford Maddox Ford (ed. Relógio D'Água)

23 nov - *Macbeth*, William Shakespeare (ed. Penguin Clássicos)

7 dez - *Jacques, o Fatalista*, Denis Diderot (ed. Tinta da China)

7 e 14 mar, 4 e 18 abr, 9 e 23 mai 2024

Quintas-feiras, 18h30

Formas de Ler: Caminho para a Liberdade

Com Helena Vasconcelos

Quando se assinalam os cinquenta anos da Revolução de 1974, é importante mencionar o conceito de liberdade, a falta dela e a forma como a vivemos. Tem sido tema de reflexão ao longo dos séculos e invocamo-la, tanto em nome de ideais, como a propósito das ações mais mezinhas do dia-a-dia. É a base dos sistemas democráticos e representa o anseio de independência, autodeterminação e espontaneidade de todo o ser humano. A liberdade está ligada ao Direito, à Filosofia, à Política e aos movimentos mais legítimos das sociedades e dos povos. Na Literatura, e neste ciclo em particular, não poderíamos eximir-nos da releitura das *Novas Cartas Portuguesas*, símbolo de resistência e inconformismo. Analisaremos, ainda, os traumas ligados à falta de liberdade provocada pelo totalitarismo (Atwood), pela escravatura (Whitehead), pelo vício (Dostoiévski), pela pressão da religião numa comunidade (Baldwin) ou pela incapacidade física (Venturini). **Boas leituras. – Helena Vasconcelos**

Programa

7 mar - *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno (ed. Dom Quixote)

14 mar - *A Estrada Subterrânea*, Colson Whitehead (ed. Alfaguara)

4 abr - *O Jogador*, Fiódor Dostoiévski (Porto Editora)

18 abr - *História de uma Serva*, Margaret Atwood (ed. Bertrand)

9 mai - *As Primas*, Aurora Venturini (ed. Alfaguara)

23 mai - *Se o disseres na Montanha*, James Baldwin (ed. Alfaguara)

1 out, 5 nov, 3 dez 2023

Domingos, 7 jan, 4 fev, 3 mar, 7 abr, 5 mai, 2 jun 2024, 11h00

Sala a definir

SESSÕES ACESSÍVEIS

Sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa



Química a 2 – Casais da História

Nesta temporada continuamos o ciclo *Química a 2*, no qual o jornalista Luís Osório conversa com um convidado sobre a forma como alguns Casais da História marcaram a sua época e se influenciaram, complementaram ou mesmo antagonizaram mutuamente. Nas três últimas sessões de 2023 vamos conversar sobre casais que se destacaram na área da pintura, da ciência e da música.

Temas das sessões de 2024 a divulgar posteriormente.

Moderação de Luís Osório

1 out – **Carlos Fiolhais** fala sobre **Marie e Pierre Currie**

5 nov – **Joana Vasconcelos** fala sobre **Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes**

3 dez – **Laborinho Lúcio** fala sobre **John Lennon e Yoko Ono**

7 jan, 4 fev, 3 mar, 7 abr, 5 mai e 2 jun

(Temas a divulgar posteriormente)

7, 14 e 28 out, 4, 11, 18 e 25 nov, 2 dez 2023

Sábados, 11h00

SESSÕES ACESSÍVEIS

Sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa



Revoluções

A História é feita de momentos de transformação. São estes momentos que ao longo da história da Humanidade promoveram mudanças políticas, económicas, sociais e culturais significativas. Vamos olhar para eles escolhendo apenas algumas revoluções, entendendo as suas causas e as suas consequências, para melhor compreendermos o passado e refletirmos sobre o futuro. Ao delinear este ciclo escolhemos personalidades de diversas áreas da nossa sociedade para nos proporcionarem diferentes pontos de vista, ajudando-nos a compreender estes eventos históricos e impulsionando uma reflexão sobre as transformações sociais e humanas da sociedade dos dias de hoje.

Programa

7 out - Revolução Inglesa (entre 1640 e 1688), **Jaime Nogueira Pinto**

14 out - Revolução Americana (1776), **Bernardo Pires de Lima**

28 out - Revolução Francesa (1789), **Rui Tavares**

4 nov - Revolução Russa (1917), **Ana Isabel Xavier**

11 nov - Revolução Cubana (1953 -1959), **Manuel Loff**

18 nov - Revolução Cultural Chinesa, **Fernando Rosas**

25 nov – 25 de Abril (1974), **Nuno Severiano Teixeira**

2 dez - Primavera Árabe *

* orador(a) a definir

3, 4 e 5 nov 2023

Exposição



She's Gone
Keren Yehezkeili-Goldstein

Galeria Mário Cesariny
Coprodução Centro Cultural de Belém, Embaixada de Israel em Portugal
Entrada livre

She's Gone é uma instalação artística que pretende chamar a atenção para o fenómeno global do homicídio baseado no género, cometido por cônjuges ou outros membros da família. Através da exposição de peças de roupa de mulheres que foram alvo de violência doméstica, interpela-nos em nome de todas as vítimas inocentes que foram assassinadas. **Keren Goldstein e Adi Levy**

12 nov 2023



Conferências Maria da Fonte

A Mulher Portuguesa no decurso da História: Uma Questão de Género

Sessão de encerramento
11h00 às 13h00, Entrada livre

No âmbito da apresentação da opereta *Maria da Fonte*, de Augusto Machado, pelo CCB em coprodução com o Teatro Nacional de São Carlos, vamos acolher a sessão de encerramento das conferências que têm como mote a representação histórica e simbólica feminina encarnada pela lenda de Maria da Fonte. o diretor musical João Paulo Santos e o encenador Ricardo Neves-Neves.

Em conjunto irão contribuir para o debate sobre a recuperação e execução desta obra de Augusto Machado.

Organização:

Jenny Silvestre (Laboratório de Ópera Portuguesa no CCB)

Luísa Cymbron (CESEM/NOVA FCSH)

23 e 24 nov 2023

Conferência Internacional

Por Uma Causa Maior: Arte, Cidadania e Idadismo no Envelhecimento

10h00 às 19h00, Entrada Livre

Esta conferência acontece no âmbito do projeto *Causa Maior*, integrado no programa *PARTIS & Art For Change*, que desde 2021 faz parte da vida da Companhia Maior. Partindo deste caso único no país, propomos uma reflexão coletiva e interdisciplinar para demarcar um terreno de investigação partilhado pela atividade cultural, a criação artística, as ciências sociais e as políticas públicas.

São temas aglutinadores: as políticas públicas e práticas sociais para o envelhecimento ativo; projetos artísticos e educativos de referência; estética e criatividade na idade maior; e acesso e representação na cultura.

Comissão organizadora: **Companhia Maior Associação Cultural; Associação A3S; IHA – NOVA / FCSH, IN2PAST- Universidade Nova de Lisboa; CIES / Iscte - Instituto Universitário de Lisboa; INET-md-Polo FMH - Universidade Técnica de Lisboa**

Parceria: **Fundação Centro Cultural de Belém**

13 jan 2024

Conferência
***Fidelio* de Beethoven**
Rui Vieira Nery
11h00

A propósito da apresentação da ópera *Fidelio* no CCB, em coprodução com o Teatro Nacional de São Carlos, convidámos Rui Vieira Nery para nos dar a conhecer esta obra, única ópera composta por Beethoven, estreada em Viena em 1805. A obra aborda temas como a liberdade, a justiça e o poder do amor.

20 jan, 3 e 17 fev, 2 mar 2024

Estórias da Arte - Cinema
Pedro Mexia
20 jan – 16h00
3 e 17 fev – 16h00
2 mar – 16h00

Venha conhecer o universo da Sétima Arte. Atores, realizadores, argumentos baseados em histórias verídicas ou ficcionadas, a escolha será de Pedro Mexia, que nos contará as suas estórias de cinema.

23 mar 2024

Dia Mundial da Poesia
Os Poetas de Abril
Vários Espaços, 15h00 às 19h00, Entrada Livre
em parceria com o Plano Nacional de Leitura

O CCB volta a assinalar o Dia Mundial da Poesia, este ano sob o tema *Os Poetas de Abril*. Muitos foram os poetas que escreveram canções que marcaram a época pré e pós 25 de Abril, de Sophia de Mello Breyner Andresen a José Afonso, de Ary dos Santos a Manuel Alegre. Textos poéticos plenos de ideais que contribuíram para a construção de um mundo sem censura.

Não podemos deixar passar em branco as comemorações dos 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, considerado por muitos um dos expoentes máximos da literatura portuguesa. Escolhemos assim celebrar a sua Poesia Lírica e a sua linguagem rica e expressiva, unindo desta forma duas comemorações históricas de grande relevo nacional.

6, 13, 20 e 27 abr 2024

Canções da Revolução
Nuno Galopim
Sessões gravadas pela Antena 1
16h00

A música foi uma das primeiras expressões artísticas da Humanidade. Contudo, só quando começou a ser acompanhada de letra ganhou estatuto enquanto agente de mudança. A partilha de ideias transmitindo mensagens de esperança e de consciência social transformaram algumas canções em símbolos.

No ano em que se comemoram os 50 anos do 25 de Abril de 1974, Nuno Galopim levará o público numa viagem musical pelas canções que desempenharam um papel ativo no caminho para a liberdade.

23 abr 2024



Dia Mundial do Livro

Programa a anunciar

Entrada Livre

15, 22 e 29 mai e 5 jun 2024



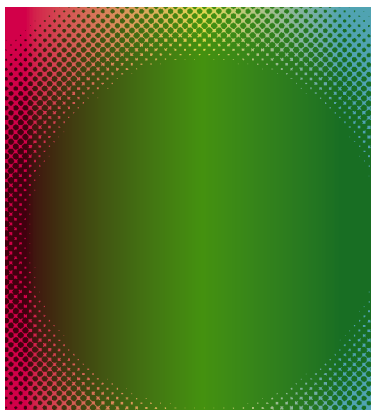
Estórias d'Os Lusíadas

António Carlos Cortez

15, 22 e 29 mai – 18h30

5 jun – 18h30

Como ler *Os Lusíadas* a partir de certas Estórias? Em quatro sessões António Carlos Cortez partilha connosco as estórias de Adamastor, de Veloso na Ilha dos Amores, o canto de desgosto de Leonardo na mesma Ilha e a subida ao Paraíso de Vasco da Gama. Venha conhecer ou relembrar alguns dos heróis desta epopeia.



Fábrica das Artes

Artes Performativas para Jovens Públicos

Quanto vale a liberdade? – dramaturgias da revolução

“Quanto vale a liberdade?” foi, pois, a interrogação que sustentou, há já 15 anos, a conceção da primeira programação da Fábrica das Artes do CCB, quando António Mega Ferreira a desafiou a conceber também atividades para públicos jovens que integrassem o seu ciclo programático “O Nazismo e a Cultura”.

Esse acontecimento desenhou o manifesto inicial da Fábrica das Artes de considerar a dimensão política das infâncias todas e a sua relação com a indeterminação da criação artística, da qual surge uma novidade, onde o novo, o estranho e a subjetividade são possíveis. Trata-se de levar a sério a vida artística dos mais novos; tomá-la inteira, na sua completude, na sua luz e escuridão mais íntima, tanto no divertimento como na abstração exigente e tudo refletido na complexidade de uma criação artística contemporânea.



Passados 50 anos da Revolução dos Cravos, face ao estado do mundo e ao seu futuro obstruído - das guerras às alterações climáticas; das pandemias aos fascismos; das desigualdades à ferocidade veloz e alienada em que tudo isto se passa - o que pensar o futuro hoje? A visão parece apocalítica, logo o futuro está noutra parte. O que é nascer nisto? O que é ser criança e jovem nisto? As crianças e jovens não estão imunes a esta realidade. Como é isto? Acaba o mundo e o tempo? Doi? Mata? Qual será o Chão Comum que releva a nossa humidade e fortalece a dimensão crítica, estética e política da vida? Mas afinal porque é que o céu continua a querer ser olhado?

O desafio permanece ativo mais do que nunca: Tomar o espaço da Programação e do Teatro, no sentido do que nos é comum, de uma polis, e como moldura para pensar hoje, em escuta e diálogo com os nossos públicos jovens, a Democracia, a Liberdade, a Revolução e as suas ressonâncias...

Madalena Wallenstein

Programadora e coordenadora da Fábrica das Artes

20 e 21 out 2023



Big Bang 2023

Festival de música e aventura para públicos jovens

O festival ideal para quem tem ouvidos curiosos e espíritos destemidos regressa para a sua **13ª edição**. Os jovens espetadores percorrem este labirinto de aventuras musicais no encontro com um programa colorido e diverso de espetáculos multidisciplinares, instalações interativas, músicas de muitos estilos e formatos, o Big Bang oferece muita aventura e uma viagem aliciante para crianças, jovens e adultos.

O Big Bang é um projeto internacional que envolve vários parceiros internacionais, com edições a decorrer em doze países europeus e no Canadá. Através deste projeto, iniciado pela companhia belga Zonzo Compagnie, o CCB/Fábrica das Artes tem aberto um importante espaço para o intercâmbio de experiências musicais para crianças, com músicos portugueses e estrangeiros a percorrer os quatro cantos da Europa.



Projeto Nómadas - A Ilha dos Ventos
Victor Gama com Conservatório de Lisboa
Grande auditório, M/4 – 45 min

Em migração pela galáxia um grupo de humanos chega a Eguanalam, o planeta púrpura, parte de um sistema solar a 12 anos-luz da Terra. Uma expedição de cientistas inicia a exploração da única ilha situada no enorme oceano Outibol que cobre 99% da superfície de Eguanalam e constitui a única massa continental. Aí descobrem que a ilha com as suas montanhas, vales, florestas e desertos é a origem de todos os ventos do planeta. O compositor e criador de instrumentos Victor Gama trabalha com um grupo de alunos do conservatório de Lisboa para criar os sons e a música dos ventos, pássaros, animais e muito outros que os cientistas terão encontrado durante a sua expedição.

Composição e conceito **Victor Gama**
Músicos **Salomé Pais Matos** (toha), **Victor Gama** (acrux, toha),
Nuno Cintrão e alunos do Conservatório de Lisboa (Dinis Spencer e Gabriel Santos (violinos), **Gustavo Silva e Tiago Silva** (Viola D' Arco), **Duarte Gomes e Vicente Sequeira** (violoncelos), **Margarida Inácio, Leonor Pena Martins e Manuel João Martinho Costa** (percussão)
Direção técnica e operação de som **Paulo Machado**
Desenho e operação de luz **João Fontinha**
Video **Alfred Marseil, Robin Noorda, Victor Gama, Rui Peralta**
Projeção de video **Rui Peralta**
Produção **PangeiArt**



Instrmnts
Victor Gama

Instalação performativa, Sala Almada Negreiros, M/4 – 45 min

Instrmnts é uma exposição interativa de instrumentos musicais colaborativos e instalações sonoras criados e desenvolvidos por Víctor Gama. Mais de duas dezenas de instrumentos contemporâneos estarão ao alcance do público convidando-o a participar num processo espontâneo de criação e exploração musical, descobrindo os sons de instrumentos originais como a toha, um tipo de harpa circular que pode ser tocada por dois músicos, o acrux inspirado na constelação do Cruzeiro do Sul ou o tipaw que se inspira na história de um tigre que fugira de um jardim zoológico e se refugiara num museu, entre muitos outros. Para além destes momentos de livre acesso e fruição, haverá concertos, oficinas e demonstrações dirigidos ao público em geral.

Criação de instrumentos e direção **Victor Gama**
Montagem **Paulo Machado, Victor Gama**
Assistência à produção **Luciana Lopes**
Produção **PangeiArt**



Uma e a outra / One and the other (FR)
Sophie Boucher e Magali Benvenuti
Espetáculo/Performance, Black Box, M/4 – 35 min

Desfrute de uma mistura de guitarra, percussão corporal e dança neste delicioso espetáculo sobre uma música e uma bailarina - duas amigas que estão a descobrir como tocar(brincar) juntas.

Uma é morena. A outra é loira. Uma é música. A outra é bailarina.

Uma precisa do seu espaço. A outra precisa de contacto. Uma é organizada, arrumada, meticulosa. A outra é espontânea; ela corre para a multidão.

Lune e Lautre, personagens com personalidades opostas, encontram-se, descobrem-se e confrontam-se, e finalmente concordam. Cada uma delas joga com e para a outra...

Uma história cheia de sons e barulhos, gestos e gesticulações. Uma história absurda e poética, onde tudo é um jogo a dois. A música comanda a dança, a dança conduz a música e os ritmos tomam conta desta encantada e louca dupla!

Criação e Performance **Sophie Boucher and Magali Benvenuti**
Co-produção **Compagnie Tancarville e La Braslavie**



Hey Meredith!

Zonzo Compagnie

Espectáculo, Pequeno Auditório, M/6 - 60 min

Meredith Monk sempre foi única. Escreve música, dança, cria *performances* e toca o piano, mas acima de tudo é cantora. Em vez de cantar músicas para um texto, ela brinca com as infinitas possibilidades da voz. Cantando Heydldiedendo sem tropeçar a língua, inspirou cantores por todo o mundo a procurarem os seus próprios sons. A Zonzo Compagnie ficou conhecida por apresentar espetáculos inspirados em compositores famosos como John Cage, Bach, Miles Davis e Purcell, e agora - pela primeira vez - adiciona uma compositora contemporânea a essa lista. Em tempos, Meredith Monk criou um espetáculo para a Zonzo Compagnie, agora é a vez da Zonzo Compagnie fazer uma *performance* sobre ela.

A cantora **Naomi Beeldens**, o trombonista **Nabou Claerhout**, a pianista **Anthe Huybrechts**, a diretora **Ine Van Baelen** e o videógrafo **Stijn Gruppung** exploram em *Hey Meredith!* uma obra de quase 60 anos, seguindo a voz de Meredith Monk.

Voz e dramaturgia **Naomi Beeldens**

Trombone **Nabou Claerhout**

Voz e piano **Anthe Huybrechts**

Composição **Meredith Monk**

Arranjos **Karel Stulens**

Direção, vídeo e cenografia **Ine Van Baelen, Stijn Gruppung**

Coreografia **Inga Huld Hárkonadóttir**

Figurinos **Sabrina Transiskus**

Luz e design técnico **Wim Bernaers**

Uma produção da Zonzo Compagnie em coprodução com a STUK & Perpodium. Com o apoio DE SINGEL& o abrigo fiscal do governo federal Belga via Cronos Invest.

Quartos dos Músicos

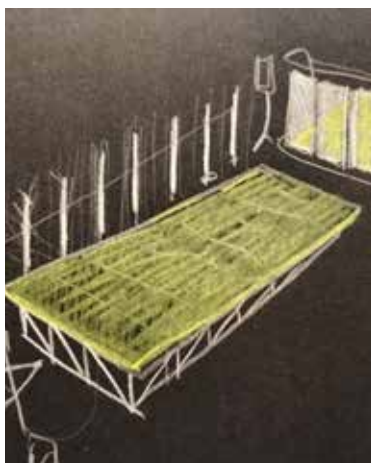
Novos Criadores das Infâncias

Espectáculo, M/4 - 45 min

Jovens músicos ocuparam as salas de ensaio para aí permanecerem nos caminhos de criação. Durante o Big Bang, vamos poder percorrer os corredores que nos levam a eles.

Músicos

Longo, Guilherme Fortunato, Nazaré Silva e Duarte Carvalho



Jangada (uma peça de embalar)

Ricardo Jacinto | Colectivo Osso

Instalação Performativa, M/6 - 30 min

A *Jangada (uma peça de embalar)* é um concerto que se faz teatro através de um dispositivo cenográfico-instrumental que é, ao mesmo tempo, um grande instrumento de percussão ou uma superfície espelhada onde o público e um violoncelista surgem refletidos durante o espetáculo.

Este dispositivo traz a figura da “plateia”, aqui experimentada e como uma grande jangada, para o centro da dramaturgia musical explorando plasticamente a “distância entre *performer* e espectador” enquanto um território “líquido e instável”. Som, espaço, luz, arquitetura e convenções na relação entre *performers* e espectadores são articuladas num pequeno onde o público sobrevive à imersão, flutuando.

Violoncelo, eletrónica e composição **Ricardo Jacinto**

Percussão e eletrónica **Manuel Pinheiro**

Som **Suse Ribeiro**

Luz **Frederico Rompante**

Produção **OSSO**



Galandum Galundaina

Concerto, Sala Luís Freitas Branco, M/4 – 45 Min

Para Galandum Galundaina a música não se inventa; reencontra-se.

Galandum Galundaina trazem ao Big Bang um património musical e etnográfico único, da identidade cultural das Terras de Miranda, Nordeste Transmontano, que durante muito tempo ficou esquecido. Ao longo dos últimos 25 anos o grupo contribuiu para o estudo, preservação e divulgação do Mirandês e dos instrumentos populares em extinção. Das memórias da Sanfona, da gaita-de-foles mirandesa, da flauta pastoril, do rabel, do saltério, do cântaro, do pandeiro mirandês, do bombo e da caixa de guerra do avô Ventura, nasce uma música que acumula referências, lugares, intensidades, tempos.

Voz, sanfona, gaita-de-fole mirandesa, dulçaina, flauta pastoril e tamboril **Paulo Preto**

Voz, rabel, gaita-de-fole, realejo, pandeireta, pandeiro mirandês **Paulo Meirinhos**

Voz, caixa de guerra, bombo, pandeireta, pandeiro mirandês, tamboril, cântaro

Alexandre Meirinhos

Voz, flauta pastoril, flauta de osso, tamboril, saltério, flauta transversal, bombo, pandeiro mirandês, charrascas **João Pratas**

Oficina

Galandum Galundaina

Sala Luís Freitas Branco, 45 min / 20 out, 12h15 / 21 out, 11h00, M/6

Antes do espetáculo, os Galandum Galundaina fazem uma oficina para nos conduzir pelos mistérios da língua e das canções cantadas em mirandês. Durante o concerto, os participantes, enquanto espectadores do espetáculo, poderão acompanhar melhor o seu universo.

Com **Paulo Preto, Paulo Meirinhos, Alexandre Meirinhos, João Pratas**

Orquestra Tradicional da Casa Pia de Lisboa

(Banda juvenil, gaitas de foles e percussão)

Concerto, Entrada CCB, Para todos, 20 min

Esta Orquestra Tradicional é composta por jovens da Casa Pia de Lisboa que frequentam as atividades musicais de percussão tradicional, gaita de foles e banda filarmónica juvenil. O repertório tem na sua matriz a música etnográfica portuguesa de tradição oral e escrita, perpetuando desta forma a valorização e transmissão do património musical português. Aprendizizes e mestres juntam-se neste concerto para fazer ecoar no espaço do **Big Bang** a sua música e a alegria.



Peace Unity Love And Have Fun And Never Waste Your Talent

Lisbonbreakers

Dança – Espetáculo de rua, Praça CCB, Todos / Entrada livre

Vamos fechar o Big Bang de 2023 com diversão e *breakdance*!

Este ano, para celebrarmos o final de cada dia do Festival Big Bang convidamos o coletivo LisbonBreakers a ocupar a Praça CCB. O grupo de B-boys do “Chiado” vai trazer os ritmos e batidas do hip hop num espetáculo espontâneo, cheio de energia e de movimento. Acompanhados por um DJ, vamos fechar cada dia com uma grande festa de dança e *beats* na Praça CCB!

Lisbonbreakers

Bboy PHflava (Paulo Henrique Pereira Santos)

Bboy Rafex (Rafael Rocha Rodrigues)

Bboy Hk (Matheus Ibiapina da Silva)

Bboy wess (Wesley Gomes)

Bboy Smiglock (Tiago de Souza Melo)

Bboy Tiubrown (José Nicolas Sales Moreira)

Bboy Dim (Gabriel Rosa)

Música **DJ Jiabo**



Embaixadores Big Bang 2023

João Estrada

O projeto Embaixadores Big Bang é uma iniciativa que tem integrado todas as edições do festival Big Bang desde 2015, tanto em Lisboa como pela Europa fora. Nesta iniciativa, convidamos crianças a integrar as equipas de comunicação de cada instituição e agir como equipa de reportagem do festival.

Embaixadores 2023:

Bartolomeu Costa, Gabriel Barahona, Gaspar Teigas, Maria Carolina Ferreira, Laura Santos, Rita Sá Pires, Vicente Salgado, Mariana cruz

8 nov, 6 dez 2023

10 jan, 28 fev, 13 mar, 10 abr, 8 mai, 5 jun 2024

O Espectador Emancipado

Clube de Jovens

Quarta-feira, Fábrica das Artes, 16h30 às 18h, 15 aos 23 Anos

Ser **Espectador Emancipado** é escolher por si próprio os espetáculos que te levarão a construir o teu projeto cultural pessoal autónomo. É abrir uma porta para encontros com as artes enquanto moldura para sentir e pensar o mundo e o nosso lugar nele. Para percorrermos estes arcos de transição na programação do CCB e desenharmos juntos este clube de jovens, Fábrica das Artes do CCB convidou um conjunto de artistas para realizar plenários de divulgação, debates temáticos e oficinas de experimentação a partir dos materiais dos espetáculos que serão apresentados nas nossas salas.

Pertencer a este clube é aproximar-te dos artistas e a sua arte; é dialogar sobre as suas linguagens e vocabulários; é participar em processos criativos; é conhecer melhor os bastidores; é interrogar sobre seus processos - os seus modos de imaginar, inspirar, pesquisar, criar, construir, experimentar, escolher; é pertencer a um lugar; é ter voz. Pertencendo a este Clube de Jovens, tens acesso a um conjunto de atividades culturais e artísticas a preços com desconto e assumes o compromisso de participar nos encontros do clube na primeira quarta-feira de cada mês.

Espetáculos fim de semana para a temporada de 2023/2024

Compra o teu bilhete de Espectador Emancipado com desconto especial para os seguintes espetáculos:

Bora lá Laborar

Um Mini Museu Vivo

Rádio Benjamim

Quanto Vale a Liberdade

Mundo Oco

Batalha

Descobri-quê

Encontros à quarta-feira - Espectador Emancipado - Clube de jovens com inscrição prévia.

Espectáculos

Quanto vale a Liberdade? — Dramaturgias da Revolução

Para celebrar o 50.º aniversário do 25 de Abril de 1974, a Fábrica das Artes convida todas as infâncias a percorrer os caminhos da Liberdade para ficarmos a conhecer melhor a paisagem. O que é, como se parece, quanto vale a Liberdade? Através de uma instalação permanente que pode ser experimentada por todos os públicos na Fábrica das Artes entre Abril e Julho, e de um conjunto de cinco solos criados por

cinco atores e atrizes, lançamos a pergunta ao público para celebrar a democracia e manter viva a pergunta deste encontro: será que lhe sabemos responder?

Quanto vale a Liberdade? — Dramaturgias da Revolução

Sessões especiais de abertura da instalação com apontamentos dos cinco *performers*

19 e 25 abr 2024

Fábrica das Artes, Sexta, feira, 18h00

Quarta-feira, às 11h00

Faixa etária – dos 3 aos 10 anos

Uma acontece no dia 19 de abril, ainda durante a ditadura e a outra, dia 25 de abril, o dia em que nos libertamos dela. Só nestes dois dias nos poderemos encontrar, ao mesmo tempo, com a instalação “engenho - engenhoca que é uma maquineta da Liberdade” e os cinco performers que dão voz aos desdobramentos desta temática.

25 abr a 30 jun, 10 a 31 jul, 4 a 29 set 2024

Quanto vale a Liberdade? — Instalação Jogo

Fábrica das Artes, quarta-feira a domingo, 10h00 às 13h00 + 14h30 às 17h30, M/3

Construída por Luís Santos, esta instalação é uma máquina/jogo de revoluções. Nela poderemos reconhecer metáforas para as estruturas que formam a nossa Sociedade: como estamos ligados uns aos outros e nos influenciemos e o sobre papel único que cada um de nós tem.

Inspirado pelo mecanismo do relógio, e pela diversidade de propostas de toda a equipa artística, o cenógrafo cria este invento; um engenho - engenhoca que é uma maquineta, que é uma nave, que é um veículo para descobrir e para expressar a Liberdade. No decorrer do processo criativo, contamos com alunos do curso de relojoaria do Centro de Educação e Desenvolvimento de Pina Manique da Casa Pia de Lisboa, como parceiros de trabalho.

A música original de Leonardo Outeiro é parte integrante desta máquina de revoluções, que pode ser visitada e experimentada a sós, em grupo, ou ainda revelada através dos solos que os atores e as atrizes nos propõem ao longo dos meses.

E a Liberdade? Será que podemos medi-la, pesá-la, cheirá-la, escutá-la? Quem sabe, até tocá-la?

7 mai a 9 jun

A mesma inquietação — 5 performances

A partir dos 3 anos

André Pardal, Bernardo Souto, David dos Santos, Inês Minor e Nádía Yracema apresentam-nos diferentes caminhos para responder à interrogação “Quanto vale a Liberdade?”. Cinco propostas artísticas que se dirigem ao público entre os 3 e os 10 anos para celebrar as cinco décadas da democracia portuguesa. Estes solos estreiam em abril e cada um terá uma curta carreira na Fábrica das Artes, entre as sessões especiais de abertura e os meses do verão. Independentemente entre si, a cenografia e a música serão os elementos que unem cada um destes caminhos, que, sendo diferentes, partilham a mesma inquietação – afinal, quanto vale a Liberdade?

Solo 1: 7 a 12 de maio – **Nádía Yracema** (+ 8 anos)

Solo 2: 14 a 19 de maio – **Bernardo Souto** (+ 6 anos)

Solo 3: 21 a 26 de maio – **Inês Minor** (+ 8 anos)

Solo 4: 28 de maio a 2 de junho – **David dos Santos** (+ 5 anos)

Solo 5: 4 a 9 de junho – **André Pardal** (+ 3 anos)

Direção artística **Guilherme Gomes e Tânia Guerreiro**

Cenografia **Luís Santos**

Música e espaço sonoro **Leonardo Outeiro**
Performers André Pardal, Bernardo Souto, David dos Santos, Inês Minor, Nádía Yracema
Produção **CRETA – laboratório de criação teatral, em coprodução com a Fábrica das Artes**

10 a 12 nov 2023



Bora Lá Laborar

Teatro de Ferro

Espectáculo + conversa

10 nov - Pequeno Auditório - 10 às 11h e 14h30

11 nov, 19h00, 12 nov, 16h, M/12 - 80 minutos

Afinal, para que é que trabalhamos? Para que serve o trabalho? Porque que é que, para a maioria das pessoas, a vida se organiza à volta do trabalho? Estas interrogações podem interpelar qualquer pessoa, mas desassossegam-nos mais em certas fases da vida. Por isso, dedicamos este espectáculo a todas e a todos os que poderão estar a viver um desses momentos. Construtor da subjetividade e organizador da sociedade, o trabalho ocupa um lugar central no mundo humano. Este nosso labor é feito de ideias, de danças, de músicas, de palavras, de canções, de corpos, de máquinas e de tantas outras coisas. *Bora Lá Laborar?*

Encenação, cenografia e dramaturgia **Igor Gandra**

Assistência de encenação **Carla Veloso**

Letra das canções **António Gil**

Música **Fernando Rodrigues**

Interpretação **Carla Veloso, Catarina Chora, Eduardo Mendes,**

Igor Gandra, Mariana Lamego

Realização plástica **Eduardo Mendes**

Vídeo **LoTA Gandra**

Desenho de luz **Mariana Figueroa**

Figurinos **Marta Figueroa**

Fotografia de cena **Susana Neves**

Oficina de construção **Eduardo Mendes, Hernâni Miranda, Igor Gandra,**

Carla Veloso, Catarina Chora, Mariana Lamego

Participantes no Laboratório *Bora Lá Laborar!*: **Jaime Gamboa, Laura Silva,**

Miguel Oliveira e Isabela Martins

Agradecimentos **Ana Lúcia Figueiredo**

Produção **Teatro de Ferro 2023**

Coprodução **Fábrica das Artes- Centro Cultural de Belém, Fundação**

Lapa do Lobo, Teatro Aveirense, Teatro Municipal da Guarda, Teatro

Municipal de Faro

O Teatro de Ferro é uma estrutura financiada pela República Portuguesa-Cultura, Direção-Geral das Artes

28 fev a 3 mar 2024



Um mini museu vivo de memórias do Portugal recente

Teatro do Vestido

Espectáculo + Conversa - Reposição

28, 29 fev + 1 mar – Pequeno Auditório – 10h30 – ESCOLAS

2 + 3 mar, 16h00 – FAMÍLIAS

M/12 – 2º, 3º ciclos e secundário, 1h45 + 45 min de conversa

Baús e arquivos abertos no ano em que se comemora o 50º aniversário do 25 de Abril, o “dia inicial, inteiro e limpo,” encontramos neste **Mini Museu** um conjunto de histórias de pessoas comuns que não foram fixadas nos manuais de história tal como ela é ensinada nas escolas. Os pequenos objetos, as fotografias de família, um velho livro de uma biblioteca pessoal, um recorte de jornal guardado entre as páginas de um diário – testemunhas de outras formas possíveis de lembrar e contar estes relatos. Uma viagem cronológica pela história do século XX em Portugal e que começa com a descoberta de uma caixa cheia de panfletos e evidências de um conjunto de utopias hoje caídas em desuso. Para esta nova versão de 2024 Dúnia Semedo partilha

o laboratório de memórias com Joana Craveiro, escavando mais a fundo pedaços da história colonial portuguesa e memórias de Cabo Verde e da sua luta de libertação.

Concepção, texto, espaço cénico e direcção **Joana Craveiro**

Interpretação **Dúnia Semedo, Joana Craveiro**

Colaboração criativa **Estêvão Antunes, Francisco Madureira, Tânia Guerreiro e Rosinda Costa** (na versão de 2017)

Desenho de luz **João Cachulo**

Operação de som a designar

Direcção de produção **Alaíde Costa**

Assistência de produção **Rita Conde**

Coprodução **Teatro do Vestido e Centro Cultural de Belém / Fábrica das Artes**

Um Mini Museu Vivo foi criado originalmente a convite do CCB/Fábrica das Artes em 2017, inserido no ciclo 'Memórias de Intenção Política.'

O Teatro do Vestido tem o apoio de República Portuguesa - Cultura | DGARTES, para o biénio 2023-2024.

13 a 15, 16 e 17 mar 2024



Rádio Benjamin

Guilherme Gomes / Teatro da Cidade

Espectáculo + conversa - Estreia

13 a 15 mar – Black Box – 11h00 – ESCOLAS

16 E 17 mar – Black Box – 16H00 - FAMÍLIAS

M/6 - 90 minutos

Em casa, quando nos julgamos sozinhos, ouvimos as gravações antigas e começamos a imaginar que estamos lá, onde a gravação se passa. Então, as personagens começam a parecer-nos reais. O mundo transforma-se, e é difícil regressar totalmente ao que ele era antes deste exercício de imaginação.

Este espectáculo convida os espectadores a refletir sobre como se contam as histórias da sua vida/infância e a importância política da imaginação - encarando os seus impactos no mundo real. Pretende lembrar que todos somos leitores e criadores de narrativas. Inspirado em textos de Walter Benjamin e Samuel Beckett, escrito por Guilherme Gomes para três intérpretes e um gravador, "Rádio Benjamin" mostra-nos como "contar histórias é uma arte e criar narrativas uma ferramenta."

Texto e encenação **Guilherme Gomes (a partir de Walter Benjamin)**

Interpretação **Nídia Roque, Bernardo Souto, João Reixa**

Música **Dennis Xavier**

Cenografia a definir

Luz **Rui Seabra**

Coprodução **Teatro da Cidade e Fábrica das Artes/CCB**

11 a 14 abr 2024



Mundo Oco

Rosinda Costa / Mãosimmão - Ac

Espectáculo + Conversa - Estreia

11 e 12 abr – Black Box - 11h00 (escolas) / 13 abr – Black Box - 19h00

14 abr – Black Box - 16h00

M/12 - 2º, 3º ciclos – 90 min (70 min + 20 min conversa)

"Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa."

(Ailton Krenak)

Mundo Oco é um espectáculo de teatro a solo que está alicerçado numa pesquisa de fundo sobre ecologia e esquecimento. Não se trata tão só de preocupação ambiental, mas de pós-ocupação ambiental, ou seja, o que está e que é depois do desastre.

Rosinda Costa conta a história da morte do rio Doce e realça o desastre em Mariana como um ícone catastrófico da nossa era contemporânea transformando-o num catalisador de reflexão sobre o futuro da relação (física e espiritual) homem-planeta.

Criação, dramaturgia e interpretação **Rosinda Costa**
Assistência de encenação **Rui M. Silva**
Apoio à dramaturgia **Ailton Krenak, Eduardo Marinho e Piatan Lube Moreira**
Música e espaço sonoro **Tiago Cerqueira**
Cenografia e figurinos **Hugo F. Matos**
Assistência de cenografia **Nelson Soares**
Desenho de luz e direcção técnica **Margarida Moreira**
Administração e produção **MãoSimMão Associação Cultural**
Co-produção **Fábrica das Artes CCB, Festival É-Aqui-In-Ócio Varazim Teatro**
Residência artísticas **Polo Cultural Gaivotas | Boavista, Murta 11 transdisciplinary art lab.**
Apoio **República Portuguesa – Cultura / Direcção-Geral das Artes**

18 a 21 abr 2024



Batalha

Lama Teatro / TDMII | Odisseia Nacional

Espectáculo + Conversa

18 e 19 abr – Black Box - 11h00 (escolas)

20 abr – Black Box - 19h00 / 21 abr – Black Box - 16h00

M/12 – 2º e 3º ciclos, 60 minutos + conversa

Texto **Sandro William Junqueira**

Encenação **João de Brito / Teatro Lama**

Numa manhã de primavera, na praia do Guincho, o Presidente da República Portuguesa, tem uma ideia que pode mudar a vida de alguns jovens. Reúne todas as turmas das escolas secundárias do país numa tómbola e tira uma à sorte. Nesse mesmo dia, comunica ao país o sorteio que realizou e revela quem foi a contemplada. A turma X, da Escola Y, da cidade W foi seleccionada para representar Portugal. A ideia é que esta turma seja responsável por contar a história de Portugal, numa transmissão mundial (*streaming*). “Têm três semanas para preparar a apresentação”, afirma o presidente.

A turma X, da Escola Y, da cidade W, decide arregaçar as mangas e, juntamente com a professora de História, começam a ensaiar para preparar a sua versão dos factos. Esta turma, tal como tantas outras, tem muitos jovens, oriundos de vários locais, com diferentes formas de estar e alguns deles encaixam-se em estereótipos definidos pela sociedade. A ideia é que todos contribuam, realçando o trabalho da turma enquanto todo, e a importância do trabalho elaborado em sala de aula, entre matéria e valências dos alunos, promovendo a inclusão e a participação, independentemente do género, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição económica ou outra. A ação do espectáculo começa precisamente no anúncio feito pelo Presidente da República, seguida da reação da turma à notícia e os consequentes preparativos e ensaios.

Encenação e dramaturgia **João de Brito**

Texto **Sandro William Junqueira**

com **Joana Bárcia, João de Brito** e seis jovens escolhidos em audição

Desenho de luz **Jorge Ribeiro**

Cenografia **Henrique Ralheta**

Sonoplastia **Noiserv**

Figurinos **José António Tenente**

Assistência de encenação **Inês Ferreira da Silva**

Aconselhamento hip hop e apoio à dramaturgia **Sir Scratch**

Direção técnica **Fábio Ventura / Show Ventura**

Direção executiva e de produção **Sandro Benrós**

Produção **LAMA Teatro**

Coprodução **Teatro Nacional D. Maria II, Teat**

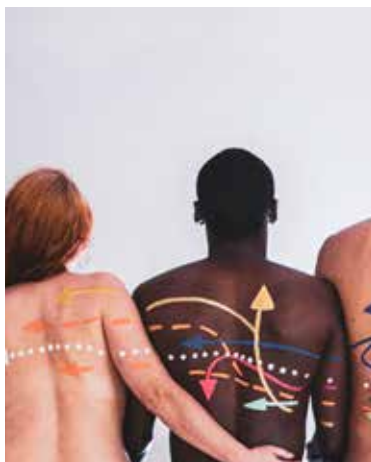
Coprodução **LAMA Teatro, Teatro Nacional D. Maria II**

e **Teatro das Figuras** inserido na **Odisseia Nacional**

Apoio institucional **Município de Faro**

Estrutura financiada pela **Dgartes/República Portuguesa**

8 a 12 mai 2024



descobri-quê?

Cátia Pinheiro, Dori Nigro, José Nunes

Estrutura / TDMII | Odisseia Nacional

Espectáculo + conversa

8 e 9 mai - Black Box - 10h00 + 14h30 (Escolas)

10 mai - Black Box - 14h30 + 19h00 (Escolas)

11 mai - Black Box - 19h00 / 12 mai - Black Box - 16h00

10 aos 15 anos - 2º e 3º ciclos

50min + 30 min conversa (aprox.)

descobri-quê? é um espetáculo que pretende contribuir para a descolonização – enquanto gesto inacabado, portanto constante e continuado – do ensino do período histórico designado como “descobrimientos”, quebrando uma série de narrativas oficiais que romantizam esta época e procurando uma confrontação com o passado invasor, expansionista e colonialista português.

Este espetáculo é orientado para um público juvenil e resulta da colaboração dos criadores da Estrutura (Cátia Pinheiro e José Nunes) com o artista, *performer* e arte-educador Dori Nigro. Paralelamente, serão desenvolvidas ações de formação para as escolas e para o público em geral.

descobri-quê? é uma produção da Estrutura em coprodução como o Teatro Nacional Dona Maria II e o Teatro Académico Gil Vicente e estreará em Março de 2023, no âmbito do programa Odisseia Nacional.

Criação Cátia Pinheiro, Dori Nigro e José Nunes

Interpretação Joyce Souza, Tiago Jácome e Waldju Kondo

Cenografia Cátia Pinheiro

Figurinos Jordann Santos

Desenho de luz Pedro Nabais

Música e sonoplastia Vasco Zentzua

Vídeo e imagem de divulgação Eddie Oleque Fernandez

Ilustração Mina Velicastelo

Participação em vídeo Bia Ferreira, Cláudia Henriques, Ulé Baldé e Wura Moraes

Assistência de figurinos e cenografia Beatriz Filomeno

Assistência de luz Sara Nogueira

Assistência de vídeo Milton Lopes

Consultoria Cristina Roldão, Melissa Rodrigues e Nuno Coelho

Coordenação de produção Inês Carvalho e Lemos

Produção executiva e comunicação Romana Naruna

Coprodução Estrutura, Teatro Nacional Dona Maria II

e Teatro Académico Gil Vicente

Apoio à residência CRL - Central Elétrica e Teatro Municipal do Porto

Parceiro Media Antena 2

Estreia 17 de Março de 2023, Paredes de Coura



15 jun 2024



***Sononautas* – criação comunitária para todas as infâncias**

Novos Criadores das Infâncias com a Sonoscopia

Sessão de criação aberta – formação

Fábrica das Artes - 15h às 17h30

Para artistas, professores, educadores, mediadores, pais e curiosos

Novos Criadores das Infâncias 2024 com a Sonoscopia – 6ª edição

Sessão Aberta

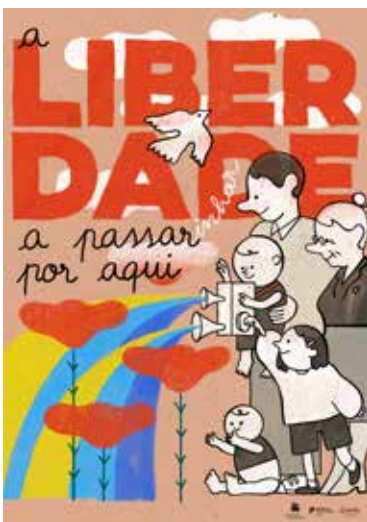
Abrimos ao público uma sessão de partilha e experimentação em torno dos processos de criação de *Sononautas*; a criação de uma escultura sonora/jogo que integra cinco artistas emergentes das áreas da música, escultura e vídeo arte em cocriação com a Sonoscopia. Trata-se de um projeto em residência em 5 momentos a partir de janeiro de 2024, estreia no festival Big Bang em outubro e permanecerá no espaço da Fábrica das Artes durante o mês de novembro.

Um objeto. Lá dentro, num labirinto desdobrável de jogos, experiências e engenhos, somos levados para um universo onde o som também é visível e palpável. Também o podemos cheirar e até comer, mas melhor do que tudo isto, é poder ser som. E o poder aqui é de quem constrói este universo, livre e em crescimento. Neste objeto, que tem muitos outros objetos lá dentro, encontramos pistas que foram deixadas pelos exploradores deste universo – os Sononautas. Estes seres, ligados entre si por ondas sonoras, fazem da partilha uma prática elementar, para se relacionarem, aprenderem e sentirem. Juntos, partimos numa viagem só de ida, em direção ao infinito. *Sononautas* é uma criação comunitária para crianças adultas e adultos que se recusam veementemente a crescer. É concebido através dos ouvidos da Sonoscopia, que escuta atentamente as intervenções de um conjunto de Sononautas. Em conjunto, e ao longo de cinco sessões, é construído um objeto que tem tanto de armário como de nave espacial, e que pode ser transportado para diferentes espaços. Depois, dele saem várias aventuras – sons nunca antes ouvidos, experiências sonocientíficas, sinais de rádio pirata ou puzzlepartituras.

Os Sononautas têm vidas infinitas e o poder da transformação. São músicos, construtores de instrumentos ou cientistas, e podem ser avistados em concertos, a pilotarem naves-armário ou a recrutarem militantes para as várias causas do som.

Conceção e criação **Ana Veloso, Henrique Fernandes e Gustavo Costa**
Apoio à criação **Vicente Mateus**
Jovens Criadores Para a Infância **Tiago Mendonça, João Calado, Guilherme Aguiar, Sofia Sá, Beatriz Costa**
Gestão de projecto e produção **Patrícia Caveiro**
Produção **Sonoscopia**
Uma encomenda do **CCB / Fábrica das Artes**

27 abr 2024



Prelúdio para a Liberdade

Companhia da Música

Sessão de criação aberta – formação

Fábrica das Artes - 14h30 às 17h30

Para artistas, professores, educadores, mediadores, pais e curiosos
2h30m / lotação – 20 pessoas

O início de um processo criativo é sempre um momento de efervescência e grande “liberdade”. A “folha em branco” tem que ficar repleta de ideias (as que se pensam mas também as que habitam o corpo, as que se ouvem, vêem e sentem) para que depois o espaço entre elas cresça e dê vez às que querem, ou podem, vir a ser aquilo que se vê num espectáculo. Juntar pessoas ligadas à educação e à arte à volta de um “improviso” construído a partir de “materiais de partida” e convidá-las a trazer as suas próprias memórias e referências (canções, poemas, objectos) para um exercício de “liberdade criativa” onde se explora o som, o movimento, a palavra, alguns objetos, é a ideia que se pretende desenvolver com *Prelúdio para a Liberdade*. Chamemos-lhe Formação, embora o termo “TransFormação” fosse mais adequado não só dada a sua natureza “transversal” mas também porque não se pretende “dar forma” ou “formatar”. Pelo contrário, pretende-se, através da “experiência da arte”, criar uma “viagem” pelo território da liberdade de criar.

O espectáculo *A Liberdade Está A Passar Por Aqui*, dirigido a cresces e Jardim de Infância e aos adultos que as acompanham, estreará no CCB / Fábrica das Artes em outubro de 2024.

Com **Paulo Maria Rodrigues** e elementos da equipa criativa da CMT

20, 21 jan e 3 fev 2024

Receitas para escritores de comédias

Guilherme Gomes / Teatro da Cidade

Oficina

Fábrica das Artes - 15h30 às 17h30, Famílias, 90 minutos

Esta oficina é uma atividade paralela e opcional ao espetáculo *Rádio Benjamin* do Teatro da Cidade. Será conduzida pela sua equipa artística, explorando o potencial da **criação de narrativas**, em diálogo com os participantes.

Receitas para Escritores de Comédias é o título de um dos textos de Benjamin para *A Hora da Juventude*, um dos seus programas de rádio. Esta oficina resultará na criação de episódios de podcast em que se contam histórias, ou se disserta sobre a criação de histórias, colocando em diálogo crianças de diferentes contextos, na criação de uma manta de retalhos radiofónica.

1 a 5 jul 2024

Artes nas Férias do Verão

A LIBERDADE, é um poema?

Oficina em continuidade

Fábrica das Artes - 10h00 às 17h00 (acolhimento a partir das 9h30)

6 aos 10 anos

Durante uma semana vamos percorrer os caminhos criativos que rodeiam a instalação *Quanto vale a liberdade?*.

Uma máquina de revoluções que foi criada para comemorar os 50 anos da democracia portuguesa e que nos propõe infinitas possibilidades de encontro com a liberdade e as suas múltiplas dimensões.

Serão dias recheados de descoberta, em que através das várias expressões artísticas, do teatro ao movimento, da música à cenografia, e sempre com muita poesia, cada um poderá encontrar a sua voz única e a forma de participar nesta incessante busca e na construção coletiva da liberdade.

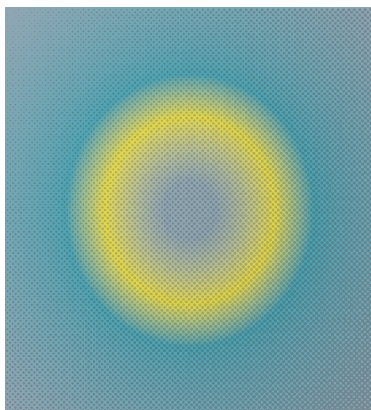
Com Guilherme Gomes, Tânia Guerreiro, Luís Santos, André Pardal, Bernardo Souto, David dos Santos, Inês Minor, Nádia Yracema

Cultura É Educação – CCB/Fábrica das Artes

Cultura É Educação é um programa para quatro anos (2019-2023) que resulta de uma parceria entre o Agrupamento de Escolas de São Bruno, o CCB/Fábricas das Artes e o Plano Nacional das Artes.

A partir da programação Fábrica das Artes e envolvendo os seus artistas e comunidades educativas, o programa foi concebido em três eixos que se interligam - os planos da fruição de espetáculos, instalações e oficinas, através da experimentação e reflexão no campo das práticas artísticas no CCB; residências de experimentação e criação artísticas na escola com artistas e respetivos projetos que integram a programação FA; e um espaço formativo e de reflexividade entre os profissionais que aqui se cruzam para, a partir das experiências vividas, explorar mais a dimensão criativa da construção de conhecimento e a transversalidade disciplinar. Abrimos nesta temporada um novo ciclo de implementação deste projeto em diversas escolas e graus de ensino.





Centro de Arquitetura/Garagem Sul

Mecenas para a Temporada 2022—2024
Fundação Millennium bcp

FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

Exposições

Até 10 set

Sala de Aula, um olhar adolescente

Curadoria Joaquim Moreno



A exposição foi inspirada pela condição difícil de uma geração que teve de experimentar a transição para a vida adulta durante uma pandemia. Para investigar os indícios desta mudança em curso, uma série de perguntas foram realizadas: Como foram projetados e concebidos os espaços escolares? Como foram geradas estas comunidades de aprendizagem? E como é que o ensino profissional reorganiza as relações entre trabalho e conhecimento?

Exposição organizada pelo **Centro de Arquitetura/Garagem Sul e o Plano Nacional das Artes, arc en rève centre d'architecture e Z33 House of Contemporary Art, Design and Architecture.**

Exposição cofinanciada pela **União Europeia.**

Até 10 set

Escola do Porto Santo: Uma obra de Raúl Chorão Ramalho

Curadoria Madalena Vidigal e Diogo Amaro



Nos anos de 1960 fez-se uma escola na ilha do Porto Santo que serviu como espaço de aprendizagem para várias gerações de porto-santenses e, hoje, classificada como património, acolhe um programa de atividades e residências artísticas que a projeta no futuro. Esta exposição apresenta o ambiente, a matéria, o habitat e a arquitetura desta obra singular.

Exposição organizada pelo **Centro de Arquitetura/Garagem Sul e a Porta 33**



17 out a 28 abr

Habitar Lisboa

Curadoria Marta Sequeira

Desde 2014, o preço da habitação em Portugal tem vindo a subir mais de 6% por ano. Lisboa foi o município mais afetado do país, contagiando os concelhos em redor e empurrando os seus habitantes para fora do centro.

A exposição *Habitar Lisboa* procura apresentar o estado da arte das operações arquitetónicas de habitação que têm vindo a ser levadas a cabo em Lisboa ao longo de 50 anos de democracia, tornar visível a situação atual da habitação na cidade e apresentar desígnios para o futuro, conjugando ideias e propostas de profissionais de diversas áreas – da Sociologia, da Geografia, da Paisagem e, sobretudo, da Arquitectura.

Exposição com o apoio da **Câmara Municipal de Lisboa, DINÂMIA'CET – Iscte, NOVA IMS, INE e HAGER.**

28 mai a 15 set

Hestnes Ferreira: forma, matéria, luz

Curadoria Alexandra Saraiva, Patrícia Bento d'Almeida e Paulo Tormenta Pinto

Exposição que tenta responder a uma questão: Como compreender e situar a heterodoxa arquitetura de Raúl Hestnes Ferreira (1931-2018)? A exposição parte da documentação em arquivo na Fundação Instituto Marques da Silva, com obras realizadas entre o final dos anos 1960 e a primeira década do século XXI.

Exposição organizada pela **Fundação Instituto Marques da Silva**

28 mai a 15 set

L'Amour Fou

Arte arquitetura

No momento em que o Centro de Arquitetura/Garagem Sul se trasladou para o Museu de Arte Contemporânea apresentando a exposição de Marina Tabassum, recebe esta exposição do MAC/CCB, numa troca que afirma a vocação de diálogo entre tipologias que define a atividade do CCB. Com o título apropriado à novela de André Breton de 1937 (e ao filme de Jacques Rivette de 1969), a tónica da exposição são os encontros e a sedução dos artistas visuais pela arquitetura, por vezes também os seus desencontros.

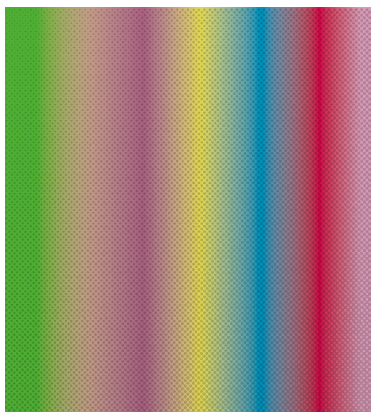
Curso

26 out, 2, 16 e 23 nov

Histórias Globais da Arquitetura

Por Elisana Sousa Santos

Neste curso serão analisadas várias linhas da historiografia da arquitetura, em que assistimos à expansão de áreas geográficas, à ampliação de períodos cronológicos e à multiplicação de vozes autorais.



Museu CCB

Até 10 set

Um foco em Paula Rego



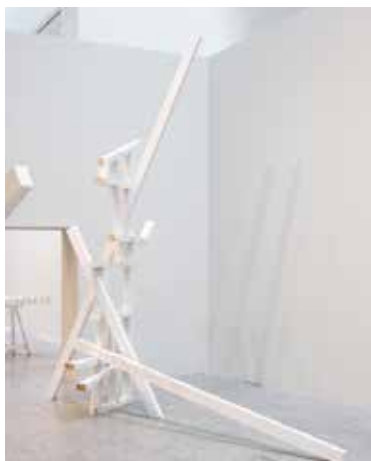
Concebida em torno da obra *O Impostor* (1964), recém-adquirida pela Coleção de Arte Contemporânea do Estado (CACE), esta apresentação inclui igualmente um conjunto de peças da artista produzidas no mesmo período.

Até 10 set

Fernanda Fragateiro

Em Bruto: Relações Comoventes

Curadoria Alfredo Puente



Partindo de uma estrutura complexa de traves, cavaletes e barrotes que convocam noções de reconstrução do espaço e da sua reconfiguração, esta exposição de Fernanda Fragateiro gera uma teia de reflexões sobre o arquitetônico, a cidade, o espaço e a modernidade.

Exposição produzida pela **Fundación Cerezales Antonino y Cinia e pelo Centro Cultural de Belém**

Até 31 dez

Dos Pés à Cabeça

Curadoria Cristina Gameiro



Dos Pés à Cabeça é uma exposição sustentada na representação do corpo nos diversos suportes artísticos. Pensada especificamente para crianças, mas dirigida a toda a família, é constituída por obras da Coleção Berardo.



28 out a 10 mar
Palindroom, 2019
Berlinde de Bruyckere

Berlinde de Bruyckere (n.1964) é uma artista belga que tem desenvolvido um importante trabalho nos campos da escultura e do desenho. A exposição que vai apresentar no Museu, para aqui especificamente concebida e a primeira em contexto museológico da artista em Portugal, centra-se sobre a figura do anjo como criatura intermediária, na qual se investem questões contemporâneas de género, metamorfose e mediação. Ao longo da exposição serão apresentadas duas performances de Romeo Runa.

Palindroom, 2019
Alt 195 x 286 x 120 cm
Cera, ferro, couro, chumbo, têxtil, epóxi
Foto: Mirjam Devriendt

22 mar a 8 set
Evidence: Soundwalk Collective & Patti Smith

Evidence é uma jornada poética e imersiva através das viagens físicas, sonoras e visuais do Soundwalk Collective ao entrar em diálogo com as trajetórias poéticas de Patti Smith. Entre som, filmes, imagens abstratas, objetos e criações recolhidas ao longo das viagens do coletivo, esta exposição conduz o público por uma vasta instalação exploratória que une fotos, textos e obras originais de Smith.

18 abr a 22 set
Marina Tabassum: Notícias do Bangladesh
Curadoria Vera Simone Bader e André Tavares

O modo como a arquiteta Marina Tabassum pensa e constrói oferece alternativas à pressão global dos materiais industriais que resultam na proliferação – fácil e rápida – de edifícios confusos, impessoais, deslocados e fora de contexto. Dessa prática resultam obras que enraízam a arquitetura e uma paleta de materiais que conjuga o clima com o lugar, a cultura e a história da terra.

Exposição organizada pelo **Architekturmuseum der TUM**

Exposição permanente
Objeto, Corpo e Espaço
A revisão dos géneros artísticos
a partir da década de 1960



O núcleo contemporâneo da Coleção Berardo inicia-se com obras da década de 1960, partindo das primeiras experiências minimalistas e conceptualistas. As últimas salas são dedicadas à pintura e escultura do final do século XX e princípio do século XXI, com peças de artistas que trabalham agora num mundo globalizado e culturalmente diversificado.

Exposição permanente

Coleção Berardo do Primeiro Modernismo às Novas Vanguardas do Século XX

Curadoria Rita Lougares



O percurso pela Coleção inicia-se no piso 2 do museu com núcleos dedicados às principais vanguardas históricas da primeira metade do século XX, como o Cubismo, o Dadaísmo ou o Surrealismo. Seguem-se os movimentos emergentes no pós-guerra, de que são exemplo o Informalismo, e o Expressionismo Abstrato entre outros. O Neodadaísmo, o Nouveau Réalisme e os núcleos de Pop Art britânica e norte-americana encerram esta primeira parte do percurso.

DES CON TOS

Nova Temporada 2023–2024, Um Chão Comum

Descontos habituais

50%

Pessoas com necessidades específicas e acompanhante
Profissionais e estudantes da área dos espetáculos *
Desempregados *

30%

Titulares do Cartão CCB

20%

Maiores de 65 anos
Menores de 30 anos
Estudantes
Grupos + 20 pax

Descontos especiais Abertura de Temporada*

50%

De 22 a 25 de junho 2023: venda com desconto
para portadores do Cartão CCB e novas adesões,
limitado a dois bilhetes por espetáculo de produções
e coproduções CCB

Desconto especial 30 Anos CCB

30%

Válido no dia 30 de cada mês, até dezembro 2023
Pessoas com 30 anos até 31 dezembro 2023

* Mediante apresentação do comprovativo à entrada

Os descontos apresentados são válidos para a Temporada CCB 2023–2024.

Aplicam-se em bilhetes com valor superior a 12€ referentes a espetáculos e outras atividades culturais de produção e coprodução CCB. No caso dos portadores do Cartão CCB, os descontos aplicam-se em bilhetes com valor superior a 8€.

Todos os descontos são aplicáveis quer na Bilheteira física quer na Bilheteira *online* do CCB. Descontos não acumuláveis.

A programação da Temporada 2023–2024 pode ser alterada por motivos imprevistos.

Consulte sempre a programação atualizada em ccb.pt.



TEMPORADA UM CHÃO COMUM 2023 – 2024



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



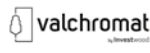
PARCEIRO MEDIA PARA A TEMPORADA 2023/2024



PROJETO CCB-CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR



EMPRESAS CCB



MECENAS GARAGEM SUL

